

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
MATEMÁTICA**

LUARA ARTHUR FEOLA

**DESOBEDIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS DISSIDENTES DO
ENSINO BÁSICO**

PONTA GROSSA

2024

LUARA ARTHUR FEOLA

**DESOBEDIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS DISSIDENTES DO
ENSINO BÁSICO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática da Universidade Estadual de Ponta Grossa como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino de Ciências e Educação Matemática. Área de concentração Formação de Professores e Ensino de Ciências.

Orientadora: Professora Bettina Heerdt.

PONTA GROSSA

2024

F344 Feola, Luara Arthur
Desobediência no ensino de Ciências e Biologia: narrativas e de professoras
dissidentes do ensino básico / Luara Arthur Feola. Ponta Grossa, 2024.
117 f.

Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Educação Matemática -
Área de Concentração: Formação de Professores e Ensino de Ciências),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Bettina Heerd.

1. Narrativas docentes. 2. Formação docente - Ciências e biologia. 3. Corpos
dissidentes. 4. Desobediência. I. Heerd, Bettina. II. Universidade Estadual de
Ponta Grossa. Formação de Professores e Ensino de Ciências. III.T.

CDD: 510.7



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

Av. General Carlos Cavalcanti, 4748 - Bairro Uvaranas - CEP 84030-900 - Ponta Grossa - PR - <https://uepg.br>

TERMO

TERMO DE APROVAÇÃO

LUARA ARTHUR FEOLA

"DESOBEDIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS DISSIDENTES DO ENSINO BÁSICO"

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática, Setor de Ciências Exatas e Naturais da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Ponta Grossa 13 de março de 2024.

Membros da Banca:

Profa. Dra. Bettina Heerd – UEPG
(Presidente)

Prof. Dr. Yonier Alexander Orozco Marin – UFNT
(Membro Externo)

Profa. Dra. Josie Agatha Parrilha da Silva – UEPG
(Membro Interno)



Documento assinado eletronicamente por **Marilei Casturina Mendes Sandri, Vice-coordenador(a) do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática**, em 16/03/2024, às 20:24, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Josie Agatha Parrilha da Silva, Professor(a)**, em 19/03/2024, às 05:24, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Bettina Heerdt, Professor(a)**, em 02/04/2024, às 11:20, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



Documento assinado eletronicamente por **Adriana Aparecida Telles, Secretário(a)**, em 18/04/2024, às 16:18, conforme Resolução UEPG CA 114/2018 e art. 1º, III, "b", da Lei 11.419/2006.



A autenticidade do documento pode ser conferida no site <https://sei.uepg.br/autenticidade> informando o código verificador **1861131** e o código CRC **B1D92523**.

Dedico esta dissertação a todas as professoras da educação básica que estão na linha de frente da educação brasileira, fazendo o possível ao seu alcance. Em específico, àquelas que, de alguma forma, buscam se movimentar com vislumbre de uma sociedade outra. Mas, em especial, às minhas semelhantes, travestis, mulheres e homens trans professoras, nós ocupamos um lugar muito importante de representação, um lugar real de possibilidade e acesso, ao mesmo tempo que é um lugar de poder, hoje, é um lugar de muita vulnerabilidade também. Estou falando da precarização do trabalho docente, desvalorização dessas profissionais e desrespeito social. Somos submetidas a contratos temporários em regime especial que não nos dão segurança, todos os anos é uma rinha para conseguir trabalhar. Para além dessas questões trabalhistas, ainda somos alvo de dúvidas nos ambientes de trabalho, vigia social do que estamos propondo e questionamento dos nossos saberes. Ainda assim, estamos usando de nossas engenhosidades para criar e modificar o espaço escolar, ensinando a transgredir por meio do afeto, acolhimento e reconhecimento às estudantes. Esperançar nunca foi tão necessário, essa esperança ativa que nos movimenta, não quero ser a única pessoa trans em um colégio que ocupa um cargo de prestígio, para além da representação e diversidade, eu quero a dissidência, que esta dissertação nos “envene” a cada leitura, que cause incomodo e possibilite a desobediência, sobretudo no ensino de Ciências e Biologia.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer à minha família, que possibilitou meus estudos e encorajou toda a minha trajetória acadêmica e profissional. Minha mãe e meu pai, Rita de Cássia e Luiz Antônio, por todo apoio financeiro e emocional, à minhas irmãs, Larissa, Rafaella e Fernanda pelos conselhos, risos, trocas e compartilhamento de ideias e todo afeto.

Agradeço às minhas amigas – em especial, Clara, Ronna e Raya – dentro e fora da universidade, que sempre estiveram compartilhando as angústias, felicidades e vitórias, por partilharem e criarem comigo redes de apoio, as quais tornaram o ambiente mais acolhedor e seguro, durante toda a minha jornada acadêmica, e ainda fora desse ambiente, com profundas reflexões sobre amor e família.

Agradeço à minha orientadora, por embarcar comigo nessa trajetória, compartilhar a ideia e por todo o apoio durante o percurso, em suas (des)orientações, junto ao seu grupo de pesquisa, que possibilitaram encorajamento, força e resistência.

O meu agradecimento especial é para as professoras Liniker, Natália e Isaac, que se disponibilizaram a participar da pesquisa, sem elas, que reexistem, todos os dias, não haveria narrativas, portanto, esta criação de pesquisa não seria possível.

Sou grata a essa trajetória trilhada, toda leitura e escrita que me formam hoje uma cientista e pesquisadora desobediente.

RESUMO

Como professoras de Ciências e Biologia dissidentes percebem/contemplam seus corpos ao ensinar Biologia? Mesmo ao reconhecer em si uma dissonância com o Sistema, de que modo essas sujeitas produzem (ou não) uma fuga discursiva da matriz cisheteronormativa ao lecionar? Essas perguntas mobilizam esta dissertação, desdobrando-a no objetivo geral de partilhar narrativas autobiográficas de professoras de Ciências e Biologia dissidentes de gênero, sexualidade, cor e etnia, em relação a questões de gênero, materialidade dos sexos e corpos (in)visibilizados no ensino e aprendizagem de Ciências e Biologia; e específicos: gerar narrativas autobiográficas contra hegemônicas em conjunto com professoras dissidentes; compreender os mecanismos de fuga ou permanência utilizados por essas professoras dos conhecimentos bio-lógicos; e a partir das narrativas pensar (des)caminhos para o ensino de uma Biologia Desobediente. Para isso, os principais conceitos e concepções mobilizados na dissertação foram: dissidência, Escrivência, performatividade de gênero, fuga, Sistema e mecanismos de quebra e desidentificação, epistemologia feminista, e dos processos de corporificação de conhecimentos e localização de saberes, regimes de verdade, e concepção bio-lógica. A produção e análise de dados se dá com três professoras dissidentes de Ciências e Biologia da Educação Básica que, por meio de entrevistas, trazem suas Escrivências e narrativas autobiográficas. A realização dessa etapa se deu atendendo aos protocolos éticos. A articulação entre a fundamentação teórico-metodológica e os diálogos originou cinco narrativas: (1) Autobiografia das professoras; (2) Memórias e experiências de escolarização; (3) Partilha de saberes e práticas desobedientes; (4) Engenhosidades para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes; e (5) Nem tudo é *close*. Como resultados, compreendeu-se que, ao aproximar as Ciências Biológicas de debates sociais, uma postura de responsabilidade científica é adotada: colocar em local de disputa os saberes biológicos, reconhecer suas parcialidades e possibilitar novas produções e interpretações múltiplas sobre a vida, natureza e sociedade que contemplem outras corporalidades, outros pontos de vista que fujam dos sujeitos hegemônicos universais das ciências presentes no Sistema, possibilitar o diálogo, partilha e amorosidade no ensino de Ciências e Biologia como esta dissertação propõe, possibilita a criação de novos imaginários e oferece materiais, referências, atividades e metodologias para se fazer ciência e cientistas.

Palavras-chave: Narrativas docentes. Formação docente de Ciências e Biologia. Corpos dissidentes. Desobediência.

ABSTRACT

How do dissident Science and Biology teachers perceive/contemplate their bodies when teaching Biology? Even when they recognize in themselves a dissonance with the *Cistem*, how do these subjects produce (or don't produce) a discursive escape from the cisheteronormative matrix when teaching? These questions mobilize this dissertation, unfolding it in the general objective of: sharing autobiographical narratives of Science and Biology teachers who are dissidents in terms of gender, sexuality, race and ethnicity, in relation to issues and bodies that are made (in)visible in the teaching and learning of Science and Biology process; and specific objectives: to generate counter-hegemonic autobiographical narratives together with dissident teachers; to understand the mechanisms of escape or permanence within bio-logical knowledge used by these teachers; and to think about paths for teaching a disobedient Biology, through their autobiographical narrative. To this end, the main concepts and conceptions mobilized in the dissertation were: dissidence, *Escrevivência*, gender performativity, escape, Cistem, breaking and disidentification mechanisms, feminist epistemology, embodiment of knowledge and knowledge localization processes, regimes of truth and bio-logical conception. The data was produced and analyzed with three dissident teachers of Science and Biology, teaching in Basic Education who, through interviews, shared their *Escrevivências* and autobiographical narratives. This stage was carried out in compliance with ethical protocols. The articulation between the theoretical-methodological foundation and the dialogues gave rise to five narratives: (1) Autobiography of the teachers; (2) Memories and experiences of schooling; (3) Sharing disobedient knowledge and practices; (4) Ingenuities for teaching disobedient Science and Biology; and (5) *Nem tudo é close* (all that glitters is not gold). As a result, it was understood that, by bringing the Biological Sciences closer to social debates, a posture of scientific responsibility is adopted: placing biological knowledge in a context of dispute, recognizing its partialities and enabling new productions and multiple interpretations about life, nature and society that contemplate other corporalities, other points of view that escape the universal hegemonic subjects of the sciences present in the Cistem, enabling dialogue, sharing and amorosness in the teaching of Science and Biology as this dissertation proposes, enables the creation of new imaginaries and offers materials, references, activities and methodologies for Science and scientists.

Keyword: Teacher narratives. Teacher training in Science and Biology. Dissident bodies. Disobedience.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 –	Material de sensibilização: Ilustração de uma mulher preta grávida.....	29
FIGURA 2 –	Material de sensibilização: Ilustração de uma mulher preta com a Síndrome de Cushing.....	30
FIGURA 3 –	Luara e os pontos de costura.....	34

SUMÁRIO

VOCÊS FORAM AVISADAS.....	10
1 MEMORIAS DESAJUSTADAS.....	14
2 CONSTRUINDO AS MINHAS PRÓPRIAS DESORIENTAÇÕES.....	23
3 COSTURAR OS AVESSOS PELOS DIREITOS.....	34
3.1 AUTOBIOGRAFIA DAS PROFESSORAS.....	38
3.2 MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE ESCOLARIZAÇÃO.....	42
3.3 PARTILHA DE SABERES E PRÁTICAS DESOBEDIENTES.....	45
3.3.1 Fuga e manutenção das bio-lógicas.....	45
3.3.2 Saberes e práticas desobedientes.....	49
3.4 ENGENHOSIDADES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DESOBEDIENTES.....	51
3.5 NEM TUDO É <i>CLOSE</i>	55
NÃO VÃO NOS MATAR AGORA.....	60
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO..	69
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM LINIKER (24/10/2023).....	72
APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM NATÁLIA (07/11/2023).....	90
APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ISAAC (08/11/2023)	101
ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP.....	113

VOCÊS FORAM AVISADAS

Gostaria de iniciar este texto fazendo dois alertas às pessoas que o leem. O primeiro, utilizarei a partir desse momento a linguagem sempre no feminino como universal – com exceção aos sujeitos masculinos integrantes – alterando as flexões de gênero, como também o plural, com o intuito de redistribuição da violência¹, pois reconheço a língua como reprodutora e mantenedora de poder simbólico e estrutural. Dessa maneira, aqui, a linguagem se configura como um mecanismo de quebra da hegemonia masculina e de deslocamento de poder, a fim de possibilitar acessos a corpos que (re)existem nas margens e fora delas.

Reafirmo essa marcação com o que Viviane Vergueiro Simakawa (2020, p. 453) fala, sobre a linguagem enquanto “uma dimensão fundamental das dinâmicas de saber-poder, e que as imaginações a partir de desejos decoloniais são elementos potenciais para transformações nessa linguagem, e, portanto, um espaço de disputa política indispensável”. Haja visto, a linguagem nesse texto também desempenhará papel fundamental de disputa epistêmica, contra hegemônica, contracolonial, de enunciação e valorização de sujeitas que não correspondem ao Sistema².

Segundo aviso, quanto a estrutura da escrita, utilizarei em diversos momentos a escrita em primeira pessoa, com intenção de aproximar as leitoras com a pesquisa, como também corporificar o texto e os elementos que o integram, como uma medida de corporificação enunciarei o nome completo de todas as autoras a primeira vez que aparecem no texto. Assim como Megg Rayara Gomes de Oliveira (2017) nos alerta, quanto utilização somente sobrenomes, que em sua maioria compreendem apenas indivíduos masculinos, uma tradição que advém do patriarcado.

Passarei propositalmente longe de uma estrutura sistemática e cartesiana, com capítulos bem definidos e uma sequência de eventos lineares e tradicional. Flerto com referenciais pós-estruturalistas advindo de Marlucy Alves Paraiso (2014) e *Submetodologias Indisciplinadas* de Jota Mombaça (2016) que auxiliam nesse meu processo de experimentação textual.

A experimentação faz parte de todo meu processo criativo e discursivo, nos quais utilizo de narrativas pessoais e coletivas que contribuem comigo para o

¹ Conceito de Jota Mombaça que será desenvolvido mais adiante no texto.

² Sistema, com “C”, irá representar a atuação da cisheteronormatividade e sua regulação de corpos. O conceito será desenvolvido adiante no texto.

desenvolvimento desta pesquisa. Trato este texto como uma obra de arte, que está em (des)construção desde 2021, no início de meu mestrado, por isso o coloco como uma grande gestação, que agora os poucos vêm se revelando. Devo acrescentar que, apesar de ser da área das ciências da natureza, esse meu gestar não é biológico e muito menos natural, passa por um longo processo de transformação dos meus eus físico, intelectual, emocional e social.

Não sou a mesma que começou a escrever esta dissertação em 2021, tampouco acredito que serei a mesma ao fim deste processo, por isso, pode haver partes do texto nas quais, em algum momento, há reflexões que se chocam, assim como exponho as mudanças de pensar ideias e ideais. Chamo esses casos de amadurecimento de escrita e, mesmo quando os notei, no processo de escrita, leituras e revisões, escolhi mantê-los como parte de um todo, como parte de quem fui, sou e de quem serei.

Este texto possui muito de mim, está carregado de emoções, emoções essas entrelaçadas com teorias, diálogos, narrativas e histórias. É uma Escrivivência. Assim como Conceição Evaristo (Evaristo *et al.*, 2020) produz esse conceito, eu produzo a partir dele, utilizo como um mecanismo de luta, para poder escrever do modo como eu quero, para poder reivindicar a minha intelectualidade enquanto pesquisadora, para poder, na fragilidade e na fuga, encontrar-me comigo, com as minhas e desestabilizar algumas certezas do ensino de Ciências e Biologia. Assim, questiono: como professoras de Ciências e Biologia dissidentes percebem/contemplam seus corpos ao ensinar Biologia? Mesmo ao reconhecer em si uma dissonância com o Sistema, de que modo essas sujeitas produzem (ou não) uma fuga discursiva da matriz cisheteronormativa ao lecionar?

Essas questões me levam a pensar os objetivos da pesquisa: partilhar narrativas autobiográficas de professoras de Ciências e Biologia dissidentes de gênero, sexualidade, cor e etnia, em relação a questões de gênero, materialidade dos sexos e corpos (in)visibilizados no ensino e aprendizagem de Ciências e Biologia; gerar narrativas autobiográficas contra hegemônicas em conjunto com professoras dissidentes; compreender os mecanismos de fuga ou permanência utilizados por essas professoras dos conhecimentos bio-lógicos; e a partir das narrativas pensar (des)caminhos para o ensino de uma Biologia Desobediente.

Para atender a esses anseios e partilhar o processo de investigação e descoberta, organizo esta dissertação em três capítulos. O primeiro, *Memórias*

desajustadas, traz minha própria narrativa autobiográfica, com foco nas experiências das relações de afeto, do conhecimento construído e dos desafetos, no processo de socialização escolar e universitária. Noto, já nesse momento, o quão presente os marcadores raciais, de gênero e sexualidade estão e como eles reverberarão na minha vida e pesquisa.

Nesse capítulo, tenho a possibilidade de compartilhar alguns conceitos e noções que serão importantes na compreensão dessas memórias desajustadas para a construção que desenrolo na sequência. Dentre elas, falo da dissidência (Marín, 2022), Escrivência (Evaristo, 2020), da performatividade de gênero (Butler, 2019), da fuga (Leal, 2021; Mombaça, 2021; Nascimento, 2021), do Cistema e dos mecanismos de quebra e desidentificação (Preciado, 2017; 2018), da epistemologia feminista, e dos processos de corporificação de conhecimentos e localização de saberes (Haraway, 1995), os regimes de verdade (Marin, 2022), e a concepção biológica (Cassini, 2020; Oyewùmí, 2021).

É a partir dessas referências que caminho *Construindo as minhas próprias desorientações*. Capítulo no qual exploro e exponho as inquietações que movimentam a pesquisa, desde o campo da prática, até às bricolagens epistemológicas e metodológicas que viabilizam esta dissertação.

É no segundo capítulo onde apresento a fundamentação teórica-metodológica da coleta e análise de dados que, se formalmente ocorre como entrevistas a três professoras dissidentes de Ciências e Biologia, no processo dialógico constitui a Escrivência – notadamente com as participantes pretas, Liniker e Natália – e a narrativa autobiográfica delas, e de Isaac, professor bicha branca nortista. Além disso, organizo os procedimentos da realização da conversa com essas sujeitas e apresento o material que apoia nossas discussões.

Tudo isso surge ao Costurar os avessos pelos direitos, capítulo que se subdivide em *Autobiografia das professoras; Memórias e experiências de escolarização; Partilha de saberes desobedientes; Engenhosidades para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes; e Nem tudo é close*. Aqui, trago recortes das entrevistas, que podem ser consultadas na íntegra por meio de suas transcrições, nos Apêndices B, C e D e que me encaminham para as considerações finais, que endossam as palavras de Jota Mombaça e Ventura Profana:

Não vão nos matar agora!

Não vão nos matar agora porque ao costurar esta dissertação, *Desobediência no ensino de Ciências e Biologia: narrativas autobiográficas de professoras dissidentes no Ensino Básico*, identifico as criações, engenhosidades, posições e referenciais possíveis e que vem sendo negociados, colocados em prática e repercutindo em sala de aula, a partir da minha experiência e das professoras com quem troco. Ao questionarmos o “natural”, o “neutro”, questionamos o determinismo e o positivismo que constituem a escola e o ensino de Ciências e Biologia hegemônicos, então, desobedecemos.

Pela compreensão do papel de Ciências e Biologia para além da escola, mas para a vida das alunas e professoras, e na constituição de modelos e conhecimentos sociais e cientificamente validados que, oficialmente, ausentam-se – e em processos autônomos, ocorrem raras vezes – das discussões dissidentes, diaspóricas e contra hegemônicas, possibilito/ possibilitamos a fuga do Cistema, ensinando a tecer e tecendo em conjunto novos imaginários (e materiais, referências, atividades, metodologias) para fazer ciência e cientistas.

1 MEMORIAS DESAJUSTADAS

Ao meu corpo não é permitido sonhar, nem de viver e nem de ocupar...
(Ágata Pauer)

Ao recordar essa fala da Ágata Pauer, no Podcast *PodTravah*, analiso a precariedade do que é me ofertado. Nasci, cresci, (re)existi na cidade de Ponta Grossa, interior do Paraná, uma cidade fundada com o tropeirismo³, provinciana, que herdou fortes tradições da colonialidade. Desde a infância fui uma criança transviada, que nunca se adequou ao ideal masculino, por exemplo, nunca fui boa em futebol, mesmo meu pai e tios sendo jogadores assíduos. Por outro lado, gostava de cabelo comprido, saltos, maquiagem, entre outros artifícios que, em 1999, ainda eram considerados prioritariamente de “mulher”. Durante a fase escolar, essa assimetria ficava cada vez mais evidente.

As minhas lembranças de socialização na escola giram em torno de três eixos, o primeiro das *relações de afeto*, segundo do *conhecimento construído* e terceiro dos *desafetos*. Compreendo as relações afetivas de diversas interações, criança e criança, criança e professora, criança e demais servidoras – as tias da cantina, as tias da limpeza, pedagogas, etc – essas correspondiam, majoritariamente, a relações de respeito e amizade. Remetem-me a recordações boas de brincadeiras e demonstrações de afeto, como abraços, sorrisos, acalantos, entre outros.

O segundo eixo diz respeito à relação direta com o ensino e aprendizagem. Sempre fui muito boa no desenvolvimento do pensamento lógico matemático, o que fazia eu me destacar como “aluna inteligente”, além de tirar boas notas, era tida como “aluna exemplo”, pois era comportada e participativa nas aulas. O estudo sempre foi um mecanismo de encontro comigo, conosco e com outros corpos, mobilizado pelo intuito de ser reconhecida e aceita como sujeita possível nas relações, uma forma de compensar a minha fuga não intencional⁴ à norma.

Já o terceiro eixo, que chamo de *desafetos*, corresponde às diversas violências que sofri em todos esses anos de escolarização. Marcadamente, quanto à identificação de gênero e sexual. Com o passar dos anos, ficava cada vez mais

³ O tropeirismo foi um importante movimento brasileiro de ligação entre regiões. Levavam-se produtos e recursos animais de uma região para outra, o que suscitou o surgimento de caminhos e cidades, dada a necessidade de passagem e estadia dessas tropas.

⁴ Risco a palavra como uma forma de contradição, não consigo distinguir até que ponto desse meu desenvolvimento foi intencional ou não. Até que momento eu me fiz? Ou até que momento me fizeram?

perceptível o meu afastamento do esperado de um menino em minha idade, recorde-me de uma luta constante para não demonstrar trejeitos, seja na fala, como cruzava as pernas ou ainda no gesticular das mãos. Porém, mesmo com toda essa vigilância de si, eu não cabia nessa expectativa, a partir de então, começaram as primeiras piadinhas, adjetivos como “bicha”, “viado”, “baitola”, “mulherzinha”, com teor pejorativo. Isso afetou a minha vivência escolar, como exemplo, eu só ia ao banheiro em momentos que não haveria outras pessoas, evitando, assim, contato com grupos de meninos; também refletiu muito em minhas amizades, a partir desse momento, a maioria eram mulheres. Acredito que ainda tive muita “sorte”, pois todas as violências que sofri nessa época eram mais discursivas, não chegaram à violência física.

Outros momentos referem-se a racialidade. Quando já usava o cabelo black power iniciaram a identificação racial. Estudantes teciam comentários sobre o meu cabelo, como: “ninho de pomba”, “bombрил”, “cabelo ruim”, etc. Além dessas violências explícitas, existiam as mais veladas ou, ainda, em tom de brincadeira, como esconder objetos no meu cabelo sem eu perceber, pegar nele sem autorização, perguntas sobre cuidados básicos como se meu cabelo fosse de outro mundo, algo extraordinário que despertava curiosidade.

Teve, entretanto, um episódio em específico que escancarou esse reconhecimento por terceiras. No primeiro ano do ensino médio, eu tinha bolsa de estudos em um colégio particular, católico, tradicional e renomado de minha cidade. Em um dia letivo, a professora de inglês passou um trabalho em grupo para encenar e gravar um vídeo reproduzindo uma cena de alguma série de língua inglesa. Meu grupo preparou as falas, figurino, câmera, então solicitamos à professora permissão para fazer a gravação no pátio; chegamos lá, todas caracterizadas e prontas para a gravação. No pátio, estavam duas pessoas adultas, um senhor que cuidava de serviços gerais e uma professora, que me chamaram a um canto, separada das minhas colegas e começaram a perguntar se eu realmente estudava naquele colégio, o porquê de estar sem uniforme, solicitaram a minha carteirinha para comprovar que eu era mesmo estudante. Expliquei toda a situação para essas pessoas e a excepcionalidade do trabalho, porém, não acreditaram em mim, perguntaram então a dois colegas meus se eu realmente estudava no colégio para confirmar a minha história, só então me liberaram. Eu não era a única pessoa sem o uniforme do colégio circulando pelo pátio, mas era a única preta com traços negroides naquele ambiente. De todas as violências, foi a única que contei aos meus pais, minha mãe foi comigo

ao colégio no dia seguinte e conversamos com uma pedagoga, esta, também preta, acolheu meu relato e disse que iria conversar com as pessoas envolvidas, porém, minha família nunca teve retorno de ações realizadas pela escola para coibir àquela e outras possíveis violências.

A graduação foi um espaço de desabrochar, foi o momento em que eu me conectei politicamente com as pessoas que hoje construo novas possibilidades de mundo. Ao participar do Movimento Estudantil (ME), em diversas instâncias, como no Diretório Acadêmico da Biologia, o querido Diretório Acadêmico Erasmus Darwin (DAED), no qual participei em três gestões; e no Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), por uma gestão, pude partilhar momentos de luta e resistência com pessoas que se assemelham a mim, política, ideológica e fisicamente. Não era a única. Foi um momento de encontros, encontro de corpos dissidentes e de muitos afetos.

Foram esses espaços do ME que me formaram politicamente, ajudaram a entender e identificar em mim questões de gênero, sexualidade e raça. Foi um encontro de reconhecimento, por nos reconhecermos umas nas outras, em nossas dissidências e fugas do Sistema; e de representação, aos termos umas às outras como referências plurais de sujeitas vivas.

Mesmo com esse empoderamento, ainda haviam desconfortos. Ao tencionar limites da cisheteronormatividade, eu chamava a atenção de olhares, discriminações veladas, mas também intelectuais. Ao defender a minha pesquisa de TCC intitulada *Pessoas LGBTQ+ e suas Vivências no Ensino Superior: Reconhecendo Violências* no qual fiz um levantamento de pessoas LGBTQ+⁵ nas licenciaturas, com o auxílio de um questionário online, pude analisar os confortos e desconfortos dessas pessoas nos espaços e relações dentro de uma Instituição de Ensino Superior. Foi possível constatar que a universidade se configura como um espaço, de maneira geral, mais tranquilo para se viver a diversidade, porém há manifestações de violências mais silenciosas e subliminares, que vão desde olhares e piadas, até a deslegitimação da intelectualidade de estudantes LGBTQ+ (Feola; Silva, 2023).

⁵ Atualmente, a sigla que representa o movimento de lésbicas, gays, bissexuais, transexuais e travestis, queer, intersexo, assexuais, pansexuais, não binários e outras identidades dissidentes de gênero e sexualidade é LGBTQIAPN+. Neste texto, opta-se por LGBTQ+, dialogando com a produção realizada em nível de graduação e reconhecendo a existência e validade das identidades contempladas no "+".

Trago esses relatos ao reconhecer a engenhosidade das Escrevivência que Conceição Evaristo nos enuncia, enquanto “Creio que conceber a escrita e vivência, escrita e existência, é amalgamar vida e arte, Escrevivência” (Evaristo, 2020, p.31). Conteí essas histórias com o intuito de apresentar um pouco da minha vivência, situar-me enquanto pesquisadora, e também para adentrar no debate de reconhecimento e identidade.

Judith Butler (2019) tece o conceito de performatividade de gênero, que seria o conjunto de códigos físicos, discursivos e sociais que correspondem ou não aos gêneros mulher e homem. Sendo esses códigos moldados nas relações e interações entre as práticas discursivas de uma sociedade. Nesse sentido, é a partir do discurso e interpretação dos códigos sociais que as identidades se formam.

Assim, como no meu relato, é perceptível o papel de outras pessoas no reconhecimento e criação de uma identidade do eu e da outra, acaba-se por estabelecer relações de assimetria. Para Butler (2017), essa assimetria se estabelece entre “feminino” e “masculino” a partir da matriz cultural entre sexo/gênero e desejo. Portanto, estabelecem-se gêneros inteligíveis, são “aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (Butler, 2017, p. 43). Enquanto todas as outras possibilidades que fogem dessa norma são tidas como impossíveis ou impossibilitadas de existir.

Logo, o meu eu é muito caro de situar e identificar, pois, como Letícia Nascimento (2021, p.20) traz “não estava em nenhuma margem do rio. Eu pensava que só poderia existir uma margem para o gênero masculino e outra para o gênero feminino. Rompendo com essa realidade, eu escolhi ser o próprio rio” que está em constante movimento, modificando-se, sendo modificada por onde eu passo, desaguando em outros lugares, compartilhando, trocando e construindo saberes. Sou fruto do coletivo, dessas trocas de afeto, de experiências ativistas e acadêmicas, as quais auxiliam na reflexão sobre o eu e as outras.

Custo a identificar-me em categorias estáveis por três motivos: singularização, representação e essencialização. Ao tomarmos as identidades como singulares, recaímos na impossibilidade de visualizar as diversas intersecções que correlacionam as lutas (Leal, 2021; Mombaça, 2021). Fujo da representação, por compreendê-la como um lugar de armadilha do Sistema, de ocupação una, de uma ou poucas pessoas, que não podem e são incapazes de representar as infinitas possibilidades de existir (Leal, 2021; Mombaça, 2021; Nascimento, 2021). Recuso a essencialização

pela lógica simplista da relação sexo/gênero e desejo, da inteligibilidade do gênero como virtude do ser (Butler, 2017).

Alio-me com Paul B. Preciado (2017), ao compreender a dinâmica de identidades como uma possível armadilha, na qual se pretende visibilizar as sujeitas generificadas. Todavia, tomamos o Cistema como norma e referência para designar essas identidades, o que acaba por reforçar os lugares hegemônicos de performances inteligíveis, em assimetria, as que fogem do que se é esperado, as que são reafirmadas como outras, com isso, há a limitação dos seres falantes⁶.

Nesse sentido, Preciado (2018) conceitua a desidentificação como mecanismo de que-bra⁷ dos padrões e expectativas sociais criadas em cima da materialidade das corpos. A desidentificação seria:

Contrariamente à teoria do estádio do espelho laciano, segundo a qual a subjetividade da criança se forma quando esta se reconhece pela primeira vez em sua imagem especular, afirmo que a subjetividade política emerge exatamente quando o sujeito não se reconhece em sua representação. É fundamental não se reconhecer. O desreconhecimento, a desidentificação é uma condição de emergência do político como possibilidade de transformação da realidade (Preciado, 2018, p. 414).

Partilho dessa desidentificação ao não me reconhecer como homem e nem como mulher. Como também ao não partilhar a possibilidade de disputa de criação e transformação das identidades sem o viés do Cistema. É sobre escolher com quem se aliar e as lutas que se está disposta a travar.

A autora Abigail Campos Leal (2021) tece considerações sobre lições de deserção antissocial, que podem auxiliar nesse percurso de corporificação. Assim:

1 – a fuga é sempre um momento de encontro, nem que seja um encontro consigo mesma. Desertar: ir pro deserto é povoar o deserto em nós mesmas, possibilitando encontros com outros corpos, e com outros corpos em nós. 2 - a fuga não é um fora, um lugar idealizado, marcado por uma exterioridade absoluta e pura frente às merdas das quais se foge. A fuga, nesse sentido, é impossível! Não há pra onde correr! Se o boy-trans procurava um lugar sem transfobia, já no carreto deve ter percebido que 'aquele não era o lugar'. 3 – a deserção também é precária, limitada, por isso mesmo, situacional, temporária, uma espécie de respiradouro (Leal, 2021, p.49).

⁶ Preciado (2017) utiliza essa expressão para se referir às pessoas, sem que haja marcações de gênero em seu discurso. Coloca como um mecanismo de deslocamento da hegemonia biológica do sistema. Questiona a possibilidade de alguns sujeitos serem legitimados em suas produções corporais, enquanto outros são patologizados pela mesma produção de tecnologia, no caso, hormonal.

⁷ A palavra quebra é separada por hífen como recurso fonético de fala, para ressaltar o significado atribuído a ela.

Mesmo tentando fugir e desobedecer, é impossível estar completamente fora, visto que somos sujeitas sociais partilhando um mesmo mundo físico e social o que vem ao encontro do que Judith Butler (2017) discute sobre negociações. Ela reconhece as diversas normas sociais presentes, como a articulação dos campos de poder e suas potências de produção, debate quanto as negociações para viver nesse Sistema, momentos de deserção, outros de silenciamento e adequação, como um tabuleiro de xadrez, no qual é necessário abdicar de peças para continuar e vencer o jogo.

Alto-me também à epistemologia feminista de Donna Haraway (1995), pela qual se faz pertinente corporificar as sujeitas e seus conhecimentos, a autora aponta para a localização dos saberes, pauta a parcialidade dos conhecimentos, ao reconhecer a inexistência de neutralidade, visto que tudo o que conhecemos é/foi criado por uma ou grupos de pessoas que ocupavam determinado lugar físico, político e social. Nesse sentido, a produção de conhecimentos é diretamente correlacionada com a visão da sujeita que o produz e, ao identificar esses marcadores, é possível compreender o local de partida e os interesses das partes envolvidas.

Reflico, também, a respeito dos alertas aos saberes situados que Siobhan Guerrero Mc Manus faz, em entrevista concedida à Marín (2022, p. 20), aos regimes de verdades em uma entrevista:

As epistemologias feministas dizem que não podemos dispensar a noção de verdade, nem podemos dispensar a noção de correção do que é argumentativamente correto e do que não é. Também não podemos dispensar a argumentação, e certamente não podemos dispensar apelar para uma base empírica. Não podemos fazer isso porque todo projeto de emancipação que aspira à justiça precisa ser capaz de argumentar e documentar as injustiças. E se você abdica radicalmente do conceito de verdade, também abdica da possibilidade de argumentar e evidenciar as injustiças (tradução própria)⁸.

A pensadora faz uma crítica à simplificação do conceito, de forma exageradamente simplista: se tudo que é situado e produz uma verdade, então tudo o que se produz de forma situada pode ser reconhecido enquanto verdade. Siobhan

⁸ “Las epistemologías feministas dicen que no podemos dispensar de la noción de verdad y tampoco podemos dispensar de la noción de corrección de lo que es argumentativamente correcto y lo que no lo es. No podemos dispensar tampoco de la argumentación, y no podemos dispensar desde luego de apelar a una base empírica. Y no lo podemos hacer porque todo proyecto de emancipación que aspire a la justicia necesita ser capaz de argumentar y documentar las injusticias. Y si tu abdicas radicalmente el concepto de verdad, abdicas también de la posibilidad de argumentar y evidenciar las injusticias” (Marín, 2022, p. 20).

ressalta que, por vezes, esse simplismo conceitual provém do não entendimento de uma série de pensamentos epistemológicos. Ao refletir a respeito dos escritos acima, reconheço as fragilidades e potencialidade da utilização do conhecimento situado, aproprio-me para inserir a minha persona enquanto pesquisadora e explicitar a localidade do conhecimento que construo, não em busca de uma verdade una e única, mas plural.

Como intermédio do debate acima, negocio com o conceito de lugar de fala, de Djamila Ribeiro (2019), para elucidar as leitoras quanto ao meu local de partida, vivências e interesses, falo do lugar de uma pessoa trans feminina, politicamente preta, sem deficiências, de classe média, graduada em Licenciatura em Ciências Biológicas e atualmente mestranda e professora da rede estadual de ensino. A partir das intersecções que coabitam comigo, busco nelas a minha parcialidade, ou seja, a minha intenção de pesquisa. Não almejo a produção de um conhecimento universal e neutro, que possa trazer respostas concretas para todos os problemas que serão abordados, ao contrário, busco cultivar a dúvida, a indagação, o incômodo, trazer cada vez mais perguntas que façam as pesquisas, pesquisadoras e leitoras se movimentarem, não ao encontro de um fim, mas de inúmeros (re)começos.

(Re)começos esses que fujam e contradigam as bio-lógicas, termo que Yonier O. Marin e Suzani Cassini (2020) discutem a partir do referencial de Oyèrónké Oyewùmí (2021), socióloga nigeriana, essas seriam as lógicas do determinismo biológico, da ciência natural positivista, dos binarismos entre macho e fêmea, homem e mulher brancos como sujeitos identitários fixos e universais dos saberes ocidentais. É reconhecer o quanto as produções científicas entendidas como biológicas e naturais tensionam e produzem discursos que ecoam na sociedade, fomentando e dando suporte a narrativas racistas, machistas, eugenistas, capacitistas, que também violam e/ou invisibilizam os direitos de pessoas dissidentes de gênero e sexualidades (Marin; Cassiani, 2020).

Contudo, é importante compreender a diferença entre diversidade de gênero e sexualidade e dissidência. Quando pensamos nos atos públicos de movimentação LGBTQ+, como a Parada LGBTQ+, entendemos que há uma pactuação com discursos hegemônicos, que refletem posições historicamente perpetuadas. A história da luta LGBTQ+ nos conta que fazer parte da diversidade de gênero e sexualidade não determina movimentações contra hegemônicas por parte de suas integrantes.

Desde o Stonewall, em 1969, e o início das passeatas pelo orgulho, observamos a tentativa de higienização desses movimentos por meio do alijamento de pessoas trans e travestis desses espaços. Em 1973, Sylvia Rivera, travesti que lutou no Stonewall e sofreu violências brutais do sistema carcerário estadunidense, foi vaiada por homens gays e mulheres lésbicas cisgêneros ao subir no palco e pegar o microfone para falar.

Em 2019, Linn da Quebrada, cantora, compositora, travesti, preta, teve seu show cancelado na Parada LGBT de João Pessoa-PB, com a justificativa de que suas músicas possuíam um discurso “muito pejorativo”. Ao romper com o discurso hegemônico, essas pessoas são lidas como ameaças a um caminho trilhado pela “diversidade de gênero e sexualidade” que é movimentado pela ideia de poder ser vendido pelo sistema capitalista e “pelo interesse de adquirir e conservar privilégios a partir de um discurso que demanda reconhecimento e inclusão” (Tejada, 2020, p. 9, tradução nossa)⁹.

Portanto, entende-se aqui dissidência de gênero e sexualidade não somente no campo das assimetrias assinaladas por Butler (2017; 2019), mas também como “ação política de sujeitos e coletivos que transgridem as normas hegemônicas sobre a identidade, o gênero, a corporeidade e a sexualidade” (Marín, 2022, p. 94), visando a uma transformação do mundo e não a sua manutenção com ajustes.

Compreender o papel das Ciências Biológicas e aproximá-las de debates sociais é de extrema importância, como uma forma de responsabilidade científica e social. Colocar em local de disputa os saberes biológicos, reconhecer suas parcialidades e possibilitar novas produções e interpretações múltiplas sobre a vida, natureza e sociedade que contemplem outras corporalidades, outros pontos de vista que fujam dos sujeitos hegemônicos universais das ciências presentes no Sistema. É a possibilidade de criação de novos imaginários para se fazer ciência e cientistas.

Retorno a refletir acerca da epígrafe que abre esse capítulo “Ao meu corpo não é permitido sonhar, nem de viver e nem de ocupar” (Ágata..., 2022). Não quero sonhar o sonho do Sistema, não quero viver a expectativa que foi colocada sobre a minha corpa ao nascimento, não quero ocupar os espaços desse Sistema. Pois, o que me permitem é muito pouco para a potência do que sou e do que posso ser, quero sonhar por mim mesma, quero construir um mundo em que eu e as minhas queiram

⁹ “Por el interés de adquirir y conservar privilegios a partir de un discurso que demanda reconocimiento e inclusión” (Tejada, 2020, p. 9).

viver, quero construir os meus próprios espaços de ocupação, que possibilite o desenvolvimento de sujeitas falantes.

Todas as discussões e conceitos percorridos até o momento não se esgotam aqui, continuam sendo aprofundados e baseiam reflexões desenvolvidas nos próximos capítulos, sem esquecer do papel que estas palavras desempenham enquanto Escrivência e narrativa autobiográfica, abordagens sustentadas em Evaristo (2020) e Ferreira (2014; 2015), que é ampliada nos diálogos com as professoras que participam da pesquisa, costurando, comigo, os avessos pelos direitos.

2 CONSTRUINDO AS MINHAS PRÓPRIAS DESORIENTAÇÕES

Olha aí a beleza do que eu tô construindo
Todo ano eu tenho que cavar léguas e léguas pra baixo
Porque as águas que vem de baixo são as águas que eu consigo alcançar
Porque as águas que vem de cima não estão disponíveis para mim.
(Rico Dalasam)

Começo esse capítulo com um fragmento do interlúdio *Não é comigo*, de Rico Dalasam, a música fala de afetos e, ao trazer o fragmento, busco refletir os meus processos de movimentação, a todo momento tentando achar brechas, desviando de barreiras, cavando léguas e léguas para baixo, criando meus próprios caminhos para continuar em busca dos meus ideais.

Ao identificar as intersecções que me perpassam e dividem a espacialidade corpórea, projeto-as para pensar a pesquisa. Trago algumas questões que abriram caminhos para essa pesquisa: Como professoras de Ciências e Biologia dissidentes percebem/contemplam seus corpos ao ensinar Biologia? Mesmo ao reconhecer em si uma dissonância com o Sistema, de que modo essas sujeitas produzem (ou não) uma fuga discursiva da matriz cisheteronormativa ao lecionar? Essas perguntas, sem dúvida, alcançam as estratégias utilizadas para pautar a valorização das diversidades humanas no ensino de Ciências e Biologia; e investigam as formas como as narrativas de professoras que se declaram fora dos padrões – cisgênero, branco ou hetero sexual – e que lecionam ou lecionaram as disciplinas de Ciências e Biologia na educação básica, possibilitam novos aprendizados no ensino de Ciências e Biologia.

Essas questões me levam a pensar os objetivos da pesquisa: Partilhar narrativas autobiográficas de professoras de Ciências e Biologia dissidentes de gênero, sexualidade, cor e etnia, em relação a questões de gênero, materialidade dos sexos e corpos (in)visibilizados no ensino e aprendizagem de Ciências e Biologia; gerar narrativas autobiográficas contra hegemônicas em conjunto de professoras dissidentes; compreender os mecanismos de fuga ou permanência utilizados por essas professoras em relação aos conhecimentos bio-lógicos; e a partir das narrativas mostrar possibilidades de (des)caminhos para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes.

A narrativa autobiográfica é o modo que escolho para construção dos dados, pois compreendo que o exercício de contar e compartilhar histórias amplia as formas

de saber. Posto que a contação de histórias sempre constituiu um modo de conhecimento, apesar da concepção positivista afirmar que a partir de histórias pessoais não seria possível a produção de conhecimento, todavia “sou porque a história é” (hooks, 2017, p. 90). Nesse sentido, estaremos produzindo e compartilhando nossas próprias histórias, percepções e experiências cotidianas, divulgando nossas percepções e saberes, daquilo que está dentro de nós e nos arredores, o que nos cabe e o que também nos transborda. Para além, é um movimento de valorização da oralidade, narrado com o olhar da própria agente de ação, histórias contadas em primeira pessoa que são influenciadas pelas leituras de mundo e pelas intersecções que as perpassam. Nessa pesquisa, as narrativas autobiográficas apresentam-se como uma potente ferramenta de (des)construção de conhecimentos, possibilitando reflexões que tencionem os lugares de inquietação e conforto de cada leitora, bem como Aparecida de Jesus Ferreira escreve:

[...] as narrativas colaboram em levar tais experiências de quem passa cotidianamente por isso às demais pessoas, tirando-as de seu lugar de conforto. As narrativas autobiográficas trazem reflexão e um impacto positivo, mesmo que o teor da narração seja de dor para gerar empatia (Ferreira, 2019, p. 126).

As narrativas autobiográficas possibilitam esse deslocamento de interlocutoras, leitoras e demais envolvidas na pesquisa, exigindo sim empatia, mas também responsabilidade social de movimentações. Essa foi a ferramenta escolhida, por corresponder a proposta de produção de conhecimento a partir dos (des)caminhos, experiências, percalços, planos e ações da vivência de professoras dissidentes.

Por meio do ato de se auto narrar, as participantes da pesquisa podem revelar informações que confirmam e/ou contra-argumentam sobre o funcionamento do Sistema; deixar-nos pistas das suas fugas e permanências, tanto em âmbito social, quanto das bio-lógicas, ao lecionar aulas. Assim, possibilitam traçar pontos distintos a partir um mesmo material e ferramenta de pesquisa, com vislumbres de criações de novas (des)orientações para o ensino de Ciências e Biologia. A escolha das sujeitas da pesquisa se deu pelas trocas entre orientanda e orientadora, em uma de nossas desorientações¹⁰, refletimos sobre o quão interessante seria ouvir professoras que,

¹⁰ Nossa piada interna no grupo de pesquisa, diz sobre os novos modos de se pensar uma pesquisa com referenciais pós-estruturalistas e feministas, em que sempre saímos das orientações com muitas dúvidas/desorientadas.

em algum segmento social, fogem da normatividade imposta pelo Sistema e o quanto essas intersecções influenciam as suas narrativas dentro e fora de sala de aula.

Sandro Prado Santos (2018), em sua tese intitulada *Experiências de pessoas trans-ensino de biologia*, traz aproximações e distanciamentos desta proposta, oferece referencial e apresenta possibilidades de futuro docente e acadêmico. Participam da pesquisa dez pessoas: duas professoras cis de Biologia, duas professoras trans de Biologia e uma aluna trans, da Educação Básica; e quatro professores e professoras cis e uma aluna trans, no contexto do Ensino Superior. Adota a entrevista como ferramenta para o diálogo, entendendo – com o suporte de Deleuze e Parnet (1998), que a entrevista possibilita traçar “[...] um devir, portanto, não como processo de imitação, compreensão, interpretação, assimilação, linearidade, entrevistador x entrevistado ou ajustado à questão resposta, mas um manejo [...]” (Santos, 2018, p. 59). Santos (2018) e eu, com nossas abordagens dialógicas – entrevista e narrativa autobiográfica, respectivamente – promovemos o encontro e a troca. O próprio autor o reconhece, em seu processo de escrita e reflexão, e eu reitero tal movimento em minhas movimentações para a construção desta dissertação. Em sua tese, Santos (2018) apresenta (in)conclusões, por reconhecer que não ocorreu um fim do processo, mas que possibilitou encontros em encruzilhadas, pensares outros para além dos binarismos homem/mulher, Biologia/cultura em um processo de desnaturalização desses dualismos e complexificação da natureza para o Ensino de Biologia.

Noto, também, o papel da autobiografia e da própria escrita – alcançando, por vezes, a Escrivência de Conceição Evaristo (2020), quando o autor propõe que, para ele:

[...] foi o investimento em diálogo, uma conversa em que estive atendo as multiplicidades de linhas que compõem os percursos de des-territorializações, as passagens e aos traçados das linhas de fuga em cada entrevista. Fui acompanhando e intervindo no movimento de passagem de saberes preestabelecidos para a abertura ao plano coletivo de forças, catalisando indeterminações e potência de criação de mim, do outro, do encontro e da escrita (Santos, 2018, p. 60).

A afetação, a posicionalidade, a mobilização e a abertura ao diálogo compõem o processo de pesquisa acessado e acrescento minha própria narrativa autobiográfica, bastante nítida nos capítulos que abrem esta dissertação, mas

presente em todas as etapas de pesquisa, quando busquei, encontrei, fiz contato e propus a colaboração às pessoas que apresento a seguir.

As pessoas integrantes da pesquisa são sujeitas políticas, que se autodeclaram e se autoidentificam fora de alguma normativa do Cistema, são elas: não heterossexuais, inconformes de gênero e racializadas. Visamos trazer as narrativas de professoras de Ciências e Biologia que possuem esses marcadores sociais, não pela essência de suas identidades, mas pelas reflexões que podem trazer, de acordo com sua situacionalidade. Apoiadas nos saberes localizados de Donna Haraway (1995), buscamos entender as particularidades dessas pessoas, dos seus modos de olhar e refletir acerca dos conhecimentos das Ciências e Biologia, como também assentir a parcialidade em suas narrativas, como uma forma de responsabilidade intelectual para a criação de saberes, na presente pesquisa.

A construção das narrativas na pesquisa se deu por conversas individuais em locais desvinculados de ambientes educacionais, isso para possibilitar maior tranquilidade para a promoção de um diálogo, como proposto por bell hooks (2017), diminuindo a pressão acadêmica ou de responsabilização institucional. A metodologia para a construção das narrativas é inspirada em bell hooks (2017), em seu livro *Ensinando a transgredir*, a autora relata uma possível organização de aula, em que há a necessidade de trocas, mas para que essas trocas sejam efetivadas é preciso se mostrar aberta e vulnerável, disposta a também partilhar. Assim, para perceber e receber as histórias das outras pessoas envolvidas, pensamos um ambiente de intercâmbio de narrativas que possibilitasse a fala e escuta qualificada. Atendendo às exigências éticas, o projeto foi submetido e aprovado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa, sob o parecer 6.420.620 (Anexo A).

Os diálogos foram mediados a partir de três momentos. No primeiro momento, busco compreender a localização pessoal e profissional da pessoa, esse ponto se justifica a partir da discussão sobre saberes situados, de Haraway (1995), e lugar de fala, de Ribeiro (2019), com o intuito de identificar os marcadores sociais e profissionais das professoras, como um importante dado suleador¹¹ da localização de suas narrativas. Também é nessa abertura do/ao diálogo quando explico os objetivos da pesquisa, apresento as questões do Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) (Apêndice A) e o parecer que aprova os procedimentos escolhidos para a

¹¹ Termo utilizado como uma forma de descolonizar os saberes, substituindo o “norteador”.

construção de narrativas (Anexo A). Demonstrou-se importante elucidar às participantes o que são narrativas autobiográficas, para que assim ambas as partes estejam de acordo e que a construção de narrativas seja fluida. Trago algumas questões para as sujeitas, que auxiliam nesse início, por exemplo: Quem é você? O que te movimenta? Espero que a partir desses questionamentos se autoidentifiquem e se autodeclarem, narrem um pouco sobre si e o que as constitui em sua vida pessoal e profissional, além disso, promovo uma abertura para que a pessoa possa partilhar as informações que queira e ache pertinente.

No segundo momento, nomeio de memórias e experiências de escolarização, que possibilitam construir as narrativas e compreender parte de suas trajetórias. É quando trocamos lembranças de abordagens docentes a respeito das diversidades no ensino de Ciências e Biologia vivenciadas como estudantes. O diálogo ocorre em torno de trechos de textos e imagens de sensibilização. O primeiro trecho que escolhi é uma passagem do livro *Evolução do Gênero e da Sexualidade*, da autora Joan Roughgarden (2005), que explica as ideias de Darwin sobre seleção sexual.

A teoria da seleção sexual de Darwin é a primeira teoria universal da biologia evolutiva sobre gênero. Darwin alegou, com base em seus estudos empíricos, que machos e fêmeas obedecem padrões quase universais. Ele escreveu 'machos de quase todos os animais possuem sentimentos mais fortes que as fêmeas' e 'A fêmea... com a mais rara das exceções sendo menos impaciente que o macho... é recatada'. [...] Darwin propôs ainda um padrão universal para vida social em animais: 'É certo que entre quase todos os animais há uma luta entre os machos pela posse da fêmea... Os machos mais fortes... e bem armados... unem-se às fêmeas mais vigorosas e bem nutridas... [e] seguramente criam um maior número de descendentes que com as piores fêmeas, as quais estariam compelidas a se unir aos machos subjugados e menos poderosos' (Roughgarden, 2005, p. 168-169).

Nesse fragmento, é possível notar como Darwin transpõe conceitos como dominação masculina e elitismo para a relação social dos animais, como se fosse algo natural e biológico, reprimindo a diversidade e transmitindo como verdade para a sociedade. Após a leitura, trago as seguintes questões: Qual a sua primeira percepção ao ler esse trecho? Durante sua trajetória escolar, o que você recorda ter aprendido sobre a seleção sexual? Consegue lembrar episódios na escola e na universidade de como suas professoras abordaram esse assunto? Que outras reflexões você teve enquanto discutimos o assunto?

O segundo trecho é de um artigo da autora Anne Fausto-Sterling (2001) intitulado *Dualismos em duelo*, ela apresenta o caso de uma atleta intersexual que foi impedida de competir nas Olimpíadas de 1988.

Na correria e excitação da partida para as Olimpíadas de 1988, Maria Patiño, a principal das corredoras com barreira da Espanha, esqueceu o certificado médico declarando... o que parecia patentemente óbvio para quem quer que a olhasse: tratava-se de uma mulher. Mas o Comitê Olímpico Internacional (COI) tinha previsto a possibilidade de que algumas competidoras esquecessem seus certificados de feminilidade. Patiño apenas tinha que se apresentar ao 'escritório central de controle da feminilidade', raspar algumas células da bochecha, e tudo ficaria em ordem – ou ela assim pensou.

Algumas horas depois da raspagem, recebeu um chamado. Alguma coisa não dera certo. Ela voltou para um segundo exame, mas os médicos ficaram em silêncio. Então, quando se dirigia ao estádio olímpico para começar sua primeira corrida, os funcionários de pista deram a notícia: ela tinha sido reprovada no teste de sexo. Ela podia parecer mulher, tinha a força de uma mulher e nunca tivera razão para suspeitar que não fosse mulher, mas o exame revelara que as células de Patiño continham um cromossomo Y e que seus lábios ocultavam testículos. Além disso, ela não tinha nem ovários nem útero. Segundo a definição do COI, Patiño não era uma mulher.

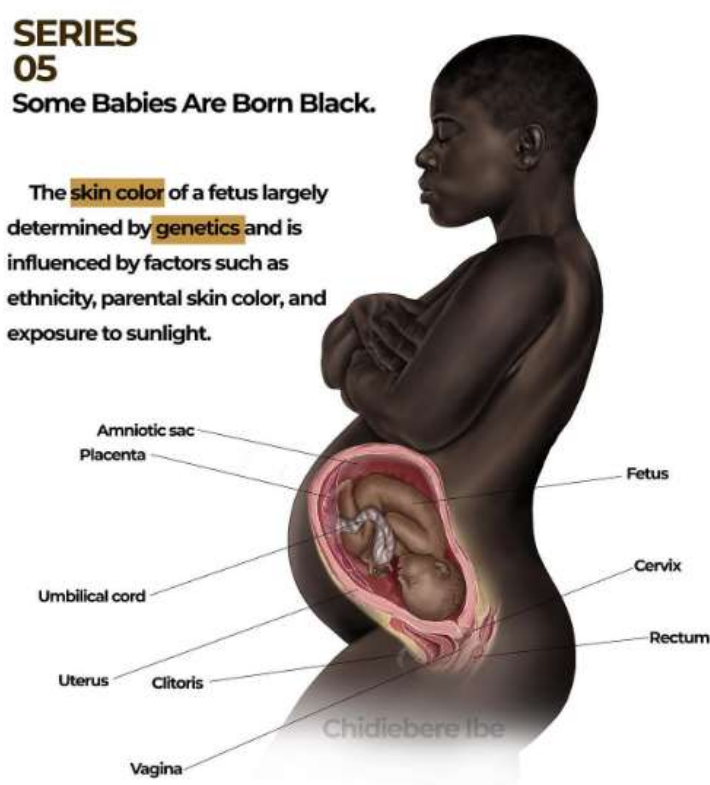
Patiño gastou milhares de dólares consultando médicos a respeito de sua situação. Estes explicaram que ela nascera com uma síndrome de insensibilidade ao andrógeno. Isso queria dizer que, embora tivesse um cromossomo Y e seus testículos produzissem testosterona suficiente, suas células eram incapazes de detectar esse hormônio masculinizante. Por isso, seu corpo nunca produziu características masculinas. Mas na puberdade seus testículos produziam estrógeno (como os testículos de todos os homens), que, por causa da incapacidade de seu corpo de reagir à testosterona, provocaram o crescimento de seus seios, o estreitamento de sua cintura e o alargamento dos quadris. Apesar de um cromossomo Y e testículos, ela crescera como mulher e desenvolvera formas femininas. ... 'Eu sabia que era uma mulher', insistiu com um repórter, 'aos olhos da medicina, de Deus e, acima de tudo, aos meus próprios olhos' (Fausto-Sterling, 2001, p.11-12).

Esse trecho nos faz refletir a fragilidade de nossas concepções biológicas científicas sobre a materialidade dos sexos, que podem apresentar um espectro de possibilidades. No caso anterior, apesar da atleta conter em seu genoma o cromossomo Y, ela não manifestava a presença de um pênis, o que nos desloca a pensar como a determinação anatômica pode ser bem mais complexa do que compreendemos atualmente. Nesse sentido, trazer exemplos semelhantes visibiliza pessoas intersexo, não a partir do viés patológico, mas, sim, como corpos possíveis de excitação, reprodução e existência natural, que não necessitam de intervenções cirúrgicas sem o consentimento da pessoa e seus responsáveis. Dessa forma, busco

refletir com as professoras: Qual a sua primeira percepção ao ler esse trecho? Durante sua trajetória escolar, foi oportunizada a pensar a intersexualidade? Consegue lembrar episódios na escola e na universidade de como suas professoras abordaram esse assunto? Que outras reflexões surgem enquanto discutimos o assunto?

Ainda no segundo momento, mostro duas ilustrações de Chidiebere Ibe, ilustrador e estudante de medicina na Universidade de Copperbelt, na Zâmbia, natural da Nigéria. Em suas obras, há imagens anatômicas para estudo e divulgação científica de corpos negros, a Figura 1 mostra o corpo de uma mulher preta grávida.

FIGURA 1 – Material provocador: Ilustração de uma mulher preta grávida



Fonte Chidiebere Ibe, 2023. Ilustração digital A.

Na Figura 2, há uma mulher preta com a síndrome de Cushing¹². As duas ilustrações nos levam a refletir sobre a representatividade de corpos não brancos no ensino, dessa forma, busco junto às professoras refletir as questões étnico-raciais

¹² É uma síndrome caracterizada por níveis elevados do hormônio cortisol no sangue, que ocasiona acúmulo de gordura na região abdominal e face. Pode ter diversas causas como o uso desacerbado de corticoides, entre outras. Para saber mais, disponível em: <https://www.medicina.ufmg.br/observaped/sindrome-de-cushing/>.

durante seus períodos de escolarização, bem como na graduação e em suas práticas de ensino.

FIGURA 2 – Material provocador: Ilustração de uma mulher preta com a Síndrome de Cushing



Fonte Chidiebere Ibe, 2023. Ilustração digital B.

São mobilizadas questões como: você já viu essas imagens ou semelhantes? Quais foram as suas primeiras impressões? Durante sua escolarização básica ou formação universitária, você teve a possibilidade de encontro com corpos diversos no ensino de Ciências e Biologia? Pode contar suas lembranças? Ao reconhecer as práticas do processo de formação educacional, desde a etapa escolar à graduação, é possível identificar como essas professoras aprenderam a olhar para os conhecimentos durante esse período e o quanto foram oportunizadas a refletir sobre as relações étnico-raciais. Com isso, espero o relato das professoras sobre como foram as discussões a respeito das relações étnico-raciais durante as aulas de Ciências e Biologia na escola e graduação, se esse assunto foi abordado em algum momento e como foi essa abordagem. Assim, traçar comparativos entre o ensino de

gênero, sexualidade, etnicidade e racialidade, visibilizando as intersecções entre as temáticas nos trechos e imagens provocadoras.

E o último momento está alicerçado na pesquisa de Yoner Orozco Marin e Suzani Cassiani (2020), em que as autoras ressaltam a importância de se pensar a Biologia para além das especificidades do conhecimento científico, como também “os imaginários e representações que circulam na sociedade sobre o papel da Biologia na organização social, os discursos biológicos sobre temas como racismo, dissidência sexual, identidade de gênero, eugenia, machismo, capacidade de aprendizagem, entre outros” (Marin; Cassiani, 2020 p. 38). Assim, organizo o diálogo a respeito das fugas ou permanências do Cistema produzidas por essas professoras na sua atuação profissional, a partir das seguintes questões: Você recorda e poderia relatar se em algum momento da sua docência já abordou alguma questão de diversidades (gêneros, sexualidades, cores e etnias) ao ensinar Ciências e Biologia? Quais foram os seus medos e angústias ao abordar esses temas? Quais temáticas abordou? Quais materiais utilizou durante essas aulas? Há obstáculos no planejamento e ao ministrar aulas? Se sim, poderia narrar? Caso não tenha abordado, teve algum empecilho pessoal ou institucional/estrutural? Agora que trocamos referências, você consegue idealizar esses materiais que utilizamos em nossa conversa em uma aula de Ciências e Biologia? Há mais alguma coisa que gostaria de acrescentar ou ressaltar em nossa conversa?

Esse momento foi elaborado como uma forma de contar e compartilhar saberes relacionados ao ensino de Ciências e Biologia, durante as narrativas, as professoras são instigadas a relatar um pouco da sua práxis ao ensinar, bem como contar e refletir sobre o seu olhar acerca das bio-lógicas. Nessa última etapa, as narrativas são preenchidas por reflexões sobre como organizam suas aulas, se englobam ou não as diversidades; pela partilha de experiências, medos e angústias ao falar sobre essas temáticas, de materiais que conhecem e utilizam. Com essas trocas, podemos traçar pistas que nos auxiliam a propor um ensino de Ciências e Biologia desobedientes.

Compreendo um ensino desobediente como aquele que quebra com a hegemonia estrutural e teórica europeia da cisheteronormatividade. Penso em conjunto com bell hooks (2017), que seria uma pedagogia engajada, um ensino contextualizado como prática da liberdade, que possibilite romper fronteiras, vislumbrar e construir outros lugares e meios de produção de conhecimentos contra

hegemônicos. Trata-se de criações de saberes que valorizem o fazer-se diverso, a deserção desse Sistema e o impulso às potências de vida, com tensionamentos para uma sociedade outra.

Em consonância, Ciências e Biologia desobedientes são apresentadas aqui como um meio de fracasso do Sistema, aquela que se prolifera das ditas exceções à regra, que não têm o intuito de ser totalitária e universal, que escancaram tudo aquilo que não coube nas caixas da Biologia tradicional, configuram-se como subalternas nessa disputa de saber e poder. Além disso, acrescento uma noção de ecotransfeminismo de Alice Pagan (2020), a autora nos faz refletir sobre um ensino de Biologia nos moldes femininos. Esse feminino diz respeito às expectativas do Sistema, a corpos socializados como femininos, diz sobre o resgate à intuição, afetividade e amorosidade com a relação à natureza. Destaca que:

A ciência colonizadora, essa ciência que veio tentando dominar a natureza, de certa forma, ela traz uma característica de ser competitiva, analítica, neutra, que se mostram habilidades fortemente marcadas na construção social do gênero masculino. O que proponho é começarmos a trazer para esse processo de construção da ciência biológica um pouco do feminino, um pouco desse olhar do afeto, desse olhar do autoconhecimento, da intuição, da conexão mais profunda com a natureza (Pagan, p. 8, 2020).

O fracasso ao Sistema também pode provir da afetividade, ao quebrar com a ideia de dominação da natureza e estabelecer relações de diplomacia e equidade, estamos produzindo desobediências no ensino. Não estamos preocupadas apenas se as estudantes compreenderam o conteúdo, mas também como se sentem a respeito desses conhecimentos. Incentivamos que estreitem laços com a natureza e com o ambiente ao seu redor. Estamos pensando um ensino e aprendizagem das Ciências e Biologia por meio da partilha, da contação de histórias, da afetividade, da intuição, com a quebra e crítica das dicotomias, para abrir possibilidades outras de se fazer professora e aluna nessa construção conjunta de conhecimentos.

Ao identificar a gama de referenciais, criações e histórias presentes, essa pesquisa se faz pertinente ao reconhecer o ensino de Ciências e Biologia como (re)produtor de um Sistema hegemônico de “verdades”, o qual detém capital cultural, simbólico e científico. Questionar esse lugar é dar nome e rever o “natural”, é produzir um fim do que conhecemos, pensar em possibilidades de novos começos. Para além, investigar junto às professoras da educação básica que fogem à normatividade abre

caminhos para relatar novos processos de escolarização que estão ocorrendo e que ainda não foram narrados.

Reitero que não estou propondo a negação do conhecimento científico sobre o ambiente escolar; mas, sim, seu reconhecimento a partir de outro ponto de vista, considerando o que Haraway (1995) fala de saberes situados, pois não há conhecimento neutro. Rever essas abordagens educacionais sem o filtro do Sistema colonizador pode possibilitar uma compreensão outra e, acredito, com várias indagações novas, o que pode gerar novas estratégias e reflexões nos espaços educacional, político e social.

3 COSTURAR OS AVESSOS PELOS DIREITOS

Em uma confecção de roupas, é necessário seguir uma série de passos – nem sempre lineares – para que as ideias passem do papel para o tecido. Nesse capítulo, proponho desenrolar os carreteis, passar os fios nas agulhas e calibrar nosso ponto de costura, sem esquecer da tensão da linha. Linha esta que irá compor e costurar nossas narrativas, por vezes, seu ponto será reto, outras ziguezague, podendo ser overlock, decorativo e até mesmo invisível.

FIGURA 3 – Luara e os pontos de costura



Fonte: a autora, 2024.

Costurar os avessos pelos direitos nem sempre é uma metáfora, ao costurar uma roupa, você pode fazer uma costura toda pelo avesso, isso te possibilita um acabamento invisível para a peça, sem que apareça qualquer rebarba ou costura do lado direito. Essa é uma possibilidade dentre incontáveis combinações possíveis de

se produzir algo, assim, busco na experimentação textual construir uma possível metodologia de pesquisa, aliada a pesquisadoras que me auxiliam a delinear estratégias de criação, produção e organização desta dissertação.

Essa construção de pesquisa não possui um ponto de partida estático e único, busco referências metodológicas que contemplem, em alguma medida, a minha pesquisa, utilizo dos escritos sobre bricolagem de Marlucy Alvez Paraíso (2012) que me auxiliam a costurar os avessos pelos direitos. Ao modelar uma metodologia experimental, alinhavo¹³ as *Submetodologias Indisciplinadas* de Jota Mombaça “em prol de uma abordagem contextual e transitória que force a produção de conhecimento a assumir a precariedade que a constitui, abrindo-a à multiplicidade de estratégias e procedimentos metodológicos requerida por esse corpo indisciplinar” (Mombaça, 2016, p.344).

A bricolagem é contrabandeada nesse texto como um mecanismo de construção e organização de metodologia de pesquisa. É um fazer da articulação, para juntar ideias, mecanismos e ferramentas distintas entre si, mas que possuem uma congruência na pesquisa. Paraíso (2012, p. 33) traz que a “bricolagem é um momento de total desterritorialização, que exige a invenção de outros e novos territórios”, interpreto como a retirada de partes de um local para transpor em outro, utilizando de colagem para juntar as partes que foram recortadas, com o intuito de criar novos significados para aquele conjunto de saberes, é uma fuga sem um fora, para usar uma analogia de território, é um sair de casa, mas sem sair do terreno da residência. São partes que não têm o intuito de totalidade e nem integralização, mas que, em união, criam significados singulares para esse construto, que atendem às demandas e corroboram o fazer metodológico. Cria-se uma teia de conhecimentos, que é feita organicamente, é resistente, organizada e flexível, o que possibilita se modificar e ser modificada, de acordo com as necessidades da pesquisa, sem que haja desmonte total da perspectiva gerada.

Ao olhar para Jota Mombaça (2016), a leitura que faço de *Submetodologias Indisciplinadas*, é de não estarem interessadas em uma estrutura ou pequenas mudanças, longe disso, é a busca por criar novas formas de se fazer pesquisa e pesquisadora. Possui vislumbres de criações outras, ainda não vistas e nem possibilitadas pela academia, por isso seu nome, que faz referência a algo que não

¹³ Termo alinhavar, na costura diz sobre juntar partes de uma peça para provar, deixar alinhado, mas sem fazer uma costura definitiva.

possui prestígio, que está abaixo, inferior. Nesse sentido, é algo que vem de fora da academia para invadir, desestabilizar e colocar outros projetos dentro desses espaços hegemônicos de conhecimento.

Busco referencial na bricolagem (Paraiso, 2012) como um mecanismo para articular as *Submetodologias Indisciplinadas* (Mombaça, 2016) com as narrativas autobiográficas (Ferreira, 2014; 2015) para criar um instrumento de análise das narrativas. Assim como a construção das narrativas esta pensada em três momentos segui, inicialmente, a mesma proposta para análise, os chamei de: *Autobiografia das professoras; Memórias e experiências de escolarização; e Partilha de saberes e práticas desobedientes*. Entretanto, na retomada das narrativas e na costura com a fundamentação teórica, surgem novas potências e possibilidades de análise, que chamo *Engenhosidades para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes e Nem tudo é close*. As *Engenhosidades para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes* tem referências no pensamento de engenhosidade de Conceição Evaristo (2020), fala sobre um jogo de cintura que negros aprenderam a ter como uma forma de resistência, as vezes é tido como passividade ou silenciamento, mas é um mecanismo de luta para continuar vivo. Nessas narrativas a engenhosidade se encaixa nas artimanhas adotadas pelas professoras para permanecerem e também transgredirem as expectativas do Sistema no espaço que ocupam.

Enquanto que *Nem tudo é close* refere-se às outras demandas trazidas pelas professoras que não foram contempladas nas seções anteriores e que abordavam – conforme o roteiro do diálogo proposto – campos da teoria, prática e conhecimentos correspondentes aos objetivos geral e específicos da pesquisa. Esta seção traz questões que extrapolaram as minhas expectativas de pesquisadora, mas que fazem parte dessas pessoas e de suas ações cotidianas e docente, e que não poderiam ficar de fora desta costura.

Em *Autobiografia das professoras*, trago nas vozes das participantes sua identificação. Cada uma revela, nessa introdução, que elementos identitários as constituem mais proeminentemente. Busquei dialogar sobre sua identidade de gênero, orientação sexual e pertencimento racial, formação acadêmica, campo de docência e/ou outra atuação profissional e contexto onde lecionam. Essa seção da análise é uma etapa das narrativas autobiográficas (Ferreira, 2014; 2015), bem como repara um silêncio histórico, como reivindica Evaristo (2020) e Felisberto (2020), em sua proposta de Escrivência. Também é a partir dos elementos trazidos para a

autobiografia que complexifico essas sujeitas para além de uma essencialização simplista da relação sexo/gênero e desejo e as corporifico, junto aos seus conhecimentos.

Em *Memórias e experiências de escolarização*, passeamos pela Educação Básica e Ensino Superior das participantes, demonstrando lacunas semelhantes – em termos de abordagens biológicas sociais, em detrimento das deterministas – mesmo sendo oriundas de instituições diferentes. Além disso, percebo os processos de formação de performatividade (Butler, 2017; 2019), moldada pela experiência enquanto alunas durante os seus percursos nas aulas de Ciências e Biologia.

Em *Partilha de saberes e práticas desobedientes*, o processo de seleção dos trechos das narrativas foi complexo e foi nesse momento optei por abrir mais duas seções que levantam engenhosidades e situações que escapam dos *closets*, que surgiram nas entrevistas. Nessa seção, agrupei as formas metodológicas e os conteúdos escolhidos e arranjados com posicionamentos políticos e identitários das professoras no ensino de Ciências e Biologia.

Em *Engenhosidades para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes*, novamente me apoio em Evaristo (2020) com o conceito de engenhosidade para explorar como Liniker, Natália e Isaac contornam os desafios e obstáculos cotidianos da Educação, que são potencializados por suas dissidências. É uma seção que orienta outras professoras, pesquisadoras e corpos dissidentes na sua circulação em si, mas também de seus saberes, pelos espaços sociais, principalmente aqueles organizados em instituições, como é a escola.

Finalmente, em *Nem tudo é close*, revelo o contexto político social brasileiro nos períodos em que as professoras lecionavam na rede pública; as interdisciplinaridades presentes em suas práticas docentes, com destaque à presença da arte; a falta de formação para a Educação Especial em uma perspectiva inclusiva, na graduação; as ausências e as reproduções nos currículos da formação inicial e da escola; e o papel das identidades negra e LGBTQ+ dessas professoras no ensino de Ciências e Biologia desobedientes.

Todas as participantes tiveram acesso ao título, justificativa, objetivos, metodologia, riscos e benefícios da pesquisa e assinaram ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice A). As gravações das conversas e os textos redigidos a partir das gravações foram enviados a elas (Apêndice B, C e D), assim como será a versão final da pesquisa, para que estejam a par do que será

exposto no decorrer do trabalho. Optou-se pelo procedimento ético do anonimato, com o uso de nomes fictícios, apesar de concordar com Santos (2018, p. 54) que estranha a política do anonimato exigida pelos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP), quando pessoas LGBTQ+, especialmente pessoas trans e travestis “[...] ao participar de eventos locais, encontros acadêmicos, ao circularem pela escola, pela universidade expuseram a defesa da visibilidade dos nomes sociais como pertencimento político”.

A pesquisa conta com a participação de três professoras de Ciências e Biologia. A primeira, uma bicha preta afeminada, umbandista, multiartista que receberá o nome fictício Liniker. A segunda, uma mulher preta, sapatão, que receberá o nome fictício Natália. E a terceira, uma bicha branca nortista, que receberá o nome fictício Isaac. Esses nomes foram escolhidos pelas professoras participantes, de modo que serviram para resguardar suas identidades na pesquisa.

3.1 AUTOBIOGRAFIA DAS PROFESSORAS

Esta seção se dedicará as narrativas autobiográficas das professoras, com intuito de apresentar quem são, o que as move, bem como identificar intersecções de gênero, raça e sexualidade, além de formação e atuação profissional. Reflito a partir de Ferreira (2015) que as narrativas autobiográficas podem ser reconhecidas como uma maneira de contar histórias de vida, que perpassam memórias e tornam-se narrativas ao serem enunciadas, que podem carregar consigo elementos muito ricos das vivências de quem está compartilhando. Alinho-me também ao movimento de Escrivência (Evaristo, 2020, p. 38), alcançando os potenciais históricos e de fazer história dessa prática:

A ideia de Escrivência talvez possa trazer algo novo para a teoria da literatura pensar. Parece-me que o conceito de autoficção, de escrita de si, de narrativas do eu, e até de ego-história, quando um historiador resolve, por meio do aparato da ciência que ele conhece, narrar a sua vida, como sujeito histórico, como sujeito da história de seu tempo.

Nesse processo, encontro também suporte na compreensão de Felisberto (2020), que considera que ao produzir com mulheres negras brasileiras, conhecimento e ativismo acadêmico, pensa-se sobre e se pratica “[...] uma espécie de reparação epistemológica” (Felisberto, 2020, p. 167).

Na entrevista realizada em outubro de 2023, ao questionar quem é você Liniker se apresenta “*preta, homossexual [...], formado em Licenciatura em Ciências Biológicas, com mestrado na área específica de biologia*”. A professora relata a importância do acesso à universidade em uma cidade maior daquela na qual nasceu, principalmente por poder experimentar e experienciar possibilidades de afeto e corpo “*então aqueles quatro primeiros anos foram tipo: tá, posso viver isso, posso ter essa experiência [...]. Daí despencou tudo, desviou de verdade, a desviada*”. Ao deixar a cidade natal rompe com a igreja evangélica e encontra a Umbanda, a religião, torna-se relevante na vida pessoal e na docência.

Liniker conta que muitas das limitações, em relação a aspectos emocionais, sentimentais, afetuosos e de sexualidade, vinham da religiosidade, ainda assim, traz, que é justamente “*o que você viveu até hoje é construção, foi você tentando se encontrar dentro de algum lugar ou de alguns lugares e tô aqui agora nesse espaço*”. Na continuação, ela expressa os elementos centrais de sua motivação e movimentação na sexualidade e na religião.

Sua experiência na docência, na Educação Básica, por meio de contrato temporário de professora de Ciências e Biologia ocorreu entre 2017 e 2023, totalizando seis anos, e desde 2016 atua em cursinhos populares/solidários preparatórios para vestibulares, de maneira voluntária “*eu penso com esses cursinhos comunitários desde sempre, na verdade, meu sonho é montar uma escola, que eu iria gerir*”. É possível notar nas narrativas de Liniker uma quebra de performances ao mudar de cidade. Ela relata que é uma “*desviada*”, quando penso nesse termo vem à mente um devir, um ato de descontinuidade, uma ação de negação, como também tornar-se algo, no caso *viada* como uma performance identitária e um ato político. Reflito essa performatividade com Butler (2017; 2019) para pensar a congruência do sistema sexo/gênero e desejo, a formação dessa identidade esta pautada na materialidade do corpo (sexo/gênero), que mantém relações com a sexualidade (homossexual) da professora, que se apresenta na produção de seus atos e no seu discurso. Enquanto Preciado (2018) vai se afastar da identidade, coloca a desidentificação como ponto de reconhecido do outro, nomeação da norma, mas não da sujeita que está fora do Sistema, é refletir sobre o que está posto, sem querer se identificar nessas construções compulsórias da cisheteronormatividade, nesse sentido “*desviada*” poderia também ser entendido como uma desidentificação.

Penso uma identidade política a partir de Mombaça (2022) e Leal (2022), retomo a refletir sobre quebra, essa em seu significado literal compartimentaliza, afasta elementos de um todo, mas será que nessa quebra não há uma possibilidade de inteireza? Que no seu desvio não há um caminho? Que em sua fuga não há um encontro? Essas noções literais aqui se desconectam e as palavras assumem novos sentidos, assim ser uma “*desviada*” é mais que ser *viada* ou desviar, mas uma nova possibilidade de rompimento com a expectativa lançada ao seu corpo advinda do Sistema.

A entrevista com a Natália aconteceu em novembro de 2023. Ao questionar a Professora Natália “Quem é você? O que te move?”, recebo uma resposta incomum. Geralmente, a apresentação social – orientada pelo neoliberalismo, priorizando a produtividade – inicia pela profissão; no caso da pesquisa, a temática poderia direcionar as participantes a falarem sobre suas marcações de dissidência, mas Natália diz: “*eu acho que sou uma pessoa bem esperançosa, na verdade, eu acredito bastante nessa palavra da contribuição, então contribuir para uma melhora social, uma melhora na humanidade assim, como um todo, e a partir daí eu acredito muito na educação como uma ferramenta, então, eu me vejo professora*”. Natália também se identifica como uma mulher preta lésbica. Ela leciona Ciências e Matemática.

Assim como Liniker, que teve seu percurso universitário em uma cidade maior, Natália atualmente é professora em uma cidade litorânea pequena, o que interfere na maneira como se relaciona com outras professoras, funcionárias e alunas da escola *[...] no meu contexto é bem doido, por exemplo, eu moro duas quadras do mar, se eu andar duas quadras já é o mar, aqui nessa rua, na frente da minha casa, tem um aluno meu, do lado tem outro, na outra casa de lá é outro. Aqui é uma vila de pescadores, todo mundo se conhece. [...] Mas eu também, eu saio com os professores do colégio [...] a gente vai para praia de biquíni, daqui a pouco chega um aluno seu: ‘professora, quer alguma coisa? Tô vendendo aqui’. [...] Eu conheço a família dos meus alunos também, é uma coisa muito próxima, mas isso não faz, eu não ser quem eu sou, fora desse contexto, eu me permito ser eu, as outras pessoas e professores também [...]. É só uma forma diferente de viver, uma cultura diferente, comparado com um lugar onde eu vim, que você consegue ter um pouco mais de privacidade, aqui não. É um pouco diferente, mas ao mesmo tempo eu acho que tem muito menos julgamento*”.

Nesse relato de Natália é possível identificar seu contexto social, uma pequena cidade litorânea, ela também leciona em uma escola cívico-militar da cidade.

Ao relatar essa territorialidade, Natália confessa um estranhamento no início, pois provem de uma cidade grande, onde esses encontros ocasionais entre professora e aluno eram mais raros e ficavam restritos ao ambiente escolar. Natália acredita que em sua cidade atual a menos julgamentos, dá indícios que isso se deve a proximidade das relações, em que não há tanta especulação, pois todos já se conhecem.

A entrevista com Isaac ocorreu em novembro, ele mora em uma capital, mas leciona em uma cidade interiorana pequena, que atuou, em 2023, com a disciplina de Ciências, no Ensino Fundamental 2. Isaac tem uma formação diversa, sendo técnico em Comércio, o que, segundo ele “[...] *fala mais sobre os meus pais do que sobre mim. Acho que nós, pessoas LGBT, passamos muito por isso, tentar se encaixar no que os nossos pais buscam*”. Depois dessa etapa, com mais autonomia, opta por cursar Biologia e realizar seu desejo de trabalhar com ensino.

Quando questionei seus marcadores de identidade, Isaac responde “Eu sou um homem branco, homem cis branco, e apenas homossexual”, questiono o uso de “apenas”, ao que ele replica “[...] *quase no topo da sociedade, homem branco, cis e homossexual. Como a sociedade quer que seja*”. Essa percepção, na própria narrativa autobiográfica de Isaac e neste texto, será confrontada, dada a centralidade da sexualidade em sua vivência e nos obstáculos que enfrentou. Ao descrever suas expectativas para lecionar na cidade, conta: “*é pequena, tem poucos habitantes, super religioso inclusive a primeira coisa que me causou ansiedade, quando eu comecei a dar aula, não foi chegar na frente dos alunos, foi falar que eu era gay*”. A narrativa de Isaac esta pautada prioritariamente em torno de sua sexualidade, ao refletir a respeito da ansiedade em falar que é gay podemos retomar o debate de performatividade (Butler, 2017). Ao se autodeclarar gay para seus alunos, Isaac quebra com a expectativa de congruência e inteligibilidade de sua performance, é um homem cis homossexual, rompe com a ideia de heterossexualidade compulsória do Sistema. Para além, ao se autodeclarar cria um primeiro estranhamento com alguns alunos, que tem repercussão não só pelo colégio, mas também murmurinhos em toda comunidade escola, até mesmo na igreja local. Ao saber isso, é compreensível sua ansiedade nesse contexto social, uma cidade que vê as diversidades, para usar as palavras de Isaac, “*como atração de circo*”.

Os recortes trazidos aqui me permitem e fazem com que as leitoras desta dissertação se aproximem dessas sujeitas professoras que colaboraram, trazendo

suas narrativas autobiográficas. Nos diálogos e nas análises que empreendo aqui, é relevante localizar as pessoas e seus saberes. Liniker e Natália são negras, de modo que a proposta de diálogo – narrativa autobiográfica e Escrivivência – foi orientada justamente para elas. Ferreira (2015, p. 138) entende que a reflexão mobilizada “nos possibilita ver nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia [...] e como tem impacto em nossas identidades sociais”. No mesmo sentido, Evaristo (2020, p. 30) indica que “Escrivivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras [...]. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também”. Na narrativa de Natália, professora nessa intersecção identitária – mulher e negra – percebo a leitura de mundo e a prática docente atenta às repercussões do racismo e o papel que a Biologia desempenhou, ao longo do tempo, na perpetuação de práticas discriminatórias “[...] *toda aquela classificação biológica dele (Darwin) lá e ele colocou que os homens pretos, africanos, eram homens preguiçosos, ainda o termo ‘homem’ para designar toda a humanidade. [...] a Biologia, querendo ou não, contribuiu para que tivesse na nossa cultura, na nossa forma de agir, determinando muita coisa [...] como se fosse uma coisa biológica e determinada*”.

A presença e a voz narrativa de Isaac soma às vozes diaspóricas de Liniker e Natália, apresentando perspectivas que partem desse saber localizado desse homem, cis, branco, homossexual. Busquei, ao escutá-las e amarrar suas narrativas com o referencial teórico e as inquietações trazidas, escapar da singularização, da representação e da essencialização, buscando ver a cada uma delas como mais do que sua experiência docente e dissidente, como as seções seguintes reforçam.

3.2 MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE ESCOLARIZAÇÃO

Em *Memórias e experiências de escolarização*, utilizo-me dos fragmentos textuais de Joan Roughgarden (2005) e Anne Fausto-Sterling (2001) e das imagens provocadoras de Chidiebere Ibe (Figuras 1 e 2), para identificar nas narrativas das professoras, momentos em sua formação básica e acadêmica que tiveram contato ou não com uma Biologia Desobediente. Assim, percorro os processos de ensino na Educação Básica e Ensino Superior, deparando-me com presenças e ausências que fizeram parte dos retalhos que constituem a colcha de seu período estudantil, na área das Ciências e Biologia.

Uma das memórias e experiências de escolarização que não é disciplinar, mas atravessa o cotidiano escolar de pessoas dissidentes é trazida por Isaac, que conta que *“os colegas, tanto na minha época de aprender isso, quanto na minha época de ensinar, também vinham com aquela conversa: existe homem, mulher, viado e sapatão, como se viado e sapatão fosse...”*, eu completo *“algo diferente disso”*, identificando-me com sua narrativa.

Liniker, antes de rememorar a sua época escolar, como aluna, narra a experiência de retorno à cidade natal, depois de um período estudando (graduação e pós-graduação) e atuando como professora: *“é muito louco [...] eu voltando para minha cidade, revivendo um monte de traumas de infância, um monte, sei lá, você tá andando, eu tô andando na rua e do nada visualizo coisa que nem lembrava mais”* (Liniker). Essa narrativa das características das cidades em que viveu reverberam na entrevista e constituem as experiências de aluna e professora. Trazendo elementos da experiência com as aulas de Ciências e Biologia na escola, Liniker pontua que seu Ensino Fundamental foi estritamente técnico, sem reflexões sociais ou críticas desse campo. No Ensino Médio, foi um pouco mais contextualizado, mas ainda não problematiza questões bio-lógicas; na graduação e no mestrado, o mesmo modelo de ensino técnico – e não crítico ou social – se repete, entretanto, ela tem mais ferramentas para buscar noções contra hegemônicas e incluí-las em seu repertório docente.

Em sua narrativa autobiográfica, Liniker também traz a expressão “envenenar”, como processo de inserir-se e partilhar saberes, referindo-se primeiro ao processo de “envenenamento” pelo qual passou, bastante de maneira autônoma, durante a graduação e a pós-graduação, e a busca por “envenenar” alunas, na formação – pela via da formação de professoras – e na escola, nas aulas regulares de Ciências e Biologia, pela adoção de estratégias e uso de recursos contra hegemônicos. Liniker reconhece em suas dissidências uma motivação para as práticas docentes contra hegemônicas *“Nós enquanto LGBT, enquanto pretas, você pegar a teoria e colocar ali do jeito que tá biológico e você não esmiuçar ou na verdade descascar isso, a gente caí, por exemplo, num bolsonarismo da vida”*.

Natália relembra que tanto na escola como na universidade não teve abordagens deterministas tão destacadas, em se tratando de gênero e sexualidade, sendo o foco da discussão evolutiva as evidências apresentadas por Darwin. Isaac viveu uma experiência semelhante na Educação Básica: *“Sinceramente, não me*

recordo de ter visto algo dele (Darwin) sobre o gênero". No Ensino Superior, relata ter acessado diferentes perspectivas da Biologia, no campo evolucionista, que passavam na temática, mas não se aprofundavam.

Natália concentra-se em narrativas da graduação, abordando as lacunas curriculares, metodológicas e pedagógicas do curso *"dentro da biologia, da biologia em si, não estou me recordando, lembro que lá as disciplinas de educação, como estágio, acho que teve uma breve abertura para essas discussões, principalmente discussão de gênero, muito breve. Eu acho que ainda ficou muito no âmbito da biologia dura, não misturou um pouco com outras questões que também são importantes"*.

Para preencher essas ausências, Natália conta que participava de eventos que discutiam gênero, sexualidade e a questão racial, pondera que *"talvez se eu não fosse também da nossa comunidade LGBT, acho que não buscaria, eu entendo que talvez outras pessoas não tiveram"*. A professora pergunta sobre minha experiência, considerando que me formei significativamente depois que ela e, ao compartilhá-la, ela se surpreende com a manutenção do silêncio em relação a uma abordagem menos positivista e determinista.

Nas narrativas de Liniker e Natália é latente a busca por conhecimentos que vão além do biológico e natural do curricular, uma vez que vão em busca das discussões de gênero, raça e sexualidade. Butler (2017) pensa a criação de uma identidade também a partir do outro, em relações de assimetria que deixam nítidos o que é "feminino" e "masculino" a partir da matriz cultural entre sexo/gênero e desejo. Todavia, o que não é inteligível para essa matriz não é tido como possível de existência no Cistema. Essas professoras nutrem-se de muitos conhecimentos que as auxiliam a pensar questões centrais em suas vidas, o que me recorda hooks (2017) e seus escritos a respeito da educação como prática da liberdade. Uma vez que esses conhecimentos foram e ainda são fundantes para que essas professoras construam suas identidades e reconheçam a sua (o)posição no/ao Cistema.

Ademais, todas as memórias e experiências de escolarização são semelhantes, fundadas em uma educação da biologia estritamente técnica, com rasas ou nenhuma discussão social acerca das bio-lógicas que Marin e Cassiani (2020) nos alertam. Continuo essa discussão na próxima sessão ao falar da partilha de saberes e práticas desobedientes no ensino.

3.3 PARTILHA DE SABERES E PRÁTICAS DESOBEDIENTES

Partilha de saberes e práticas desobedientes se utiliza dos fragmentos textuais de Joan Roughgarden (2005) e Anne Fausto-Sterling (2001) e das imagens provocadoras de Chidiebere Ibe (figuras 1 e 2), com intuito de identificar nas narrativas autobiográficas mobilizações dos saberes e práticas docentes na atuação profissional das professoras. Toda essa sessão foi pensada a partir de hooks (2017), tem a partilha como cerne e motivadora de narrativas, um momento em que me fiz mais presente, sensível e atenta às mobilizações das professoras, com vislumbres de intercâmbio de ideias, materiais e experiências docentes. Início compartilhando os materiais provocadores e indagando suas primeiras impressões. Subdividi essa sessão em: Fuga e manutenção das bio-lógicas para o momento em que as professoras relatam suas dissidências e manutenções do conhecimento biológico. Enquanto que saberes e práticas desobedientes é focada na partilha de gestão de sala de aula, materiais e outras experiências das professoras.

3.3.1 Fuga e manutenção das bio-lógicas

Quando Liniker narra é possível notar a repercussão da formação e letramento autônomo na reação ao trecho da evolução do gênero e da sexualidade, a partir da teoria da seleção sexual de Darwin *“E daí quando a gente olha ali para esse texto, em si, ele vai falar justamente da questão de gênero, dessa disputa entre homem e mulher, entre macho e fêmea, [...], e a sociedade colocando isso de homem e mulher e desconsiderando que homem e mulher é uma construção completamente cristã histórica social. Não temos essa construção de uma mulher dentro da biologia, por exemplo, então pensar esse texto e daí eu vou até fazer o advogado do diabo, [...] por exemplo, quando eu leio os textos de Darwin e ele vai falar justamente sobre essa questão do macho e da fêmea, eu ainda consigo ler ele do ponto de vista estritamente biológico, eu tento colocar dentro dos meus alunos: ‘gente isso aqui que eu tô falando em relação à evolução, estou falando de animais, biologia, biológico, quando eu tô falando em ser humano ou quando eu for falar de ser humano para vocês, vocês praticamente esqueçam tudo’. O que é uma coisa que eu sempre frisava nas minhas aulas também. Nossa espécie não vai fugir das leis da natureza, porque nós somos mais uma espécie, só que a gente não é só uma espécie biológica, nós somos uma*

espécie bio social histórica, a gente tem essas outras duas construções que também vão se abrir mais outras e isso vai, por exemplo, derrubar isso aqui, derrubar esse texto, porque não dá para você pensar nossa espécie só com macho e fêmea, não dá para pensar que em nossa espécie o melhor é o macho, o macho mais rápido vai ficar com a fêmea mais rápida, [...] o que é apto? É um corpo padrão? É uma cor padrão? É um gênero padrão? O que é esse apto?” (Liniker).

Natália faz uma consideração semelhante sobre a abordagem bio-lógica, “*eu entendo o olhar dele (Darwin), mas por uma questão da natureza, no sentido dos animais, mas quando a gente traz isso para se incluir, já é uma coisa muito complexa que não é tão determinista*”. Isaac não descarta a bio-lógica por inteiro “*Eu entendo que esse texto não se aplica a gente, especificamente, mas também contempla de certa forma, somos animais, né?*”.

Nas falas das três professoras podemos ver semelhanças, todas elas reconhecem as contribuições que Darwin teve, mas o mesmo tempo o texto gera um incomodo. Percebo que para Liniker e Natália esse incomodo é maior que para Isaac, as primeiras relatam mais a respeito das bio-lógicas e como não é possível transpor esse conhecimento diretamente para os seres humanos. Acrescento mais, no trecho visto Darwin faz uma universalização do comportamento animal a partir de suas observações, porém ele observou uma amostra que não corresponde ao todo, suas conclusões até podem fazer sentido para aquele contexto estudado, mas não à toda diversidade animal. A produção desse conhecimento é situada, tem um ponto de origem, de observação e interesses bem delimitados que influenciam a construção dos saberes (Haraway, 1995).

É possível notar nas falas das professoras um entendimento de fuga do Sistema ao pensar nos seres humanos, mas uma manutenção desse Sistema ao pensar nas outras espécies animais. A autora Roughgarden (2005) nos faz esse alerta, uma vez que reconhece “a evidente contradição na atitude de Darwin sobre a diversidade dentro de uma espécie, oposta à diversidade entre espécies, contamina nossa sociedade atual, da biologia a medicina, a política e a justiça.” (Roughgarden, 2005, p.169). Assim, há fortes influencias sociais para a construção de um conhecimento, seja espelhando o modo de ação e vida de uma cultura, como também silenciando e apagando outras possibilidades, que tem resultados em nossa sociedade. Ao reconhecer isso, criou-se uma ideia da natureza natural, mas que não acolhe a diversidade animal e seus complexos modos de vida, é necessário entender

que os animais, assim como nós humanos, também têm relações de afeto, também mantem relações sexuais para além da reprodução, e que também criam sistemas sociais únicos e complexos (Roughgarden, 2005).

Com as narrativas recorde dos ensinamentos de Pagan (2020), a autora nos faz refletir sobre a importância de nos atualizar e pensar em outras formas de fazer ciência e cientistas, mas não rechaça as contribuições da ciência positivista, teve sua importância e produziu muita coisa que utilizamos até a atualidade, porém é necessário estar atenta as violências que essa mesma ciência gerou. Nesse sentido, não precisamos jogar fora os conhecimentos de Darwin, mas é pertinente ter um olhar atento ao que foi produzido, para que não se naturalize declarações sexistas, racistas, capacitistas e eugênicas.

Ao pensar o conhecimento biológico e natural trago as contribuições de Oyěwùm (2017) para a mesa de costura:

No Ocidente, as explicações biológicas parecem ter prioridade sobre outras alternativas de explicação das diferenças de gênero, raça ou classe. Portanto, para aqueles que ocupavam posições de poder, tornou-se imprescindível impor a superioridade biológica como um meio de ratificar seu privilégio e domínio sobre "Outros" ou "Outras". A diferença foi entendida como inferioridade genética e essa inferioridade, por sua vez, como a razão efetiva das situações de desvantagem social (Oyěwùmí, 2017, p. 37).

Refletir o conhecimento biológico é questionar os lugares hegemônicos de poder. Desde as navegações esses conhecimentos veem sendo utilizados como justificativa de dominações e superioridade entre povos, colonizadores e colonizados. É uma estrutura da naturalização e superioridade do homem branco e heterossexual no Sistema. Assim, é necessário colocar as Ciências e Biologia junto a outros saberes como gênero, raça, classe e sexualidade para compor um todo, não para totalizar, mas com intuito de complexificar os conhecimentos ditos naturais.

Marin e Cassiani (2020) corroboram a discussão pautando o ensino de Biologia, defendem um ensino contextualizado, que seja científico, mas que não deixe o social de lado. Um ensino de Biologia:

comprometido com o combate às necropolíticas e às bio-lógicas, (...) A biologia que ensinamos na escola não é unicamente então aquela que legitimam as comunidades científicas, mas também, aquela que produz efeitos reais nas práticas discursivas, imaginários e ações dos movimentos sociais. (Marin, Cassiani, 2020, p. 45).

É estar em constante diálogo e atualização com os movimentos sociais, esses que estão na vanguarda das discussões, pautando e denunciando a realidade, mostrando as falhas e trilhando caminhos de luta coletiva, em buscas de uma sociedade outra.

Para Liniker, a diferenciação entre biologia biologizante, o que estou chamando “bio-lógica” e a biologia social, abordagem adotada pela professora, está no reconhecimento de que “a natureza ela é social, ela não é só natural”. Ela ainda considera que “então eu já quebrei essa ideia de padrão biológico ou tentava minimamente quebrar essa ideia de padrão biológico, justamente porque quando a gente pensa cientificamente, biologicamente, a natureza é completamente diversa [...] não tem como a gente pensar ela padronizada, tanto na Biologia, na Física e na Química”.

A professora Natália, na mesma direção, ao discutir a experiência de Maria Patiño narra “não colocar essas questões de gêneros no sentido determinista, então ali é a questão do sexo, a questão do gênero é uma coisa, não quer dizer e não predefine a outra, são coisas diferentes que a gente tem que saber também explicar. Porque eu acho que teve muito desse determinismo na Biologia, por muito tempo, hoje, a gente trabalhar isso, é extremamente necessário em sala de aula, para que coisas desse tipo não aconteçam de novo”.

Nesse trecho do artigo de Anne Fausto-Sterling, Liniker rememora a atuação da atleta Tiffany, atleta profissional de vôlei na seleção brasileira, essa esportista é uma mulher trans. A professora faz essa associação por reconhecer as dificuldades e situações de constrangimento que essa atleta já passou até mesmo com colegas de equipe. Nesse sentido, Maria Patiño também vivenciou momentos de extrema deslegitimação da sua identidade, todavia entendemos seu caso como intersexo. Nas narrativas de Liniker e Natália é notável a indignação com a leitura do texto, enquanto a primeira compartilha o modo que organiza suas aulas, a segunda ressalta a importância de inserir os debates sociais junto ao conteúdo biológico, para que episódios como esses não se repitam.

Fausto-Sterling (2001) discorre sobre os dualismos masculino/feminino; sexo/gênero; real/construído; natureza/criação. Em sua abordagem, discute as possibilidades discursivas, epistemológicas e de criação de um corpo, explicita a complexibilidade do sexo, uma vez que a determinação sexual vai muito além de XX e XY. “Nossos corpos são complexos demais para dar respostas claras sobre a

diferença sexual. Quanto mais procuramos uma base física simples para o ‘sexo’ mais claro fica que o ‘sexo’ não é uma categoria física pura” (Fausto-Sterling, 2021, p. 19). Sendo assim, mesmo quando estamos focadas na natureza sempre há uma complexibilidade dos eventos, o que ocorre quando não conseguimos compreender algo enquanto sociedade é colocar exceções, bem como marginalizar e/ou patologizar indivíduos, chamando essas diversidades de doenças e síndromes (Fausto-Sterling, 2021).

A professora Natália traz uma visão de sexo e gênero como conceitos individuais. Butler (2019) discute esses conceitos sem dissociar, uma vez que são interdependentes e estabelecem uma relação de simetria e congruência. Discorre sobre a expectativa sexo, gênero e desejo. Os dois são indissociáveis, contestáveis e produzidos tanto para a natureza, quanto para a cultura no discurso. Nascimento (2021) corrobora essa discussão, reconhece a materialidade do corpo, porém desnaturaliza, vê como uma criação humana do gênero, assim, sexo e gênero estão um para o outro, não temos como separar, nem dizer qual é anterior. Os dois são tecnologias de inúmeras possibilidades de produção, “pois nós não somos nossos corpos, nós fazemos nossos corpos” (Nascimento, 2021, p.42).

3.3.2 Saberes e práticas desobedientes

Para Liniker, a partilha de saberes e práticas inicia no desejo de lecionar e as tensões que encontra, em termos administrativos, burocráticos, tecnológicos e de gestão de sala de aula. Elenca a sobrecarga horária, a quantidade de planejamento e atividades realizados em casa, a pressão e o controle pedagógico e familiar sobre conteúdos abordados e a forma como eles são trabalhados em sala de aula, de modo que ao longo de seus seis anos de docência, transformou sua prática “*esse embate de chegar na sala de aula com facão, lança, espada e escudo, eu tive que simplesmente jogar tudo por terra e falar ‘mano, não é assim’, só que foi no primeiro ano assim, no segundo ano assim, no terceiro ano já comecei a ver que tinha que ser muito mais maleável que, querendo ou não, a academia deixa a gente muito técnico, não dá para a gente ser técnico com um adolescente, com criança, não dá, então eu tive que justamente me utilizar de jogo de cintura*”. A referência ao facão, lança, espada e escudo, assim como a menção ao jogo de cintura remetem à Umbanda, à capoeira – uma forma de arte que, veremos, é outro campo que mobiliza a professora

em sua prática docente desobediente. O “jogo de cintura” é, inclusive, o que Evaristo (UFPR, 2020) chama de “engenhosidade”, que sustenta movimentos de defesa e proteção, em momentos de confronto, como também estabelece uma relação de movimentação e busca de outras maneiras de dissidências

Outro elemento que Liniker levanta são as aproximações e afastamentos entre ensino formal e informal, destacando que “[...] *dar aula em um cursinho pré-vestibular voluntário, não tem como, é nossa vibe social, de lecionar, querer transformar, ela tá aí pulsando*”. As possibilidades, às vezes engessadas, na escola, abrem espaço para a partilha de saberes desobedientes quando se leciona em um cursinho no chão do terreiro, por exemplo, “*eu sempre falo no início das minhas aulas, antes de falar que somos uma espécie bio sócio histórica [...], daí eu já falo dos tabus de religião*”, Liniker se reconhece “*preto, todo viadão, falando que gosta de outros homens e falando que é da Umbanda [...]*”. A publicização de suas dissidências repercute em reações adversas, mas ela destaca aquelas de acolhimento, é o caso de um aluno do sexto ano que, ao vê-la com uma guia, questionou-a sobre sua fé, identificou-se umbandista e a criança contou que também, junto com sua mãe, frequentava e tocava no terreiro. Todas as aulas o estudante a abraçava e pedia Axé.

Na trajetória de Isaac, o professor é capaz de reorganizar sua prática docente, a partir da percepção de sua experiência escolar, como aluno, da memória de sua infância e juventude, e expando sua identidade homossexual “*na turma, descobri algumas pessoas LGBT que ainda não se descobriram e esse evento canônico eu não posso interferir. Foi muito bacana mostrar para eles, porque nunca me mostraram, eu tive que descobrir sozinho*”.

Até aqui, cruzam-se elementos bastante autobiográficos, mas que são, sem dúvida, a sustentação da prática de ensino de Ciências e Biologia desobedientes. Esses movimentos de troca, diálogo e exposição promovidos pelas professoras Liniker e Isaac se alocam em uma posição de partilha. Busco em hooks (2017) o que ela traz do diálogo como meio de quebrar fronteiras, “as barreiras que podem ou não ser erguidas pela raça, pelo gênero, pela classe social, pela reputação profissional e por um sem-número de outras diferenças” (hooks, 2017, p.174). Ao dialogar com as estudantes, mostrar o seu lugar de fala e pertencimento, as professoras rompem com as expectativas normativas que a acompanham na docência. Como também ao se mostrar e expor, abrem possibilidade para que suas alunas façam o mesmo, criando um ambiente seguro para a partilha (hooks, 2017).

Natália aproxima de sua experiência o diálogo, quando questiona: “*Na questão de gênero por que que eu tenho um certo comportamento? Então por eu ser mulher eu tenho que agir de certa forma, tem que andar de certa forma e tudo mais*”, continua: “*Então foi mais foi mais uma coisa para mim me entender como sujeito, como que eu sou influenciada por essas questões? como que eu sou socialmente para além da biologia? como que eu sou influenciada no meu comportamento? o que que eu tenho como valores?*”.

Parece-me importante assinalar também os movimentos e re(l)ações dessa partilha de saberes desobedientes, Liniker, ao destacar o papel das pessoas na natureza e vice-versa, ao socializar Ciências e Biologia, assume um papel: “*Vou colocar aqui enquanto luta, enquanto um peso, eu preciso fazer isso e eu preciso ter sucesso nisso, preciso conseguir fazer com que todas as crianças todos adolescentes das minhas turmas tenham completa noção do caos que a gente vive e saiam de lá letrados criticamente*”. O mesmo compromisso é assumido por Isaac, que reflete: “[...] *acho muito interessante assumir uma postura de ensinar, quando a gente tá no espaço de ensinar, quando a gente tá no espaço do viver*”.

Com essas partilhas de saberes e práticas, que são gestadas e partem de corpos dissidentes no ensino de Ciências e Biologia, as professoras promovem, promovemos, nós, o ensino desobediente, a pedagogia engajada, como prática de liberdade, de hooks (2017), buscando, na comunidade escolar e nas salas de aula, potências de vida, Isaac mesmo traz esse elemento no último trecho apresentado de suas falas, para a construção de outro ensino de Ciências e Biologia e outra sociedade.

3.4 ENGENHOSIDADES PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA DESOBEDIENTES

Ao identificar as partilhas de saberes e práticas desobedientes nas narrativas autobiográficas, notei que estas eram acompanhadas de estratégias e recursos para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes que calham aparecer, em tom de registro-memória, sugestões e identificação das destrezas e dos jogos de cintura, como Evaristo (UFPR, 2020) diz, a engenhosidade garante a vida e a vitória, na hora da luta.

Dentre as engenhosidades elaboradas por Liniker, apresentar imagens de corpos dissidentes em suas aulas constrói novas representações associadas à ciência, em diferentes espaços – como corpo a ser estudado, no qual se identifica os sistemas do organismo, ou ainda como pesquisadoras, médicas, cientistas: *“imagine aí, [...] como o cientista é? Velho, barbudo, branco, dentro do estereótipo de cientista, sempre dentro desse espectro, podemos pensar uma outra forma de cientista? não dá, daí eu colocava foto de diferentes cientistas pretas e rolava um choque”*. A professora destaca o uso de imagens que faz em suas aulas, de modo a fomentar discussões e apresentar novas narrativas para as Ciências e a Biologia. Liniker discute a representação estática e estereotipada do feminino e do masculino, no livro didático, por exemplo: no material, *“[...] é um corpo reto, [...] eu acho que só deve ter cintura para demarcar se é homem ou mulher”*.

A professora Liniker faz um importante movimento de quebra da ideia do que é ser cientista. Enquanto “a sociedade, a escola, as mídias podem reproduzir estereótipos de cientistas, homens, brancos, ocidentais e heterossexuais, e corrobora a noção de ciência sexista e androcêntrica” (Swiech *et al.*, 2021 p.1049), assim, quando ela discute e traz imagens outras para a sala possibilita outros sonhos e realidades.

Outro relato presente na autobiografia de Liniker, que encontra a arte na docência, é sobre a abordagem da Ecologia, por meio de imagens. Ela ressalta as práticas contra hegemônicas relacionadas ao corpo: *“[...] vamos começar a trabalhar com ecologia, olha essa imagem aqui, era uma imagem que eu acho ela muito massa, eu acho muito maravilhosa, que é uma árvore no meio de uma cidade... Um desenho dela, é bonito, e ela servindo de bolsa de soro para a cidade inteira e daí começava a destrinchar, às vezes, iam duas aulas só destrinchando aquela imagem, então você vê a imagem, você consegue atingir um campo da pessoa que foge também desse campo quadrado, porque ela vai ter que usar imaginação para descrever aquilo, vai ter que usar muito do emocional”*.

Essa partilha de Liniker se relaciona ao que Alice Pagan (2020) propõe no Ecotransfeminismo, a professora utiliza de uma imagem para provocar a participação das estudantes e instigar a reflexão dos conceitos biológicos, como também de questões sociais, ao partir da experiência das estudantes com o meio em que vivem. Ela não está apenas interessada se os conceitos biológicos foram compreendidos, mas também se preocupa com o sentimento gerado a partir desses conhecimentos.

Também engenha Natália, por meio de questionamentos, e pelo que chamamos de “teste do pescoço”¹⁴, Natália visibiliza as desigualdades étnico-raciais na escola “[...] se eu estou aqui, consegui chegar até aqui e eu falo assim, sendo professora na sala de aula, mulher, preta, lésbica, cadê as outras? Por que que não tem outras? Onde que elas estão, se elas não estão aqui? Eu tenho certeza que tinha outras pessoas semelhantes que gostariam de estar onde eu estou. E eu pergunto isso até pra os meus estudantes, cadê pessoal? Onde estão? Eles só olham para os lados e eu gosto de trabalhar isso em sala de aula. Eu acho que é muito legal a gente fazer essas reflexões e também jogar para eles, para as crianças ali pensarem também, [...], porque às vezes, para eles, [...] até discutem, mas é isso, tá pronto ou falta aprofundar esse conhecimento com eles. Puts, gente, é isso ó, vamos pensar quantas professoras pretas vocês têm... Agora vamos pensar quantas funcionárias né, desses serviços gerais, pretas nós temos aqui no colégio... Já muda... A proporção muda por quê? o que acontece?

Natália relata o uso de um material que apresenta diversidade de corpos, não se trata de livro didático escolar, mas sim de um livro que acessou, gostou e adotou em suas aulas: “então você tem, por exemplo, um personagem [...] tem Vitiligo. O outro que ele é cadeirante, tem um outro que é indígena, tem vários personagens assim diferentes e é um livro que eu achei super bacana a linguagem também muito legal”. Nesse relato, Natália se utiliza de uma engenhosidade (Evaristo 2020), no ensino, com a falta de materiais que abordem corpos diversos ela vai em busca dos seus próprios materiais, faz o que hooks (2017) chama de pedagogia engajada, ao

¹⁴ A Comissão dos Direitos Humanos da USP apresenta o “teste do pescoço” da seguinte Maneira: “Imagine-se andando por alguns lugares e coloque o pescoço para dentro dos espaços: 1. Na universidade pública, veja as/os professoras/es, quantos destas/es são negras/os? E as/os alunas/os? E as/os funcionárias/os do administrativo? E as/os funcionárias/os da limpeza e da segurança?; 2. Em um hospital, de preferência um desses particulares de referência nacional, procure pelas/os médicas/os, quanto são negras/os? E os pacientes? Continue a visita, meta o pescoço pelos corredores e conte quantas/os negras/os limpam o chão; 3. Agora, estamos em uma reunião das/os políticas/os mais importantes do País. Meta o pescoço para dentro do salão e veja todas/os aquelas/es que você conhece, presidentes, deputadas/os, governadoras/es, prefeitas/os. Quantas/os são negras/os?; 4. Por fim, visite uma emissora de televisão aberta, uma que tenha altos índices de audiência e uma variedade de programas. Coloque o pescoço para dentro dos estúdios e encontre as/os jornalistas, âncoras, apresentadoras/es, atrizes e atores. Você vê mais pessoas brancas ou negras? Nessas visitas, quantos rostos negros você encontrou? Muitos ou poucos? Em quais funções ou profissões estavam? Será que se as visitas fossem feitas a lugares como um presídio, um orfanato ou uma favela veríamos mais pessoas negras ou brancas? Reflita agora sobre a pergunta: ‘existe racismo no Brasil?’ Há igualdade de oportunidades? Somos tratadas/os iguais perante a lei? Quais os motivos dessa diferença?” Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/page/view.php?id=3010031>.

realizar autoformação e transgredir um status quo das hegemonias presente em livros didáticos.

E quanto aos corpos gordos e as assumpções feitas sobre eles, Liniker provoca “*ah, então beleza, vamos pôr exames aqui e comparar um meu e de uma outra pessoa que eu sabia que era extremamente magra e musculosa e que tinha, por exemplo, diabetes; e outra que tinha problema de índice glicêmico alto, [...]. E eu que sou uma atleta que gosta de se exercitar, com o cardio muito bem trabalhado e cuidado, porque eu morro de medo de ter problema no coração. Eu, aqui com a minha barriga caidinha de chope toda saliente, plus, com corpo que tá completamente fora do que vocês veem aí em revista, porque ainda existe isso, e tô bem, dessas duas pessoas aqui mostrava foto né, então, aí com essas questões em relação à saúde, o que que o corpo ou a fisionomia fala sobre a saúde?! Nada*”. Esse trecho demonstra uma escolha metodológica e pedagógica de expressar suas compreensões de mundo na sala de aula, na posição de professora. Liniker se considera “escrachada”, postura que tem recebido como reação a aproximação das estudantes com ela.

Nessa narrativa de Liniker, vejo o que hooks (2017) fala sobre multiculturalismo, para a autora diz sobre o papel do ensino em todas as idades e instituições e sua responsabilidade em “descentralizar a civilização ocidental”. Quando a professora contextualiza e exemplifica corporalidades distintas, busca nas estudantes uma reflexão do que é um corpo saudável, e como é difícil de identificar apenas com aspectos anatômicos, cria-se um debate e possibilita a construção coletiva de argumentos que corroboram a possibilidade de um corpo gordo ou fora dos padrões sociais estabelecidos, ser um corpo saudável.

A engenhosidade de Natália se dá ao aproximar-se das alunas no campo da transparência, da confiança, “*As crianças te veem como espelho, não adianta, então às vezes só isso já demanda tanta energia [...] seja sobre raça, sobre gênero, sexualidade, são coisas tão básicas e que há informações que hoje nós encontramos facilmente em vários lugares, informações corretas*”. A professora traz três exemplos em que essa estratégia se mostrou frutífera: uma aluna preta que, ao mobilizar sua revolta na escola, acabava sendo mandada para a coordenação, nas aulas de outras disciplinas, caso em que Natália a orientou em repensar a estratégia, ao mesmo tempo em que reconhecia a legitimidade de suas reivindicações; em conversas sobre Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e a orientação para buscar a vacina da HPV e dividir a responsabilidade da prevenção entre as pessoas envolvidas na

relação. E com o ingresso de um aluno trans, houve uma mobilização da professora para orientar a comunidade escolar sobre o uso do pronome. Nesse último caso, Natália reconhece que o restante da turma tinha algum nível de letramento sobre o assunto: *“As crianças elas já tinham toda informação, toda a discussão de gênero e tudo, eu fiquei muito feliz com a forma com que ele foi acolhido, com que a comunidade escolar como um todo acolheu, mas tinha umas duas professoras que deram trabalho”*. Natália usa o diálogo como meio de quebrar fronteiras (hooks, 2017) e chegar até mesmo nas pessoas que estão agarradas aos moldes do Sistema, possibilitando uma reflexão e possibilidade de mudança.

Isaac, como Liniker e Natália, coloca-se em sala de aula como uma pessoa próxima das estudantes, buscando, ainda, estabelecer a escola como lugar seguro e promover a autonomia *“eu sou o tipo do professor que se aproxima muito do aluno. Então, acabou a aula, eu fico na sala mais um pouco, eu me entrego, eu me submeto, me afundo na experiência, então, querendo ou não, eu desenvolvo um vínculo temporário, eu não acho interessante que esse vínculo ultrapasse as paredes da escola, porque muitas vezes eles confundem e não é isso que eu busco, no sentido de interferir na jornada do aluno, porque eu acho que eu tenho uma cabeça muito minha e eles não estão prontos para encarar as questões que eu encaro nesse momento”*.

O professor Isaac, utiliza-se de vários mecanismos para conquistar suas alunas, como afeto e amorosidade. Mostra-se disposto a criar laços dentro de sala de aula, aprofundando relações e criando conexões entre ambas as partes, assim um espaço de acolhimento, uma forma de amorosidade para o ensino (hooks, 2017) e de transgressão do método do Sistema.

Soma-se a essa relação transparente e próxima, os conteúdos curriculares de Biologia e os desdobramentos de sua abordagem, Isaac assim, pode, com alguma resistência da gestão escolar e das famílias, promover formações de educação sexual, articulando-se com a Unidade Básica de Saúde (UBS), localizada nas redondezas da escola, conforme relata: *“Ao lado do colégio tinha uma UBS, onde fui e conversei para fazer uma ação educativa com as crianças e ensinar as questões de saúde, desde o uso de preservativo”*. Esse movimento de aproximação com a UBS tem grande relevância, porém deve-se ficar atento sobre o tipo e método dessa formação para educação sexual, visto que pode assumir um caráter biologizante e

deixar a mercê questões essenciais da sexualidade, como respeito, corresponsabilidade e consentimento.

Nas narrativas das três professoras destacam-se a partilha, o diálogo e amorosidade no ensino, conceitos esses que bell hooks (2017) se debruçou arduamente a refletir suas implicações no ensino, nos ensinando a transgredir e pautando a educação como prática de liberdade.

3.5 NEM TUDO É CLOSE

Essa sessão recebe o nome de uma música da *rapper* Boombate, em sua letra ela fala que: “nem tudo é close, às vezes é pose¹⁵”. Nesse sentido, as narrativas autobiográficas, mesmo que orientadas por um roteiro, como Santos (2018) indicou, e como pondero a partir de Ferreira (2014), permitem reflexões abrangentes. Assim, ocorreu nos momentos de escuta e diálogo com as professoras participantes. Outras questões foram levantadas por elas, que me parecem relevantes, na medida em que se relacionam com o objetivo de partilhar narrativas autobiográficas de professoras de Ciências e Biologia dissidentes de gênero, sexualidade, cor e etnia, em relação a questões de gênero, materialidade dos sexos e corpos (in)visibilizados no ensino e aprendizagem de Ciências e Biologia.

Liniker lista, em sua fala, os problemas que identifica na bio-lógica, “*Porque daí a gente vai cair em misoginia, eugenia, racismo científico, transfobia e homofobia, lesbofobia*” – Natália faz um movimento parecido, falando que “[...] *a Biologia, querendo ou não, contribuiu para que tivesse na nossa cultura, na nossa forma de agir, determinando muita coisa*” – essa constatação é mobilizada pelo trecho que trata da teoria da seleção sexual de Darwin. Essas expressões discriminatórias não estão descoladas da realidade, Liniker lecionou entre 2017 e 2023 – seu primeiro ano na escola já marcava a ascensão do bolsonarismo, culminando em sua eleição, em 2018; e sua saída acompanha a derrota do candidato nas urnas. A aproximação de Bolsonaro com o conservadorismo e os ecos na sala de aula foi também responsável pelo diálogo que a professora narra: “*Você tem namorada e tals? Não tenho e eu nem tenho namorado ainda. Gosta de homens? Eu falei: eu gosto, por que? Você não*

¹⁵ Música disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KcJzFNDsAyQ>.

gosta? Ai, prof., você vota no Lula ou Bolsonaro? A, eu voto no Lula. Lula ladrão... Roubou meu coração”.

Esse tipo de intervenção também se passou com Natália, que conta que *“Depois teve toda uma discussão visando proibir essas discussões sobre gênero e sexualidade dentro das escolas e até hoje eu acho que ainda é um embate”*. Para Isaac, dentre os malefícios do “*desgoverno*” de Bolsonaro está o fortalecimento da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a ausência de temas relevantes, associados à realidade brasileira. Em uma discussão sobre a subtração do conteúdo de reprodução humana – que, consultado o planejamento, já não havia sido trabalhado no ano anterior o professor Isaac relata – *“eu falei, gente, de jeito nenhum que a gente vai passar sem falar de reprodução humana, na cidade que tem maior índice de prostituição infantil¹⁶, é impossível a gente passasse em branco esse assunto”*.

Dessa gestão desastrosa, também ficam os reflexos do negacionismo científico e falta de apoio à Educação durante a pandemia da Covid-19. Liniker narra que no pós-pandemia, muito de suas partilhas e engenhosidades foram suprimidas pela necessidade de retomar conteúdos de sua própria disciplina, mas muito básicos, ou, ainda, voltar a trabalhar com alfabetização e letramento. As estudantes em situação de vulnerabilidade, muitas vezes, expostas à violência, também surgem na narrativa da professora, que identifica as implicações disso no cotidiano escolar.

Liniker ainda contribui destacando o papel da arte na sala de aula, no ensino de Ciências e Biologia desobedientes:

Mas em sala de aula eu tenho essa pira das artes, não sei se falei no início, contato com a música, com o teatro, com o corpo, com a dança, então lidar com a arte também me alimenta demais. E trabalhar com imagens dentro de sala de aula, trazer arte para esse espaço. Independente se eu tô mostrando uma foto que é uma forma de manifestação, a produção artística também ou um desenho como esse que você colocou [Figuras 1 e 2], ou, às vezes, pegar desenhos do próprio livro didático. Eu gostava de ficar instigando, eu acho que uma imagem ela instiga você e os alunos a interpretar aquilo, mesmo que seja da forma deles, mas eles estão interpretando, [...]. Porque eles colocavam para fora, por mais que alguns tivessem vergonha tal de falar, mas aí vai puxando e já saía fácil (Liniker, em entrevista realizada em 24/10/2023).

¹⁶ O entrevistado utiliza esse termo para se referir a exploração sexual de crianças e adolescentes. Visto que não é o termo correto, pois crianças e adolescentes não se prostituem, não é uma ação consciente, mas sim ocorre a exploração sexual desses indivíduos.

Dentre as ferramentas que a professora elenca estão textos para a leitura, literários e científicos; vídeos disponíveis no Youtube, apresentação de imagens no PowerPoint, desenvolvimento de jogos no Kahoot, e atividades coletivas em sala de aula. Nesse sentido, Natália relata a exibição do filme *Estrelas além do tempo*, que traz mulheres negras protagonistas na Ciência.

Outras questões que surgem na narrativa de Natália envolvem a presença de estudantes neurodivergentes em sala de aula e a falta de formação para a Educação Especial em uma perspectiva inclusiva *"é um colégio que envolve muita inclusão, muitos alunos autistas, por exemplo, do espectro autista, tem professor sim, PAC e PAEE, [...], a gente tem TDAH, TOD e de um grande espectro. Eu acho que a minha formação foi muito falha nesse sentido, eu não sei como que está sendo isso hoje em dia, para inclusão eu acho que a minha formação foi bem falha. Peço sempre ajuda para a psicopedagoga.* Isso se relaciona ao ponto levantado pela professora em relação aos currículos da formação inicial. Natália relata que no curso de graduação, não havia espaço para uma abordagem diferente da Biologia determinista e positivista, assim como os conteúdos sobre inclusão estavam ausentes. Liniker corrobora essa visão e relata uma série de abordagens bio-lógicas de sua experiência na graduação, concluindo que *"É como o curso e o currículo se organizam também"*. As duas professoras são egressas de instituições diferentes.

Na fala de Isaac, é possível notar como essas lacunas curriculares – talvez não preenchidas autonomamente, já que o professor não relata a busca ativa pelos conteúdos ausentes em sua formação – em algumas falas. Tanto ao abordarmos a intersexualidade, que o professor entende como *"doença"* e complementa que *"não fui atrás"* de mais informações, quando então contextualizo a patologização, principalmente na área da Biologia, em contraponto à concepção de identidade de gênero. E também ao visualizarmos e discutirmos as Figuras 1 e 2, quando o professor fala *"eu não conhecia, quando você olha ela lhe dá uma impressão errada, porque parece simplesmente uma arte, sem reduzir o impacto, mas eu jamais olharia para isso, digamos que eu tô passando aqui de ônibus eu não olharia para isso pensando que era algo sobre medicina, porque a medicina pende para o lado dos brancos"*.

Da experiência desse professor, me pareceu interessante perceber as tensões e relações paradoxais que se estabelecem. Isaac demonstra ter uma visão pouco atenta as questões raciais, ao tecer o comentário anterior exemplifica um mecanismo do racismo estrutural, o epistemicídio discutido por Sueli Carneiro (2014),

que seria o processo de aniquilamento da capacidade cognitiva e de confiança intelectual, por meio do racismo e discriminação no ambiente educacional. Como se o conhecimento dito científico tivesse como únicas bases as amarras coloniais do Sistema.

Outrora na comunidade escolar, mobilizações por sua sexualidade. Isaac narra a experiência na escola da rede pública, onde lecionou. Depois de contar sobre sua orientação sexual na escola, ele diz que *“foi o assunto na cidade, na igreja o povo falava disso, tem um professor viado ali na escola, mas eu tenho o meu jeitinho super carinhoso, super acolhedor e deu tudo certo. Infelizmente, a gente precisa ser extraordinário para a gente ser considerado normal, não que eu acho que seja errado, ser extraordinário, eu adoro pessoas extraordinárias, mas a gente não deveria precisar fazer isso.*

O ponto da extraordinariedade é repetido ao longo do nosso diálogo. Se houve repulsa por parte de um setor religioso da cidade, sua identificação também erou encontro: *“[...] a mulher da cantina que era lésbica que se sentia uma aberração de circo [...] ela ficou super apegada a mim instantaneamente. Eu não comia carne na época e ela simplesmente levava alguma coisinha para turbinar minha comida”* (Isaac,). Na sala das professoras *“[...] uns que me chamava de menina, simplesmente porque eu era gay, aí chamava de professora, as meninas adoraram, vinham contar dos namoradinhos, vinham contar de maquiagem, porque, enfim, eles têm outra mente do que é isso”* (Isaac).

Na escola particular, em uma aula expositiva no processo de contratação, Isaac também publicizou sua orientação sexual e conta *“eu percebi que pessoal da escola que tava lá na sala, não gostou, porque são pessoas conservadoras e eu fiquei super mal, porque foi uma oportunidade perdida, mas ao mesmo tempo eu fiquei super bem, porque eu não preciso passar por isso, não preciso estar em um ambiente em que não me cabe. O dinheiro fez falta, mas não era pra ser, foi um livramento de certa forma.*

Endosso essa compreensão, de que não precisamos estar em ambientes que não nos cabem, mas também que é preciso e possível forçar nossas entradas, às vezes, pelas brechas, às vezes, derrubando as barreiras que nos são impostas, mobilizadas por nossa engenhosidade própria. Dadas suas leituras e potências e os contextos narrados, Liniker, Natália e Isaac vêm fazendo isso no ensino de Biologia e Ciências, desobedecendo, fortalecendo-nos em nossas dissidências, transgredindo

normas hegemônicas e negando reformas ou ajustes, propondo a transformação do mundo e da educação.

NÃO VÃO NOS MATAR AGORA

Juntas em unção
 Fizemos da cruz, encruzilhada
 Nos levantamos do vale de ossos secos
 Transformamos pranto em festa
 Nossos cus em catedrais
 Conhecemos os mistérios por com eles andar
 Não mais calvário
 Arrebatamos das mãos do senhor
 As chaves de nossas cadeias
 Dancemos engenhosas e aprendamos a voar
 Para respirarmos submersas em águas vivas
 Superabundantes
 Em Kalunga somos eternos
 Mãe
 Mãe
 Eu não vou morrer
 Eu não vou morrer
 Eu não vou morrer”
 (Ventura Profana)

Ao longo de todo o segundo capítulo, teço memórias e costuro-as com conceitos, pois compreendo a indissociabilidade da vivência com a academia. No terceiro, a partir das narrativas autobiográficas das professoras que colaboraram com esta pesquisa, analiso – orientada pelo meu questionamento inicial: Como professoras de Ciências e Biologia dissidentes percebem/contemplam seus corpos ao ensinar Biologia? Mesmo ao reconhecer em si uma dissonância com o Cistema, de que modo essas sujeitas produzem (ou não) uma fuga discursiva da matriz cisheteronormativa ao lecionar?

Para responder, aqui, farei um movimento de arremate¹⁷ de algumas ideias que foram apenas pinceladas. Essa sessão final recebe o nome do livro de Jota Mombaça, assim como a música *Eu não vou morrer*, da artista Ventura Profana, o intuito é de sensibilizar e anunciar a demanda coletiva de pessoas dissidentes, o desejo à vida.

Proponho, então, a discussão das desobediências de gênero e sexualidade e do Cistema, no contexto do ensino de Ciências e Biologia. Quando cito o Cistema, estou me referindo à construção de sociedade, está baseada no sujeito universal, de

¹⁷ O arremate na costura é um movimento de acabamento da peça, transponho esse conceito para pensar as possibilidades das dissidências.

padrões ocidentais, brancos, cisgêneros e heterocentrados. Esse padrão europeu imposto e reproduzido nos países colonizados se articula com mecanismos de poder como a linguagem, a política, a religião e a economia. Então, é por meio desses quatro pilares que o Sistema se estabelece e se expande. Nota-se que nenhum desses apresenta uma materialidade que corrobore com a ideia de naturalidade, o que nos leva a refletir sobre a criação e interesse desse Sistema.

A quem interessa subjugar as corpos? Quem se beneficia com o padrão de sujeito universal? Diversas autoras tecem críticas à construção das normas reguladoras de sexo/gênero, vamos olhar por meio das lentes de uma travesti preta brasileira.

Jota Mombaça (2021, p. 21-22) fala sobre a que-bra como forma de desobediência de gênero, coloca-nos a questionar quando enuncia: “e se, em vez da inteireza, da autoconsciência, da capacidade de autodeterminação e autoestima, houvesse um sentido de quebra que desloca efetivamente as posições inconformes à matriz cisgênera?”. Essa pergunta nos faz refletir sobre os conceitos de sexo/gênero e desejo discutidos no segundo capítulo. O Sistema acredita na inteireza dessa relação, como uma coesão do nascer, existir e viver da cisheteronormatividade, a proposição é de que-bra dessa coesão ilusória, dessa criação determinista baseada na materialidade das corpos.

Essa concepção de cisão dialoga com a ideia de fuga da Abigail Campos Leal (2021), essa que-bra seria a fuga desse Sistema, um encontro consigo mesma, com outras corpos e outras possibilidades de si. Essa deserção seria um mecanismo da falha, para o encontro da que-bra em si, em nós, na singularidade e no coletivo, de fuga da matriz cisheteronormativa. Essa, que nunca foi e nunca será a representação universal, pois não compreende as dissidências como um dentro possível, pelo contrário, sempre as deixou a margens da precariedade e patologização.

Ao reconhecer as fugas produzidas nas narrativas das professoras, é possível reconhecer suas movimentações para um ensino desobediente, perpassando pelos mecanismos da colonialidade, notadamente na escola e na universidade, e alcançando as engenhosidades contra hegemônicas que elaboram cotidianamente. As escritas até aqui, *Memórias desajustadas*, *Construindo as minhas próprias desorientações* e *Costurar os avessos pelos direitos* atendem ao meu intuito inicial de partilhar narrativas autobiográficas de professoras de Ciências e Biologia dissidentes de gênero, sexualidade, cor e etnia, em relação a questões de gênero, materialidade

dos sexos e corpos (in)visibilizados no ensino e aprendizagem de Ciências e Biologia e de gerar narrativas autobiográficas contra hegemônicas em conjunto de professoras dissidentes.

Agora, quando me debruço sobre os objetivos específicos de (1) compreender os mecanismos de fuga ou permanência utilizados por essas professoras em relação aos conhecimentos bio-lógicos; e (2) mostrar possibilidades de (des)caminhos para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes, é preciso descansar a vista, repensar o projeto que confecciono, escolher materiais e um espaço adequado, verificar a bobina, certificar-me que a linha está passando corretamente pela agulha, colocar o tecido, escolher o ponto e ajustá-lo, com isso, início.

Para responder ao primeiro ponto, retomo a noção de fuga que me acompanha, orientada por Leal (2021), vejo-a como, mesmo na dissidência e na diáspora, encontrar-se e encontrar as suas, as nossas. O processo de diálogo que estabeleci com as três participantes me proporcionou uma fuga-encontro, no contexto de uma academia rígida e de uma Biologia que, assinalamos, é determinista e positivista, deixando de lado, na maior parte das vezes, seu lado histórico, político e social. Assim, enquanto termino este texto, ao mesmo tempo encontro um (re)começo acadêmico que escapa das expectativas coloniais, capitalistas e neoliberais de produção – e sequestro, roubo, apropriação – de saberes.

Nas Escrevivências de Liniker e Natália, notamos uma fuga geográfica de suas cidades no momento da formação inicial, quando ocupam universidades e outros espaços de movimento e política estudantil, e encontram-se consigo e com pessoas que compartilham de suas potências e desejos de vida. O retorno para esses espaços, suas cidades, de interior e no litoral, respectivamente, representam um (re)começo que permite que partilhem seus saberes, construam-nos coletivamente e organizem a sala de aula, a escola e as cidades, com suas presenças, sob outras perspectivas. Estas, contra-hegemônicas.

No caso de Isaac, identifico que a intenção de fuga estava latente em todo o tempo de ocupação nessa cidade interiorana em que lecionou, “[...] *eles não receberam bem, porque eu sou uma aberração para eles, eu tô chegando no circo, acabei de chegar do circo e lá vem a aberração*” e que o próprio professor entendia aquele momento como situacional e temporário, a ser sobreposto por outra experiência de docência e de vida.

A permanência, e veja, nem Liniker, nem Isaac continuaram dando aulas de Ciências e Biologia no ensino formal, é feita a partir de negociações (Butler, 2017). Nesse movimento, vemos novamente a gestão e a comunidade escolar e principalmente as estudantes tomando partes e posições.

Natália, ao narrar a importância que atribui às questões étnico-raciais, conta *“mas como que a gente vai também contribuir para uma mudança das coisas que a gente não aceita, que a gente não quer que se propague. No meu caso também muitas questões raciais e meu trabalho em educação com meus alunos, eles estão até cansados, falam: de novo? É de novo! Eu acredito que a educação ela tem isso, esse poder de transformar, mas eu também tenho que vir transformado, porque por exemplo se eu chego com a mesma ideia, com a mesma visão lá de Darwin lá do texto que você trouxe, sem ter um aprofundamento nessas discussões, o que eu vou trazer para o meu aluno também?”*.

Os trajetos percorridos tanto para escapar como para continuar combinam identidade, docência e também – inclusa sua complexidade – a matriz cultural entre sexo/gênero e desejo, que alija as professoras participantes, como bem nos traz Isaac, da coletividade da escola e dos espaços sociais da cidade onde ela está, acompanhando as reações adversas às transgressões às normas, que caracterizam as dissidências dessas sujeitas.

Ou seja, ser uma professora dissidente de Ciências e Biologia no Ensino Básico, em si, constitui uma desobediência e por isso o percurso acadêmico, profissional, pessoal e político nunca será estático. É como se, no processo de costura, não se soltasse o pedal, quanto mais ele é pressionado, mais rápida é a costura. A engenhosidade, o jogo de cintura – como traz Evaristo (2015) – é que permite que nessa continuidade, façamos ajustes, pences, trabalhemos com a falha, com retalhos, com o desmanche da costura e com a que-bra.

Pensando no segundo ponto, preocupada em mostrar possibilidades para o ensino de Ciências e Biologia desobedientes, retomo as contribuições que as narrativas autobiográficas analisadas no terceiro capítulo me/nos trouxeram. No contexto contemporâneo – as docências acessadas se dão desde 2016 até agora, 2024, com eventuais interrupções – com a ascensão de um conservadorismo, o domínio neoliberal no campo da Educação e as campanhas contrárias a Educação Sexual colocadas em prática a partir, principalmente, de 2018, transforma um

elemento que já se fazia presente na dinâmica escolar e de ensino de Ciências e Biologia, a religião. Nesse momento, o fundamentalismo religioso cumpre um papel controlador dos corpos e, conseqüentemente, dos conteúdos que se legitima ensinar. Faz uma nova divisão de atribuições entre família e escola e tem pessoas prontas para intervir, ao identificar qualquer desvio, a partir de suas crenças.

Assim, o que as professoras indicam que têm praticado para contornar esse cerceamento é fortalecer a relação com a gestão escolar, buscando apoio na equipe pedagógica; acessar outros equipamentos e instâncias públicas que dialoguem com a escola na abordagem sobre esses temas; e, sobretudo, a prática do diálogo, partilha e amorosidade no ensino (hooks, 2017). Como diz Liniker, “escrachar”, trabalhar mesmo assim, trabalhar apesar disso e trabalhar por isso. Um dos resultados tem sido a identificação de estudantes com essas professoras, justamente em suas marcas dissidentes e desobediências.

Com o controle social e a sobrecarga do trabalho docente, a busca pela atuação em contextos de educação não-formais e informais se mostra um caminho possível para o encontro com outras professoras dissidentes e com estudantes, em espaços menos cerceados.

Liniker, Natália e Isaac fizeram questão de, em sua docência, explicitar sua identidade: viada, preta, homossexual, respectivamente. Elas percebem que é também isso que as mobilizou, ainda na graduação (Liniker e Natália) e na vida profissional (Isaac) a se formarem, autonomamente, sobre questões de gênero, sexualidade e relações étnico-raciais. De maneira que indico, também com base em minha atuação na Educação Básica, a demanda constante pela formação continuada voltada a essas diversidades para professoras da rede pública de ensino.

A reivindicação pública de suas identidades, em sala de aula, na escola e na cidade, faz com que estudantes que também se veem dissidentes, recebam na presença das professoras, acolhimento. Essa iniciativa é acompanhada pela proposição de referenciais teóricos, imagéticos e científicos outros – como são as ilustrações de Chidiebere Ibe, as músicas da cantora Liniker, e o filme *Estrelas além do tempo*. Liniker, Natália e Isaac auxiliam na construção de um novo repertório para as estudantes, quando pensam em Ciências e Biologia.

As professoras demonstram compreender os problemas da concepção biológica. Liniker traz suas conseqüências sociais: misoginia, eugenia, racismo científico, transfobia e homofobia, lesbofobia; Natália faz uma análise mais ampla, que considera

o papel do ensino de Ciências como fundador de leituras de mundo e projetos de sociedade discriminatórios e desiguais. A certeza do erro, mesmo que não acompanhada da solução, ou do conhecimento do “certo”, fortalece as sujeitas em suas negociações, consigo mesmas e institucionalmente.

A partir da noção de dissidência de Marín (2022), vejo nesta pesquisa e nas pessoas que com ela colaboraram – estendo esse vocativo para além das entrevistadas, mas amigas, professoras com quem trabalho e com quem Liniker, Natália e Isaac atuam, alunas, orientadora e banca, colegas que acessaram o texto – a construção de uma ação política contra hegemônica.

Reconheço nos esforços que faço, diariamente, e na narrativa de Liniker, Natália e Isaac, um movimento contínuo de diálogo entre educação e sociedade, Ciências e Biologia e a vida dessas professoras e de suas alunas, criando e fortalecendo novas possibilidades para fazer ciência e cientistas, que fogem do Sistema e de suas universalidades hegemônicas.

Iniciei e finalizo essa confecção esperando que a ela outros retalhos sejam acrescentados, fios costurados com pontos retos, ziguezagues e mesmo invisíveis, a máquina e a mão. Me disponibilizo para ensinar essa costura teórica, metodológica e pedagógica e a aprender, como fiz ao longo das escutas e da escrita. As potências das professoras e das alunas de Ciências e Biologia, nos mais diversos níveis de ensino, mobilizam novos processos de escolarização, alguns conhecidos, alguns trazidos neste texto, e outros que conheceremos a partir das costuras desobedientes do devir.

REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Jandaíra, 2020. p. 151.
- BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: Os limites discursivos do “sexo”. Tradução: Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. Crocodilo: São Paulo, 2019. 1 ed.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: Feminismo e subversão da identidade. Tradução: Renato Aguiar. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2017. 13; ed.
- CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. 1ª reimpressão. São Paulo: Selo Negro edições, 2011. 190 p.
- CARNEIRO, Sueli. **Epistemicídio**. 2014. Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/epistemicidio/>. Acesso em: 09 maio. 2024.
- EVARISTO, Conceição *et al.* A escrevivência e seus subtextos. *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.). **Escrevivência**: escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de conceição evaristo. Rio de Janeiro: Editora Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.
- FAUSTO-TERLING, Anne. Dualismos em duelo. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, p.9-97, 2001.
- FELISBERTO, Fernanda. Escrevivência como rota de escrita acadêmica. . *In*: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org.). **Escrevivência**: escrevivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de conceição evaristo. Rio de Janeiro: Editora Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-47.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S.l.], v. 6, n. 14, p. 236-263, out. 2014. ISSN 2177-2770. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141/138>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na Universidade: Letramento Racial Crítico e Teoria Racial Crítica. *In*: FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org). **Narrativas autobiográficas de identidades sociais de raça, gênero, sexualidade e classe em estudos da linguagem**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus; GOMES, Cássio Murilo Lourenço. Entrevista Aparecida de Jesus Ferreira. Letramento Racial Crítico: Falta representatividade negra em materiais didáticos e na mídia. **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 41, n. 1, p. 123-127, jan./jun. 2019. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/uniletras/issue/view/759/302>. Acesso em: 26 jun. 2023.
- HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 5, p. 7–41, 1995.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2021.

IBE, Chidiebere. **Illustrate Change**. 15 maio, 2023a. Disponível em: <https://www.illustratechange.com/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

IBE, Chidiebere. **Illustrate Change**. 13 jun. 2023b. Disponível em: <https://www.illustratechange.com/>. Acesso em: 26 jun. 2023.

LEAL, Abigail Campos. **Ex/orbitâncias**: os caminhos da deserção de gênero. São Paulo: Glac Edições, 2021. 216 p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

MARÍN, Yonier Alexander Orozco. **Antirracismo e Dissidência Sexual e de Gênero na Educação em Biologia**: antirracismo e dissidência sexual e de gêncaminhos para uma didática decolonial e interseccional. 2022. 394 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

MARIN, Yonier Orozco; CASSIANI, Suzani. Outras respostas para uma velha pergunta: ¿por que e para que ensinar biologia?. **Perspectivas Educativas**, Ibagué, v. 10, n. 1, p. 17-46, 2020.

MOMBAÇA, Jota. Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada. **Concinnitas**, Rio de Janeiro, v. 01, n. 28, p. 341-354, jul. 2016.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021. 144 p.

NASCIMENTO, Leticia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaíra, 2021. 191 p.

OLIVEIRA, Megg Rayane Gomes de. **O Diabo em forma de gente**: (R)Existência de Gays Afeminados, Viados e Bichas Pretas na Educação. 2017, 192 p. Doutorado em Educação na Linha de Cultura, Escola e Ensino – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017

OYÉWÙMÍ, Oyèronké. The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1997. Tradução de Alejandro Montelongo González. **La invención de las mujeres**. Una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Bogotá: En la frontera, 2017.

PARAÍSO, Marlucy Alves. **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação e currículo**: trajetórias, pressupostos, procedimentos e estratégias analíticas. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Orgs). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

PAGAN, Alice. Entre o bélico e o diplomático: transicionar a ciência como possibilidade de humanizar a educação ambiental. **Revista Sergipana de Educação Ambiental**, São Cristóvão, V.7, Número especial, p. 1-19, set-out, 2020.

PRECIADO, Paul B. **Texto Junkie**. Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. Traduzido por Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2018. 447 p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Jandaíra, 2019. 128 p.

ROUGHGARDEN, Joan. **Evolução do Gênero e da Sexualidade**. Tradução: Maria Edna Tenório Nunes. Londrina: Planta, 2005. 446 p.

SANTOS, Sandro Prado. **Experiências de pessoas trans-ensino de biologia**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SANTOS, Marina Silveira Bonacazata; MIESSE, Maria Carolina; CARVALHO, Fabiana Aparecida de. As Questões de Gênero e Sexualidade e o Movimento Escola Sem Partido: Qual o Impacto para a Base Nacional Comum Curricular?. **Diversidade e Educação**, [S. l.], v. 9, n. Especial, p. 509–531, 2024. DOI: 10.14295/de.v9iEspecial.12588. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/divedu/article/view/12588>. Acesso em: 22 fev. 2024.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 244 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós Graduação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

SWIECH, Mayara Juliane; HEERDT, Bettina; AMARO, Gracieli Cristina Guerra; PEREIRA, Ana Lúcia. IX Congresso Internacional Sobre Formação de Professores de Ciências, 2021, Bogotá. **“Ser Cientista”**: Uma Análise a Partir aos Estudos ae Gênero e da Natureza da Ciência. Bogotá: Revista Tecne, Episteme y Didaxis, 2021. 6 p. Disponível em: file:///C:/Users/Cliente/Downloads/jfelipelozadar,+T02_051.pdf. Acesso em: 8, fev, 2024.

TEJADA, Walter. De la diversidad sexual y de género (LGBTI) a las disidencias sexuales, de género y corporales. **Tránsitos necessários e ineludibles. Controversia**, n. 215, p. 201-234, 2020

UFPR. **Jogo de cintura foi estratégia do negro para sobreviver**, diz Conceição Evaristo na abertura do Copene 2020. Publicado em 9 de novembro de 2020, 2020. Disponível em: <https://ufpr.br/jogo-de-cintura-foi-estrategia-do-negro-para-sobreviver-diz-conceicao-evaristo-na-abertura-do-copene-2020/>. Acesso em: 17 fev. 2024.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Comitê de Ética em Pesquisa da UEPG
Universidade Estadual de Ponta Grossa Av. Carlos Cavalcanti, 4748 – Uvaranas
Prédio da Reitoria - Sala
de Especialização Lato Sensu – Campus Universitário CEP: 84030- 900 – Ponta
Grossa – PR E-mail:
propesp-cep@uepg.br Telefone: (42) 3220-3108

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você _____, está sendo convidada/o a participar da pesquisa: Desobediência no Ensino de Ciências e Biologia: Narrativas Autobiográficas de Professoras Dissidentes do Ensino Básico, tendo como pesquisadora responsável a mestrand Luara Arthur Feola, e como participante da pesquisa a professora Doutora Bettina Heerdt, ambas da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O objetivo da pesquisa é: Partilhar narrativas autobiográficas de docentes de Ciências e Biologia, em relação ao espaço que pessoas dissidentes de gênero, sexualidade, cores e etnias não hegemônicas ocupam no ensino dessas disciplinas.

A sua participação no estudo será com nas narrativas autobiográficas baseados nas práticas diárias e nos conteúdos desenvolvidos em sala de aula. Será feita a análise dos discursos a partir desse instrumento de coleta de dados. As análises dos discursos serão utilizadas na Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGECM) que será defendida no final do período de estudos.

Sua participação não é obrigatória e os dados serão mantidos em sigilo. Após as análises você será informado dos resultados desta pesquisa da qual participa. Sua participação é voluntária, portanto não receberá recompensa ou gratificação nem pagará para participar. Será garantido o livre acesso a todas as informações e retiradas de dúvidas do estudo, enfim, tudo o que você queira saber antes, durante e depois da participação na pesquisa. Você poderá deixar de participar do estudo a qualquer momento, sem apresentar justificativas e, também, sem prejuízo ou perda de qualquer benefício que possa ter adquirido. Uma via desse documento ficará em sua posse e outra com a pesquisadora.

Riscos eventuais: pode ocorrer cansaço ou aborrecimento; constrangimento ao se expor; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio e anotações durante a realização da entrevista; bem como alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões

sobre sexualidade e gênero e ainda medo da quebra do anonimato.

O projeto de pesquisa está registrado sob o número 74112223.7.0000.0105, o qual foi aprovado pelo comitê de ética, parecer consubstanciado número 6.337.680.

Em caso de dúvidas, você poderá entrar em contato com qualquer um dos membros da pesquisa ou com a Comissão de Ética em Pesquisa da UEPG:

Nome da pesquisadora responsável: Mestranda Luara Arthur Feola
Rua: Comendador Macedo nº260 – Curitiba - PR. Telefone (42) 9 9998-2743

Nome da pesquisadora participante: Prof.^a Dra. Bettina Heerdt;
Rua: Av. General Carlos Cavalcanti nº 4748- bloco M - Ponta Grossa /PR Telefone:
(42) 3220-3000

Comitê de Ética em Pesquisa: UEPG, campus Uvaranas Prédio da Reitoria – Sala de Especialização Lato Sensu – Campus Universitário CEP: 84030- 900 – Ponta Grossa – PR E-mail:
propesp-cep@uepg.br Telefone: (42) 3220-3108

Assinatura da/o convidada/o para a pesquisa

Assinatura pesquisadora responsável

Assinatura pesquisadora participante

Ponta Grossa, ____ de _____ 2023.

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM LINIKER (24/10/2023)

Gostaria que você se apresentasse quem é você? o que te movimenta?

Liniker, preta homossexual residente aqui de Cornélio Procópio natural de Cornélio Procópio, formado em Licenciatura em Ciências Biológicas pela UEPG mestrado em Biologia Evolutiva pela mesma instituição. Fiquei em Ponta Grossa de 2010 até 2023 resultado do trabalhando e estudo, vivendo muita coisa que aqui em Cornélio por exemplo enquanto uma viadinha ainda não assumida de interior lá nos seus 18 anos eu nem imaginava viver. Olha que Ponta Grossa ainda assim uma cidade ainda bem conservadora, mas me proporcionou muito coisa nesse sentido, primeiro de me dar possibilidade de me assumir de conhecer pessoas que me permitissem me conhecer e me assumir de verdade então eu tive um período ali dos primeiros quatro dos primeiros quatro anos de graduação onde ainda foi meio ali e uma coisa muito próxima que eu vivi aqui principalmente no quesito mente mais conservadora, mas ainda assim dentro da Universidade você visualiza um outro mundo, principalmente para pessoas como você natural de ponta grossa, mas eu sou daqui que é uma cidade bem menor que Ponta Grossa, nossa você estar dentro de uma universidade daquele tamanho é outra coisa, é uma outra vivência, então aqueles quatro primeiros anos foram anos de tipo: tá, posso viver isso, posso ter essa experiencia Dali em diante, do mestrado em diante aloka! Daí despencou tudo, desviou de verdade, a desviada. Eu falando desviada, cresci numa igreja evangélica né fui evangélico estranho né, mas cresci dentro da igreja evangélica e fiquei até os meus 16/17 anos quando eu comecei a me desviar, desviar idade em diante fui me desligando me desligando até o ponto que quando eu mudei Ponta Grossa eu saio da igreja. Sei lá, em 2016 eu me encontro dentro da Umbanda e continua até hoje. Atualmente não estou lecionando, em 2016 iniciei a lecionar em cursinhos comunitários como voluntário, em 2017 comecei no estado como PSS como professor, ansioso por um concurso que não saía e foi sair justamente esse ano. Porém, fui chamado em um concurso na área administrativa que eu tinha prestado lá em 2019, nesse momento eu optei por esse concurso administrativo porque estava casado da docência, optei por me desligar da docência um time que é o que eu já tava me organizando, deixei a docência por enquanto, voltei pra minha cidade natural e tô aqui morrendo de saudade.

E o que te movimenta hoje?

Não daí a gente entra em pauta de terapia já. o que tá me movimentando é muito louco chegar nos 30, estou com 32 querendo ou não quando ouvia o pessoal que chegava nos 30 e eu tava ali com meus 25, eu ouvia o pessoal falando que ali começava a real a vida um pouquinho meio que assim aí mano vocês são surtados?! Como assim?! Poxa já estamos vivendo, mas isso é um pouquinho de excesso de “cricrisse” da minha parte e um pouco de maturidade que a vida maturidade entre aspas mais um pouco de excesso de responsabilidade, sabe, mas é muito real chegar aos 30 chegar, hoje eu tô aí recém 32 que eu fiz ontem, é louco entender que mano começa agora mesmo sabe e daí é louco porque você já tem uma maturidade para entender que realmente começa agora que o que você viveu até hoje ele é construção foi você esquentando se encontrar dentro de algum lugar ou de alguns lugares e tô aqui agora nesse espaço teu Cornélio 2023 onde o que tá me expulsando é entender tudo isso que eu vivi até agora para Tipo porra quem eu sou, sou essa pessoa então é daqui para frente sabe é uma pira meio que de não viver afobado, mas também não perder tempo é entender que por exemplo algumas vivências que eu não tive durante principalmente no quesito de vivência emocional sentimental e afetuosa em relação ao mesmo sexualidade isso em função muito da religiosidade, do cristianismo e não

tem mais volta, não tem como eu voltar no tempo e ter 15 anos de novo e recuperar essa parte que sim me faz falta mas que hoje não tenho que eu recuperar então é a partir de toda essa minha construção seguir, então o que está me movimentando é aproveitar esse tempo que eu tenho agora, ficar uma grande gostosa, ou ficar muito gostosa GG, mas o que tá movimentando essa Gana de ok, eu cheguei nesse ponto de saber minimamente quem eu sou, buscar o que realmente eu quero, nisso assim, não há nenhuma certeza ainda, por exemplo sobre a docência eu quero voltar, eu tô me per perguntas também eu quero voltar Beleza se eu for voltar eu vou querer voltar para dar aula no ensino formal, porque o ensino informal também me chama muita atenção Eu gosto muito de trabalhar também com formação dentro dessa formação dos Professores Tá ali as duas pautas que me alimentam e movimento que a questão sexualidade e religião, sabe que são duas forças motriz que são duas engrenagens, não é nenhum cansar é uma sede me dá uma sede Então tá me movimentando hoje em uma frase Talvez seja começar de verdade, e é muito louco esse começar de verdade eu voltando para Cornélio revivendo um monte de traumas de infância, um monte sei lá você tá andando eu tô andando na rua e do nada visualizo coisa que eu nem lembrava mais voltar a trabalhar , começar a trabalhar com um emprego estável pela primeira vez nesses 32 anos de vida, mas ter um trabalho estável dentro de um serviço pulico federal que não era a princípio a área principal que eu queria estar atuando, mas pode ser algo extremamente momentâneo ou não que eu posso também me encontrar nela e seguir. Eu tô nesse momento angariando tudo que eu, sei lá, construí nesse time. Tem uma carta de taro se ela para mim resumir muito esse ano sabe ela é uma mulherzona em uma carruagem com uma Adaga com um olhar muito fixo que tá seguindo, é o que tá movimentando esse ano, tá chegando muita coisa além de tá chegando muita coisa tá chegando muita coisa muito rápido e de uma forma muito dinâmica então eu tô meio que deixando, então o que movimenta é o seguir e é o que eu quero construir daqui para frente

Eu trabalho em setor administrativo com licitações na UTFPR de Cornélio Procópio, eu estou no ensino dentro de uma universidade, mas é fora, não trabalho diretamente com educação eu de certa forma auxilio, sou um dos braços ali que auxilia com que aconteça as coisas na Universidade Porque sem um departamento de compras a Universidade não funciona. Esqueci de falar uma coisinha, nesse mês eu comecei dar aula em um cursinho pré-vestibular voluntário, não tem como, é a nossa vibe social, de lecionar, querer transformar, ela tá aí pulsando. Então esse eu nem ia pegar na verdade eu fui convidado logo que eu cheguei aqui, o pessoal ficou sabendo que eu era professor e eu já vim com uma ideia para cá de “Ah vou dar um time para descansar um pouco porque eu tava bem estressado mesmo isso em função do trabalho”, vou dar um tempo e agora que tô fora da docência é uma outra dinâmica que hoje com 6 meses ali eu vejo que é uma dinâmica completamente diferente, bem mais tranquila, o simples fato de eu conseguir hoje estar conversando contigo sem estar pensando em preparar aula isso pra mim já é 40% sabe, de descanso, o não trabalho, o não levar trabalho para casa, então já tinha planejado na minha cabeça, chegar lá e descansar um pouco e começa a ver como tá a cidade, porque eu to a 13 anos fora, para ver como tava toda a organização daqui. Pra mim, eu saí daqui uma cidade pequena sem projeto nenhum sem nada então já tava pensando “ah vou sei lá fazer um cursinho voluntário, angariar uma galera que sei lá dá aula online que eu conheço lá de ponta grossa”. E no final chego aqui na UTF já com vários projetos esse um dele cursinho comunitário voltado para alunos de escola pública Então já para mim já foi algo pronto, Eu só não vou começar logo de início quero dar um tempo de descanso, mas assim logo que der, beleza E daí deu no final de setembro me

chamarem porque o outro professor o menino que dá aula de biologia faz também medicina e ele tava com horários completamente atolados, ele perguntou se rola de fazer ele também é funcionário da Servidor da UTF Ele perguntou se rolava só esse mês de outubro né que é o último mês do cursinho eu falei ai Bora eu já meio ambiente para o ano que vem já tá sabendo como que é a rotina para se jogar de vez.

Você falou que em 2017 entrou como PSS, quais turmas você atuava e em quais disciplinas durante esse seu percurso de prof?

De 2017 para cá atuei em todas as turmas, foram todos os anos do 6 ano até terceiro do médio, trabalhei com ciências e biologia, durante esses anos mais intenso nesse mais séries se eu não me engano foi 2019, que eu tava em Ponta Grossa e Castro daí eu tinha sexto, sétimos, primeiro segundo, terceiro.

Foram quantos anos você falou de 2017 até?

Sem contar 2016 que foi voluntário né em cursinho até ali da Imaculada aquela ali perto do Balaroti, pegamos algumas aulas ali a gente eu falo a gente no caso foi eu a Pitty, a gente pensou também um cursinho comunitário pelo Caboclos da Lei, que é um terreiro que ela frequenta, até hoje daí ela me chamou e eu já logo aceitei, né, porque daí seria nós duas como coordenadoras. Eu penso assim com esses comunitários desde sempre, na verdade meu sonho é montar uma escola, queria eu gerir, mas o cursinho teve esse de lá e teve do terreiro caboclos da lei. Mas como PSS foi de 2017 a 2023, foram seis anos.

Apresentação do trecho da evolução sexual de Darwin.

Qual sua primeira impressão ao ler esse trecho?

A minha primeira impressão em qualquer sentido? A primeira coisa que me veio à cabeça na verdade foi justamente a aula que eu dei ontem, lá no cursinho, eu tô trabalhando com a parte de evolução Darwin papai de evolução e ecologia, trabalhar em evolução é um grande entrave, para nós que somos da biologia e para nós que temos mínimo de senso crítico em relação à vida, nem vou colocar aqui a todas as questões. Mas a vida, e que a gente tá também dentro de grupos ou bolhas que querendo ou não essa teoria pode respingar muita treva. Nós enquanto LGBT, enquanto pretas, você pegar a teoria e colocar ali do jeito que tá biológico e você não esmiuçar ou na verdade descascar isso, a gente cai por exemplo num bolsonarismo da vida. A gente tá indo nessa treva que a gente tá vivendo hoje, daí nessa votação que a gente teve semana passada/retrasada em relação ao casamento homoafetivo, então é grande para mim eu falo ainda enquanto Professor porque ainda não parei de lecionar né já que eu voltei a dar aula, mas assim enquanto formado que tem interesse de sentir e fazer a docência também com trabalho social é um ponto, é um ponto que me assusta, porque eu sempre tento tomar o máximo de cuidado possível.

E daí quando a gente olha ali para esse texto em si que ele vai falar justamente da questão de gênero, dessa disputa entre homem e mulher, entre macho e fêmea, é um guarda-chuva e é um guarda-chuva podre, porque quando a gente abre esse guarda-chuva tem um monte de carniça caindo dele e que a gente vai pensar por exemplo o macho e fêmea, e a sociedade colocando isso enquanto o homem e mulher e desconsiderando que homem e mulher é uma construção completamente Cristã histórica social. Não temos essa construção de uma mulher dentro da biologia por exemplo, então pensar esse texto e daí eu vou até fazer O Advogado do Diabo, nem eu não sei, na verdade, nunca não tinha lido e em ouvido falado sobre esse autor, não conhecia, mas por exemplo, quando eu leio os textos de Darwin e ele vai falar

justamente sobre essa questão do macho e da fêmea eu ainda consigo ler ele do ponto de vista estritamente biológico, eu tento colocar dentro dos meus alunos: “gente isso aqui que eu tô falando em relação à evolução, estou falando de animais, biologia, biológico, quando eu tô falando em ser humano ou Quando eu for falar de ser humano para vocês, vocês praticamente esqueçam tudo”. O que é uma coisa que eu sempre frisava nas minhas aulas também. Nossa espécie ela não vai fugir das leis da natureza, porque nós somos mais uma espécie, só que a gente não é só uma espécie biológica nós somos uma espécie Bio social histórica, a gente tem essas outras duas construções que daí também vão se abrir mais outras e que isso vai por exemplo derrubar isso aqui, derrubar esse texto, porque não dá para você pensar nossa espécie só com macho e fêmea, não dá para pensar que em nossa espécie o melhor, o macho o macho mais rápido vai ficar com a fêmea mais rápida, isso vai pensar tá o que que é apto? É um corpo padrão? É uma cor padrão? É um gênero padrão? O que que é esse apto?

Então eu fui lendo esse texto fui pensando logo na minha aula de ontem nas minhas aulas desses 6 anos onde eu sempre colocava: “gente evolução tem uma importância gigantesca, Darwin tem uma importância gigantesca, junto de Lamarck traz essa noção de mudança”. Só que não dá para a gente cair por exemplo em Darwinismo Social, ao ponto de achar que o mais forte da nossa espécie sobrevive. Porque daí a gente vai cair em misoginia, eugenia, racismo científico, transfobia e homofobia, lesbofobia. É um texto que me traz não é nem medo eu coloquei medo, mas é um texto que me traz uma acidez, um lugar ácido que ao mesmo tempo que eu posso ir testando essa acidez eu posso numa fala me derreter inteiro, porque ele é bem condicionado e problemático.

Tem até um artigo que é o artigo se eu não me engano de 2010 ou 2012 que é da Fapesp com a Unicamp eu posso até tentar ver se eu tenho ele aqui ainda não lembro ao certo onde que é traz justamente uma leitura na verdade uma contextualização do Darwinismo Social tirando Darwin desse lugar que vão colocar sabe é um cara que tipo porque na verdade o que que ele fez tudo isso aqui ele falou ele falou, só que ele fala isso assim pensando Justa e única exclusivamente para o que ele observou naqueles tantos anos que eu já esqueci quantos anos que ele viajou gente e que ele foi observando a relação entre animais selvagens, então ele vai colocar assim macho e fêmea porque o que acontece dentro da biologia as genitálias vão ser separadas, qual é a treva? essa galera Spencer, aquele outro Sueco da vida que eu sempre esqueço o nome do maldito se falar que daí começam a trazer tudo junto com o capitalismo e qual o cristianismo começa a trazer toda essa noção de seleção natural, evolução biológica darwinista para explicar a sociedade humana e daí a gente recai de novo em racismo, porque obviamente a raça Branca Ariana vai ser a dominante, a gente vai cair em LGBTfobia que até ali nem tinha esse nome, mas que é heterossexualidade vai ser o Regente, então tudo que é diferente do homem hétero branco e blá blá blá cai, por quê Porque esse grupo ele é mais forte ele é mais apto para sobreviver, explica até o colonialismo aqui do Brasil, foi extremamente justificado pelo Darwinismo social

Eu queria que você relatasse um pouco como que foi durante a escola, durante sua trajetória escolar. O que você recorda de ter aprendido sobre esse assunto seleção natural, evolução?

No Ensino Fundamental eu lembro muito das minhas professoras, a gente trabalhava muito sobre reino animal só que em Ciências em si era algo absolutamente técnico, não passava nem perto era assim, por exemplo: O que é célula? O que é a

mitocôndria? O que é sei lá o quê. Por exemplo a noção de evolução e daí óbvio que não é só eu né isso aí é um problema a nível sei lá dos formandos em biologia que é a noção de Evolução, eu não tive essa noção na escola e nem no ensino médio, fui pegar quase no mestrado que nem na graduação necessito não podemos entrar no quesito ético aqui, mas quando acabar a gravação a gente pode conversar sobre. Mas aí no percurso de escola não, era algo muito: O que é, qual é a função, qual é a fórmula? Tanto que até eu acho que a sétima série era a prof. Solange querida, meio sargentona, depois na oitava série foi um caos, porque era uma professora de ciências que na verdade eu dava aula porque eu gostava de ciências e daí eu fazia os resumos porque ela não dava aula, depois ela começou a pegar os meus resumos e passar no quadro, um caos. No Ensino Médio aí eu posso dizer que eu tinha aulas de biologia tive aula de física e de química, mas pensando em biologia é que foi até onde me alimentou esse desejo sabe fazer biologia com a prof. Joyce ela não tinha também eu não lembro muito ao certo na verdade, mas aqui pensando rápido era o deu continuidade a esse q de O que é, como é que é, mas era mais contextualizado, uma prof. que tinha mais bagagem assim para trabalhar com a turma, mas foi isso essa noção de problematizar o Darwinismo, a Evolução nem na graduação eu tive.

E na graduação?

Então vamos lá eu não vou citar nomes, a gente não teve aula de evolução até um pouco tempo, você também fez o mesmo curso que eu, da mesma universidade, eu fui ter na verdade meio semestre que houve a troca de profs. No segundo semestre eu tive sim e daí foi uma evolução muito menos técnica, não abarcava toda essa crítica social, mas ela tinha assim uma científica de pensar a evolução como científico. E em outra disciplina que é onde eu realmente fui aprender a evolução, paleontologia que é maravilhoso o Gilson, foi um prof. chave para teclas que eu troquei, para portinhas que se abriram, porque ele além de trazer essa visão científica de visualizar a própria evolução, isso que é um professor de Geologia, nem paleonto ele é formado em Geologia, mas ele era tão muito bem informado que ele traz essa noção muito científica da evolução. Ele trouxe também mesmo que bem assim pequeno algumas contextualizações sociais de como pensar a evolução, mas são muito simples eu penso que na graduação enquanto um curso de Biologia, uma ciência que é fundada na Evolução foi bem técnica é xereca e pinto.

Muito sobre essa questão material?

Sim, o que eu falo é uma biologia biologizante, ela não é uma biologia social, ela não parte da natureza em si, não vou falar nem corpo, pois a natureza ela é social, ela não é só natural, olha o caos, olha o estado climático que a gente tá se encaminhando ou já tá inserido na verdade, foi provocado ou foi na verdade adiantado por ação social, ação humana.

Apresentação do trecho de Anne Fausto Starling sobre Maria Patiño.

Já conhecia esse relato? Qual foi sua impressão lendo agora?

Já tinha ouvi falar e daí retomou sim porque eu sempre fui não dá uma ligada com dê um clique ali daí eu consegui lembrar Ai que legal então Teve alguma nova impressão o que já você já vinha pensando sobre ele quando eu ligo com a com a Andreia e aqui lendo com você também da hora as ambas Às vezes a primeira pessoa que me vem à cabeça foi A Tiffany ela tá jogando já um bom tempo ela enquanto lida como um homem ela já jogava, mas ela jogava na liga masculina da época depois que

ela fez a transição tudo ela começou a jogar na liga feminina e foi aquele caos e é muito louco porque ela é um exemplo do paradoxo que a gente vive na ciência, vou falar aqui da biologia.

Também esses dois casos, a biologia em si ela vai tipo dependendo de como a gente fala sobre ela ou como a gente trabalha com ela, vai simplesmente negar essas pessoas, para mim você sei lá negar a identidade ou negar sei lá a orientação, o desejo enfim, você está negando a pessoa negando o que ela é. A Biologia pode partir desse ponto ou quem usa dessa forma pode chegar ao ponto de negar a pessoa, foi o caso por exemplo de muitas jogadoras que ela simplesmente se utilizaram no de discursos extremamente biológicos para negar A Tiffany que foi que aconteceu aqui com a Maria, não você tem um cromossomo Y, não você produz muita testosterona a que eu acho que as duas elas se cruzam muito né, mas se cruza muito porque lá ela sendo um mapeamento cromossômico para ver que ela tinha uma promoção y e que não quer dizer bosta nenhuma, só quer dizer que tem um cromossomo. No caso da Tiffany, ela começou a jogar na liga feminina se eu não me engano em 2016/2015 talvez um pouco depois tendo que se esbarrar com isso também, tipo jogadoras, jogadores parte do comitê falando não ela nasceu ali com pênis Então ela não pode jogar na liga feminina e ao mesmo tempo no caso da Tiffany a própria ciência falando que ela podia e deveria jogar, porque a própria ciência, a própria legislação, o próprio comitê olímpico de vôlei coloca aqui para tá jogando determinada liga, eu vou falar que é feminina, existe sim uma questão de cuidados hormonais de limites hormonais de uso de hormônios sintéticos, porque pode ganhar massa, pode ter um ganho desproporcional a outra pessoa, só que no caso dela tá tudo certo.

É que a própria liga já tinha colocado ali, ela tava jogando de boas. Então muito louco porque técnica e científica para tipo cara é isso aqui, não passando disso, pode haver uma vantagem no quesito estritamente de desempenho tá ok, sabe é muito louco porque jogadoras que acusaram ela e que negaram ela, essas pessoinhas hoje foram suspensas pelo comitê olímpico, porque nas olimpíadas de 2021 foi pega no exame antidoping por quê Porque tinha usado o hormônio e tava a quantidade a mais de hormônio e daí tá lá tentando provar o contrário e até hoje não conseguiu, é uma bolsonarista toda cagada, evangélica. Então lê esse texto não é nem pensar sobre é também né, pensar sobre acho que a década de 90 que ela, mas é pensar que ainda tá rolando isso ainda fala com isso ainda que aquele maldito daquele Nicolas aquele deputado do PL, mas é um cara que por exemplo lá dentro do congresso em si se utiliza de uma peruca para dizer que uma pessoa é resumida o cabelo. Então é louco porque na ciência isso tá muito presente está presente por exemplo a nossa graduação e pelo menos da minha não tive essa noção de transexualidade por exemplo vou aí puxar essa transexualidade como um termo guarda-chuva de pensar diversidade cromossômica.

Você teve no colégio, graduação algo sobre isso? Como foi?

Na Graduação foi muito isso sabe o binarismo, a gente traz vai trazer né o social para a Biologia aquela noção do CTS eu acho muito maravilhosa e que eu sempre colocava para os meus alunos também, o que tá com qual o pneu possível sem as ciências tecnologias e sociedade, mas que uma vai retroalimentando a outra e é tudo independente né tanto para o conta para o bom sem maquiavelismo. Na graduação foi o quê XY homem noção de homem social XX mulher social construída e contaminando a Biologia o que era colocado a parte daí entrava como síndrome alteração, doença, tinha uma outra que eu achava péssima também anomalias cromossômicas que deu o negócio que eu ficava tipo graduação provocava uma eu

fui começar na verdade eu tenho leitura crítica no mestrado só a graduação nesse sentido sabe foi bem a superfície mesmo, mas é como o curso e o currículo se organizam também.

Uma das minhas vontades de trabalhar com formação de professor é justamente de entrar e “envenenar” esses cursos de graduação sabe nesse sentido mas foi bem binário, foi bem nesse sentido de XX, XY e daí assim não há uma algo entre estes tem esses dois que formam um grupo e daí tem um tem um uma coisa aqui tem uma coisa que na versão várias mas vamos fingir que é né e daí é muito louco porquê e eu acho que até pensando aqui ó Isso foi uma coisa que eu não tinha pensado nesse tempo todo eu fui dar logo depois do meu mestrado terminei a graduação em 2013 eu já emendei o mestrado e foi nesse período do mestrado que eu comecei a ter acesso à leitura que veio tanto na questão de gênero e sexualidade como também no letramento racial então veio tudo muito junto ali no mestrado, pensando que agora talvez tenha sido até bom dois anos e meio de Mestrado Para justamente chegar na escola com uma outra cabeça sabe porque senão eu ia tá falando isso eu ia tá falando tipo gente XY homem XX é mulher. Na escola o que que aconteceu quando eu passo nesse tempo de Mestrado entro na escola e me deparo com os alunos em si esses dois anos aí eu tendo acesso a leitura e eu buscar a leitura como que eu vou colocar isso em prática, como que eu vou colocar é muito difícil porque o sistema ele é gigantesco você vai indo aos poucos e vai envenenando também sabe você vai nem água em pedra era muito tipo nas falas, aonde que tá colocado por exemplo XX é isso e XY isso?! beleza E essas outras pessoas aqui questão e que são pessoas como qualquer outra pessoa mas tem disfunção não sei do que não cresce tal órgão eu falo assim gente eu por exemplo tenho aqui o meu x e y e sei lá posso ter o plano coração a qualquer momento ah Professor mas ela lá ou ele lá não tem sei lá útero, Mas e aí eu posso simplesmente do nada a ser estérreo. Então o mérito da doença tá no outro campo que não diz respeito à aquela pessoa aqui, doença é algo que qualquer um pode ter Independente se vai ter sete cromossomos ou um só então foi um desafio, porque de início havia um eu tinha um medo era um medo mesmo de tipo entrar em choque principalmente com a escola com a direção e tals aos poucos eu fui vendo que dá para ir serpenteando, dá para encaminhando nesse meio tempo e foi massa que eu acho que depois de uns dois/ três anos eu consegui pegar a gente pega carcaça né a gente pega a leitura também e eu consegui montar um discurso muito pronto para minhas aulas. Então eu já quebrei essa ideia de padrão biológico ou tentava minimamente quebrar essa ideia de padrão biológico, justamente porque quando a gente pensa cientificamente biologicamente a natureza é completamente diversa ela é extremamente diversa então não tem como a gente pensar ela padronizada e isso tanto na Biologia na física e na química aí sei lá a física pode explicar a natureza de forma matemática, mas sei lá semana retrasada a semana essas três últimas semanas Aí você olha tempo tava na chuva tal ou ao contrário só o som do Sol e tava chovendo tá então é pensando a biologia não dá para você pensar padrão, a gente pode padronizar conhecimento para conseguir ser didático, conseguir ensinar. Mas você padronizar a vida não dá, porque daí você vai contra biologia, porque ela é diversa você vai ver que na natureza em si qual que é grupo de espécie qual que é ele é completamente diverso, vai estudar sei lá genética a evolução e tal não adianta eu falar em evolução se eu não falar em variabilidade genética, porque senão a gente entra em endogamia tal leva o quê a extinção depois de um tempo então sempre tentava tipo partir desse pressuposto de: pessoas a gente pode usar a ciência de várias formas eu posso simplesmente usar a ciência saber que tem lá todos nós temos cromossomos e dizer que o certo correto é só quem tem esses e esses

cromossomos propósito muito bem dizer que pessoas têm cromossomos ele te deu eu colocava uma figura que era para meio que dá esse choque esse senso de porquê onde eu colocava lá um cariótipo humano né lido como padrão onde tinha lá os dois cromossomos sexuais e depois eu colocava já mais uma caralhada de cariótipos pessoas com cromossomo sexual dois três quatro vezes e daí mostrar artigo Porque tem um monte de artigo saindo por exemplo o que você menos citou de pessoas intersexo não falam por questão de preconceito de medo na verdade né do preconceito e que na verdade existe aos milhões, então aí a gente não sabe por quê Porque ninguém vai ficar falando deixa eu ver a sua genitália. Então na graduação nada nada então falo mestrado foi o período do nesse período que eu tive letramentos, não foi no mestrado, foi o período que eu fui buscar então. Na escola de início houve um receio um medo de enfrentamento e que depois querendo ou não é assim é pela nossa sobrevivência a gente falou a gente fala sabe ou a gente fala ou a gente é engolido alguns Nicolas da vida com os bolsonaros da vida depois a gente conseguiu tanto e ao mesmo tempo pouquíssimos direitos pra lutar minimamente.

Mas é que às vezes, já é tão difícil estar naquele espaço, mas também em algumas vezes estamos cansadas de lutar, estar ali já é uma luta...

Com certeza Às vezes acho que é só a presença, é uma coisa que por exemplo esse ano foi muito louco, na verdade o ano passado esse ano tinha pego sextos anos eu não tinha pego você em outros anos não tinha pego o mais a série mais nobre a 7º anos eu tinha pego lá no início e o ano passado esse ano foram os primeiros que eu peguei sexto que era uma turma que eu meio que fugiu uma série que eu fugia, Por que criança e daí criança é um negócio bizarro porque você fica caro eles são ligados 220 você entra assim sai assim mas foi muito muito muito muito muito foda eu acho que mesmo tenha sido só sei lá 10 meses que seja para sextos anos eu acho que transformou toda minha prática, por exemplo eu não vou chegar Falando para eles e não é assim não XX não é não dá, não dá a minha vivência e o meu discurso a minha fala dizem muito mais sabe. Você tem namorada e tals não tenho e eu nem tenho namorado ainda, gosta de homens eu falei eu gosto porque você não gosta? Aí prof., você vota no Lula ou Bolsonaro? A eu voto no Lula, a lula ladrão... roubou meu coração. Teve um outro menino o Murilo que assim o morro de vontade de rever ele algum dia esse ano uma turma de sexto ano sexto D lá do Sirley Chagas que ele era é né macumbeiro e daí quando eu cheguei na sala no primeiro dia de aula ele me viu de guia ele já professor e essa aqui? É uma guia, mas você é da umbanda? Eu sou também sou minha mãe é, eu toco lá no terreiro, dali em diante de Fevereiro Até abril maio quando dei abriu né Maio encontro dei aula ele sempre via me dar um abraço e pedir Axé então ele via me abraçar, era só de estar ali sem ficar um terceiro ano onde você eu acho que precisa ser mais enfático o técnico tem uma cobrança né um mínimo de maturidade, de vivência, mas criança não ali eles vão se espelhar muito no que a gente demonstra do que a gente reflete Então se dá lá o professor de ciências Preto todo viadão falando que gosta de outros homens e tals falando que é da Umbanda e que tá assim tudo bem, que não tá tendo nada de diferente com a outra sei lá professora que tal não sei por que é meio que diferença aqui ó a variabilidade aqui não tá fazendo diferença alguma na tua vida. Sim há momentos que a gente só ali já é o que eu tô percebendo muito por exemplo aqui no meu setor agora no trabalho, é porque aqui eu não dou aula como é que eu só fico em telas e tô lidando com legislação de compra de setor público eu tô ligando ali com licitação , é um ambiente onde a gente só tem pessoas brancas, a princípio eu acho que tem uma LGBT, mas a princípio estou ali eu negona, gayzona que tô trabalhando e trabalhando até melhor

meu amor, porque era do que pessoas que já estavam ali então assim a minha existência já é um choque ao mesmo tempo tô falando muita coisa, eu cheguei lá eu me esbarrei com funcionário, servidora a primeira recepcionou né e ela foi uma super querida ela é super querida Nossa maravilhosa, até o dia que eu fiquei sabendo que ela era evangélica aí a gente num choque não como está tudo bem, tá tudo ok a gente tem sim pontos de divergência, mas eu acho que são pontos divergência que ainda bem que existem, mas que não afetam a minha sobrevivência, não afeta quem eu sou ela eu sim eu tenho um ranço Eu tenho um preconceito contra o evangélico Ah e ficar sempre ali no Ferreiro na defensiva sabe mas é de sobrevivência mesmo tudo que eu passei na igreja e tals mais feliz com ela dá para ficar bem tranquilo. E tem um outro funcionário que ele não é bem ali da sala, só que ele sempre tá ali perto que tem muito vínculo com meu setor que ele é um conservador, bolsonarista, adventista ou da congregação, cristianismo aí, tá lá ontem mesmo estava com as três guias tive que entrar na sala dele para conferir os materiais e assim você vê no olho da pessoa que já muda a nossa presença ela já fala muito. Quando entrei na Umbanda e principalmente com o Murilo disse que o Murilo com esse alumínio meu foi muito forte, a gente carrega muito símbolo sabe com o Murilo foi a guia, com Murilo percebi quão importante, quão simbólico e quanto peso quão energético só essa guia ela traz a pessoa que ela leu que a pessoa lê só disso, eu usar aqui o cordão amarelo com miçanga amarela já traz o peso não, mas já traz.

Nossa o pessoal vê já pensa: macumbeira, nossa uma bicha, eu não vou mexer com ela, nossa vamos orar. Ao mesmo tempo, nossa ele também é macumbeiro, eu também sou esse simbolismo de até o que é parceiro sabe o método da parceiragem também né.

Eu acho que é muito louco mesmo isso você fala da representação e pegando esse fio aí queria partir para mostrar para você algumas imagens aí você já tinha visto

Apresentação das Figuras 1 e 2 – ilustrações de Chidiebere Ibe.

Você conhecia alguma dessas imagens e o ilustrador Chidiebere Ibe?

Não saiba não dele não. Na escola a gente desfilava o de setembro entre aspas vestidos de índio, em problemático, então não, eu acho que eu fui ver um corpo negro dentro de um livro didático eu já tava o quilo eu não sei se no primeiro ano da docência eu já tava, foi coisa de meio da docência para frente. Mudaram as coleções e os livros, mas no início não tinha, na graduação não tinha, a gente tinha assim essa noção de corpo por mais que não tivesse nenhum rosto desenhado mas era um corpo Claro Rosa era um branco roseado completamente higienizada e era isso, até aqueles corpos sem rosto e na genitália um desenho, só quero sempre claro, nada próximo à escuro, eu fui ver isso eu acho que foi no Sei lá deve ter sido isso tudo como cidadão 2017 e de 2020 para cá Eles mudaram a coleção dos livros acho que o Araribá que estava usando como padrão eu comecei a ver, uma imagem dessa por exemplo que você tá me mostrando jamais. porque até em agora deixa eu ver aqui deixa eu pensar, mas até sei lá na eu não sei ao certo posso estar falando bosta, mas eu acho que nem lá em genética por exemplo de nono e terceiro ano quando vai trabalhar herança vai trabalhar dando essa quantitativa você vai falar sobre coloração de pele não aparece. Tanto que eu tive um choque sabe que quando eu peguei o livro e comecei a foliar para ver como funciona como era o livro né poder utilizar dele ou não, porque a primeira vez, é pesadíssimo o que vou falar, mas é real, mas estávamos colocando ali como pessoas eles estavam ali tipo existe pessoas pretas, existe pessoas amarelas, existem pessoas indígenas, então começou tem na verdade, mas é algo que eu

particularmente vejo de forma bem recente, a gente tá em 2023 depois de 4 anos para cá, antes disso não via. Na graduação até questões que por exemplo vão dizer respeito a pessoas pretas que temos pré-disposição a pressão alta há alguns problemas cardiovasculares, questão de textura de cabelo, enfim não era colocado ou era colocado como uma coisa de algo novo, existia aquela bolha padrão o resto, essa pira do resto que eu sempre frisava em minhas aulas, principalmente quando a gente ia trabalhar a fisiologia, porque era primeiro ano e um pouco de terceiro na parte genética eu ficava mano: como vocês imaginam o sujeitos e às vezes eu jogava assim a Imagine aí pessoas um cientista aí, como o cientista é? Velho, barbudo, branco, dentro do estereótipo de cientista, sempre dentro desse espectro, podemos pensar uma outra forma de cientista? não dá, daí eu colocava foto de diferentes cientistas pretas e rolava um choque. Teve alunos como que é o nome deles é lá do Sirlei também do sexto ano desse ano, eram três assim era uma Trindade do sexto B eu achava eles maravilhosas que assim eu visualizava eles como um trio de amigos que vão assim tipo para o resto da vida de tão lindo são extremamente inteligentes os três pretinhos James o nome dele enfim, ele gostava muito de astronomia esse assunto trabalha pouco ali a parte de sistema solar e veio falar já eu gostava planetas e ele citou aquele cientista que tem deficiência, cadeirante que ele teve paralisia e daí eu coloquei o menino lá do cosmos, acho que a primeira reação de aluno meu que foi uma reação assim extremamente espontânea verdadeira e inocente assim sabe de tema surpresa, já tive com alguns alunos de Ensino Médio, mas aquela criança teve uma ação de espanto como: não, é sério? Quando ela viu a foto que eu coloquei sério do menino do cosmos pega o nome dele aí vai pesquisar depois sabe e faça uma coisa linda assim eu fiquei assim nossa que coisa maravilhosa e foi um aluninho só de um sexto ano e que consegui fazer isso já foi ótimo mostrar essa outra parte que na verdade faz pare do todo.

Não é não dá nem para falar aqui em corpo violão, Mas a gente não vê um corpo violão ou não via Deixa eu pensar nos livros de agora ainda não, não que eu tive acesso, é um corpo reto, já tendencioso a gente pensar isso como eu acho que só deve ter cintura para demarcar se é homem ou mulher, daí entra na curva, isso realmente tem e é bem delimitado, mas uma coisa que agora você fez lembrar até nessa na pira do quadril é que tem alguns livros de fundamental, porque médio quase não usa mais livro, que já não colocam mais homem e mulher alguns, são poucos, colocam pessoas isso e pessoas com aquilo, é ainda um binarismo mas não reduzem a homem e mulher. Eu acho que é uma da coleção do Araribá, mas é um corpo reto, esse que tipo tem curva, tem gordura, é um corpo comum normal. Justamente não dá nem para falar em contrário mas um corpo que é oposto esse é um corpo magro que sempre tá aparecendo dessa forma e quando vai aparecer esse corpo quando você tá trabalhando por exemplo sistema digestório e vai falar sobre problemas de distúrbio alimentar, vou falar sobre obesidade aí você pensa em gordo, aí você consegue observar e daí eu sempre voltava, dei poucas aulas para segundo do ano que pega a parte fisiologia, mas quando entrava nesse mérito no primeiro Principalmente quando ia trabalhar macromolécula, produção de energia, entra nessa parte de alimentação também. Vamos lá pessoas como vocês estão aqui em salas aqui dentro de sala vocês olham um para os outros aí e me digam média e me fale sobre o corpo de vocês eu quero assim uma média que não seja uma média que seja algo fixo corpo que existe aqui daí eles olhavam para sala e assim não dava para medir algo exato em relação aos corpos. Beleza, você faz tal atividade você faz tal atividade dá esse diferentes corpos tendo desempenho completamente nessa atividade, daí pegava exames e eu até me colocava dentro desse exemplo porque eu tenho um corpo que

eu nem sei na verdade como eu falo do meu corpo fala que eu sou parrudo, mas eu não sou gordo, obeso dentro dos exames e tenho sobrepeso, mas não demonstro tanto isso eu colocava isso dentro colocava ali também para você Ah então beleza vamos pôr em exames aqui e comparar um meu e de uma outra pessoa que eu sabia que era extremamente magra e musculosa e que tinha por exemplo diabetes e outra que tinha problema de índice glicêmico alto, como que é como que se compra que será como que é esse corpo aqui. E eu que sou uma atleta que gosta de se exercitar com o cardio muito bem trabalhado e cuidado que eu morro de ter problema no coração. Eu aqui com a minha barriga caidinha de chopp toda saliente Plus com corpo que tá completamente fora que vocês veem aí em revista, porque ainda existe isso e tô bem, dessas duas pessoas aqui mostrava foto né então aí com essas questões aí em relação à saúde então o que que o corpo ou a fisionomia fala sobre a saúde?! Nada, porque ali você tá vendo um excesso ou a falta de gordura ou uma musculatura muito desenvolvida, mas como aquele corpo está internamente, por exemplo um atleta que era outro exemplo que eu colocava um atleta de saúde exato

Trazia relato de atletas que conviviam com dor eu pegava sempre mais ou menos o vôlei porque é o que eu tenho mais contato, mas que conviviam com dor, porem tinham que lidar porque eram atletas. Quando vê o corpo do atleta é o que: estrutural, mas está em alto desempenho colocando o corpo sempre nos limites, mas olha o corpo e pensa saúde. Segundo OMS o que é saúde? daí ela coloca saúde enquanto algo físico, psicológico, social e econômico engloba até o lazer. Eu perguntava alguém é saudável aqui? Assim esse corpo era visto pelo menos dentro do material que utilizava né dos livros que eu utilizava ainda assim dentro de um lugar doente, lugar de um corpo doente que não é o almejado eu sempre colocava também que existe um uma imagem para gente buscar uma imagem alvo e que dessa imagem algo vai ter várias coisinhas que vão formar ela, como o tipo de corpo, a cor desse corpo, o que esse corpo expressa, a cabeça, a mentalidade e afins.

Você em algum momento conseguiu abordar alguma questão de diversidade seja gênero, sexualidade, cor ou etnia durante suas aulas?

Já de início era um peso um peso, no sentido de preciso fazer a revolução. Como eu tinha colocado o período de formação, término da graduação até a docência. Eu nem vou falar mais desse período de Mestrado que o meu mestrado não me ajudou nisso, ele teve a sua importância, mas não nesse ponto foi fora que eu busquei. Talvez ele tenha sido importante para me dar financeiro, financeiramente me ajudou porque daí eu pude visitar lugares que me proporcionaram isso, mas esse tempo foi importante primeiro para eu ter bagagem, para eu ter acesso, saber pesquisar sobre, porque ao aprender a pesquisar dentro do mestrado me ajudou a buscar tudo isso de fora. Assim de início eu tive essa nossa luta, vou colocar aqui enquanto luta, enquanto um peso, eu preciso fazer isso e eu preciso ter sucesso nisso, preciso consegui fazer com que todas as Crianças todos adolescentes das minhas turmas tenham completa noção do Caos que a gente vive e saiam de lá letrados criticamente. Eu me esbarro com isso, não eu vou dentro da escola com esse mote de mala daí eu me esbarro com o quê Quando não consigo lidar com um aluno, por exemplo eu já tive uma situação no meu primeiro ano de docência lá em Castro o Amanda onde uma aluna preta ela me virou e quando um soco assim na minha no rosto ela simplesmente parou com um soco no meu rosto e eu tive que lidar com aquilo era uma aluna que ela era extremamente agitada, ela tinha “n” questões dentro de sala de aula enfrentava, tacava aviãozinho, até um dia que assim eu não aguentei, dou uma surtada mesmo gritei com ela e aquilo para mim foi pesadíssimo, porque daí você tá ali querendo fazer revolução, mas a

gritando com uma criança preta que você deve estar incentivando. Eu lembro que esse dia eu fui embora, fui para a rodoviária, voltei em prantos, chorando a viagem toda e Nossa pensando que bosta não sei dar aula. Depois de um tempo a pedagoga falou que era uma aluna com questões familiares pesadíssimas a casa dela era um cômodo com vários irmãos e com o padrasto que batia na mãe, é assim um caos, ela simplesmente exteriorizava na escola, enfim deu que ela saiu da escola. Em outro momento no mesmo ano que eu acho que foi mais para o final do ano, a gente se encontra na rua e ela nossa Professor como você tá to bem, então como eu era chata na sala eu dava trabalho, eu falei um pouquinho né. Esse embate de chegar na sala de aula com facão, lança, espada e escudo eu tive que simplesmente jogar tudo por terra e falar mano não é assim, só que assim foi no primeiro ano assim, no segundo ano assim, no terceiro ano já comecei a ver que tinha que ser muito mais maleável que querendo ou não a academia ela deixa a gente muito técnico, não dá para a gente ser técnico com um adolescente, com criança não dá, então eu tive que justamente me utilizar de Jogo de Cintura, eu não vou nem falar em metodologia, teoria aqui que eu não vou nem saber falar para você bem na real foi no Jogo de Cintura e pegar vivência que eu tive enquanto aluno mesmo lá da minha adolescência, vivência que eles me traziam e sim algumas coisas peguei de graduação e fazer um bater um liquidificador fazer um bolo com aquilo. Então sei lá para trazer questões de gênero por exemplo quando ia trabalhar método científico, por exemplo só colocava figuras de cientistas mulheres, independente de cor, com isso já rolava um espanto, principalmente do pessoal do ensino médio e dessa galera próxima ao bolsonarismo.

Quando comecei a dar quando dava aula ali para 2018 2019 que já tava essa gama, já tava até efervescente isso, já tava extravasando esses olhares de estranhamento e tava lá figuras femininas enquanto cientistas. Durante esse processo de docência eu fui um chamado para dar algumas palestras principalmente da Umbanda e quando não dava para falar sobre da Umbanda Eu também falava sobre ser um professor de biologia e no final colocava sempre figuras que não inspiravam, colocava figuras de cientistas que não são bem vistas, por exemplo Maria Clara, Érica que hoje não está mais no cargo de deputada e até figuras que fogem assim desse Campo mais técnico científico que é tipo das Artes, então sempre colocava a Liniker que é a minha referência eterna. Então era muito a minha forma de trabalhar essas questões que era muito imagético, no sentido de mostrar da mesma forma que eu era uma imagem, por exemplo para o Murilo, da mesma forma que o cientista do cosmos foi uma imagem para o meu alumínio do sexto B, sabe quando eu ia trabalhar isso no sentido geral era sempre com imagens. Eu gostava muito de trabalhar imagens quando nem era sobre questões gênero ou envolveu raça que eram mais aí no campo colocar Ecologia aqui que seja, então gostava muito de trabalhar com imagens: vamos começar a trabalhar com ecologia, olha essa imagem aqui, era uma a imagem que eu acho ela muito massa, eu acho muito maravilhosa que é uma árvore no meio de uma cidade um desenho dela é bonito e daí ela servindo de bolsa de soro para a cidade inteira e daí começava a destrinchar, às vezes iam duas aulas só destrinchando aquela imagem, então você vê a imagem você consegue atingir um campo da pessoa que foge também desse campo quadrado, porque ela vai ter que usar imaginação para descrever aquilo, vai ter que usar muito do emocional. então pegar essas referências da Aline, da Malunguinho, da Maria, quando saiu por exemplo o sequenciamento do genoma da covid19, a Jaqueline que sequenciou aqui no Brasil, então pegava e trazia tipo ó e assim eu nem comentava, então hoje vamos falar de sequenciamento a primeira que sequenciou o vírus da covid e o slide tudo nela, tinha esse choque de imagem e mostrar que assim existe, ela tá ali aquelas pessoas

existem então ali só vivendo e eu sempre trazia também para um para um lugar de normalidade, por mais horrível que seja falar isso, mas eu trazia para um lugar de normalidade que tipo a gente só quer viver trabalhar, pagar boleto e só, é isso e falou valeu.

O que eu tive de medo nesse tempo de docência eu acho que de início esse choque de trabalhar essas questões de trabalhar sexualidade, conversar com pais, porque eu tava lá falando de gente vocês tem que lavar o pinto, senão ele vai cair. Daí nesse ponto com alunos de terceiro de Ensino Médio na verdade no geral, eu sou bem escrachado, não fico segurando muito justamente para chegar neles, enquanto uma criança tem que segurar, porque tem que tomar cuidado da forma como você fala, ali com um adolescente é uma coisa meio poxa, você tá falando caralho, buceta e eu não vou falar buceta em sala de aula porque é palavrão. Então era uma forma também de uma metodologia sei lá se é certo ou não, mas de conseguir chegar, mas que ao mesmo tempo me trazia o medo de porra, vão querer falar comigo.

O que a gente colocou até pouco tempo aí em relação a diversidade de pessoas, existe uma diversidade de pessoas imensa, quando eu colocava lá da galera com todos os tipos de cariótipos possíveis e daí derrubava a ideia de binarismo derrubava ideia de homem e mulher pessoas que estão ali e daí já rolava aquele receio do Olhar no olhar já tinha aquela coisa só que é uma coisa que movimentava porque ao mesmo um olhar de estranhamento, já tava acontecendo também, e eu até agradeço muito visualizar de ter vivido e viver esse momento de olhar aquilo com normalidade, porque já tinha adolescentes olhando aquilo com normalidade ou porque estavam se sentindo acolhidos ou porque é só olhava porque duas pessoas. Mas existia um medo de aquele aluno que olhou com o estranhamento descer na direção, mas é um medo que movimenta, é o medo que é sobre, é isso aí, então tinha esses receios.

Quando eu vou falar sobre a questão racial na verdade não tenho nem receio de falar, mas quando eu colocava enquanto Umbanda Enquanto umbandista, porque eu acho que não era nem o medo do que vão falar, mas é do que eu vou precisar falar e me desgastar, já tive situação dentro de sala de aula tempo de escola de reunião de conselho e que uma pedagoga foi fazer analogia de uma criança que tava tendo um ataque provavelmente não verdade um ataque epilético não deu para entender com uma incorporação de Preto Velho dentro de um conselho de classe, daí eu já surtei, dei discursão. Quando vou fazer questão racial é ponto nesse campo de aí vamos lá se gastar um negócio que a gente vai movimentar e vai ter que gastar um pouco, então esse desgaste de Energia era algo que eu ficava tipo não precisava disso.

Você lembra sei lá algum material que você utilizou?

Eu nunca fui muito do material didático

Eu vou tentar pegar os dois, antes de sala de aula vai ser sim artigo, YouTube por exemplo quando começou a aparecer uma galera massa principalmente fazendo divulgação científica que você vê que tinha completa validade e extremamente confiável então comecei vídeos do YouTube tanto para mim quanto para sala de aula também. Leitura, não tem como a gente não ler, desde livro, desde leitura será mais pesada até a leitura mais tranquila. Eu acho que da minha parte assim era o que eu fazia mais sabe dentro de sala de aula eu fazia uma linha de professor que eu gostava muito do tradicional, e às vezes era para perder por questão de não ter tanta criatividade sabe não consegui assim construir, que eu não conseguia construir muita coisa para levar. Então o que gostava de trabalhar bastante seminários, seminário é uma coisa que assim eu amo fazer e trazer uma das Ferramentas que eu utilizei bastante foi seminário, dentro de material didático. Primeiro porque eles vão produzir

e discutir, mesmo que geralmente um só faz, mas ainda assim vai rolar uma discussão e a forma com que o avaliava não tinha como um só fazer, então todo mundo tinha que fazer até trabalhos péssimos até magníficos. Esse ano por exemplo, eu tive uma turma de segundo ano do Epaminondas, que eu peguei ela o ano passado como turma caótica, problemática e foi a turma que eu mais senti de ter deixado, nossa fizemos festinha de despedida eu chorei e eles esse ano construíram um seminários, desde o ano passado já, havia assim muito potencial neles seminários que eu assim eu fiquei passado sabe no nível de criatividade com que eles construíram aquilo e que me deram até margem para questionar eles um monte de coisa, teve um grupo que o menino fez a abertura do trabalho dele utilizando tendo como analogia o Game of Thrones então assim ficou muito foda, eu acho que eu tenho esse vídeo salvo que eu pedi para eles ficou muito muito foda, então eu gostava dessa eu gosto da comunicação a oralidade para mim é algo que eu trago Acho que desde ali da questão Religiosa e na minha prática docente pensando que ela faz muito sentido. Então a oralidade a comunicação com os alunos para mim é muito importante, muito muito além de usar um livro por exemplo, que tem problemático em cima de livros principalmente os mais antigos, eu tenho dificuldade de produzir materiais, então assim eu sou muito aulão de texto, esquema no quadro, a minha imagem no slide e daí vamos, vamos lá, vamos conversar sobre Vamos ver que que a gente destrincha disso aqui, tanto é que eu devia ter feito história, mas é mais esse nesse meio sabe, material físico dentro de sala de aula eu usava pouco, era mais eles que produziam e era como uma forma de desafio que eu dava para eles produzirem, porque eu assim realmente não produzia que eu tinha pouca atividade tem pouca criatividade desse sentido. Então meio que jogava para eles tanto é que eu falava gente seminário, só que esse seminário fazer um teatro, você podia fazer cartaz e produzir sei lá vídeo, eu deixava em aberto assim até poema uma vez rolou que eu fiquei passada, teve uma menina do terceiro ano eu acho que foi o último antes da pandemia eu dei, foi a Ana foi um trabalho de método científico que a gente tava discutindo justamente questão de gênero na ciência e tipo onde estavam as mulheres isso aí e dela escreveu assim uma redação para eles ela escreveu um poema toda feminista fez muito sentido, a imagem e oralidade. Se eu resumir para você palavras o que eu mais utilizei na minha docência que fazia mais sentido para mim é isso a oralidade e a imagem, não conseguia usar as ferramentas será constante era mais como algo indireto uma ferramenta indireta por exemplo usava o PowerPoint para eu conseguia passar aquela imagem que todo mundo vê, mas sei lá eu vou usar um Kahoot para vocês responderem questões, fazer um jogo de programação. Tem o aluninho meu do sétimo ano lá do José Elias, aquele uma vez ele quis produzir um jogo, ele queria programar um jogo de celular sobre parasitas e daí eu falei assim, fui em sincero, se você quiser fazer e assim foi bem o ano da pandemia foi eu comecei academia 2020 2021 era o nome dele é Arthur se eu não me engano, eu falei assim viu se você quiser fazer o professor não sabe programação, mas se você sabe eu te ajudo com a ciência, com o que você precisar a professor “quem come quem? que parasita que é? esse hospedeiro desse?” que vou te ajudar nisso, mas a programação você se vira, a gente não conseguiu finalizar, mas ele fez assim praticamente metade do projetinho, conseguiu fazer o bichinho se mexer no joguinho e foi, deu boa, acho que consegui incentivar ele mesmo que pela metade do projetinho, mas deu. Então para mim a troca faz muito mais efeito do que “aí vamos construir um modelo didático de um DNA” “Ah vamos construir um jogo didático” pode ter todo o efeito possível, eu acredito que realmente tenha, mas eu consigo fazer algo que seja mais construtivo pra mim

enquanto professor, fazer essa oralidade e usar essas imagens de uma forma seja mais produtivo na minha atuação com um desempenho melhor.

Ah eu não sei parece que nas minhas aulas não é construtivo tá ali construindo modelos ou algo do tipo, daí eu falo na minha atuação mesmo se reproduzir a partir disso. Eu trabalhei no TCC, foi o TCC não foi no PIBID que eu trabalhei com mídias eu acho que ia trabalhar e fazer mestrado Nossa eu era louca que ia buscar aqueles javas de divisão celular, duplicação de DNA, tradução, nossa todo aquele gifs. Era a louca disso, no PIBID, nossa Senhora raríssima às vezes que eu uso esse tipo de ferramenta sala de aula, só quando é muito necessário, por exemplo uma modelagem de tradução e transcrição, ou usar, mas de forma bem e rápida e superficial, porque eles vão olhar aquilo e falar é isso.

Acho que é muito importante de pensar nos contextos desses materiais e se eles realmente vão ser efetivos para o nosso objetivo ali que é construir

Eu sempre fala no início das minhas aulas, antes de falar que somos uma espécie bio-sócio-histórica, eu falo gente aqui vocês não vão ou caso já tenham tido aula de biologia, vocês não vão ter aquela biologia que provavelmente tiveram nos outros anos, porque eu sempre trabalhava uma biologia social com vocês é uma outra forma de trabalhara gente vai sim discutir um monte de questão, daí eu já falo dos tabus de religião e que querendo ou não bater vou bater de frente com alguns, mas é tipo uma introdução.

Por isso eu gosto de trabalhar com imagem.

Antes eu ficava meio receosa, mas no lugar do tipo a mano como é estranho ser espelho ou ser referente, mas depois fiquei: mano o Murilo, o Murilinho de novo, ele me trouxe muito isso que tipo nossa é importante, tá tudo bem ser referência, claro que enquanto você não é referência a bosta, mas uma referência construtiva tudo OK tá tudo massa, tem que mais que ser. Até porque a gente vai ter uma referência X, Z, L, T, uma F, enfim vamos ter diferentes referencias para também não virar aquela referência única. Mas é massa tá nesse lugar de o diferente, mas assim que não é diferente, to aqui.

Desses materiais que a gente utilizou, que eu trouxe os dois trechos as imagens, você consegue idealizar esses materiais em uma aula de Ciências e Biologia?

Eu não trabalhei tanto como trabalho né nem trabalhei tanto com textos, dentro de sala de aula, talvez tenha sido uma falha minha principalmente com o pessoal do médio, no fundamental era mais tranquilo trabalhar texto, principalmente com as crianças do pós pandemia, porque querendo ou não todas as disciplinas estavam fazendo letramento na verdade nem letramento era alfabetização, então a gente trazia textos que a gente tava ali discutindo questões de ciências ao mesmo tempo forçando eles a lerem, porque eles tiveram esse déficit infelizmente. Com o pessoal do médio eu trabalhei pouco contexto, mas eu acho super válido trabalhar texto, também para leitura, principalmente para essa geração que tem dificuldade de ler, dificuldade de interpretar, a leitura em si eu trazia muito mais em questões de avaliação, dentro de sala de aula eu não trabalhava tanto com texto, a avaliação, as questões sempre falava: “gente já prepara para minha prova e eu sou bem carrasca, texto para vocês lerem e interpretar.” Não era nada surreal, eram questões fáceis, só que demandavam o mínimo de interpretação. Mas em sala de aula eu tenho essa pira das artes, não sei se falei no início, contato com a música, com o teatro, com o couro, com a dança, então lidar com a arte também me alimenta demais. E trabalhar com imagens dentro de sala de aula, trazer arte para esse espaço. Independente se eu tô mostrando uma

foto que é uma forma de manifestação a produção artística também ou um desenho como esse que você colocou, ou as vezes pear desenhos do próprio livro didático. Eu gostava de ficar instigando, eu acho que uma imagem ela instiga você e os alunos a interpretar aquilo, mesmo que seja da forma delas, mas eles estão interpretando, porque alunos do Ensino Médio tem que eu acho extremamente e que isso começa lá na oitava série oitavo ano é perder criatividade, uma coisa que sexto ano quando comecei dar aula no passado para sexta, mano que delícia é um caos completo, é um surto completo, você dá aula para o sexto ano que você sai assim esgotado no final da semana, mas nesse mérito era muito muito foda.. Porque eles colocavam para fora, por mais que alguns tivessem vergonha tal de falar, mas aí vai puxando e já saía fácil, daí eu não sei o que acontece no oitavo ano, na verdade no meio ali do sétimo que vrau, para, quando chego no ensino médio não quer nada, por abatia, por vergonha, por dar tá cagando pra tudo, enfim daí você tem um ou dois gato pingado que consegue tipo minimamente falar, então a imagem para mim é muito louco, porque lá não tem nada escrito, tem uma imagem, seja ela qual for, tem essa imagem que você falou colocou aí de uma pessoa preta que tá ali gestando e o que a gente escreve disso aqui? Tem ali uma mulher, daí sei lá a água por que que você acha que uma mulher você vai puxar uma aula de tipo sei lá diversidade, gênero, é uma outra coisa a gente poderia puxar líquido poderiam trazer, ah é uma mulher que não é brasileira. Tirar suco de pedra, é você ficar tipo torcendo pedra para ver o que sai, por isso que eu gosto de imagem.

Ontem nessas últimas aulas por exemplo do cursinho eu peguei foram quatro aulas no total né não foram 4, duas Ecologia e duas evolução eu fiz um link delas. Eu comecei a explicar relações harmônicas desarmônicas daqui a pouco base ali de ENEM da parte de Ecologia e eu coloquei quatro imagens, coloquei uma imagem uma as quatro fotos, uma de abelha polinizando ela tava ali em cima de uma flor, outra era de um cipó chumbo parasitando outra planta, outra era de musgo com líquen e outra não sei do que lá que eu não lembro. Falava: gente, o que vocês estão vendo? la construindo o conhecimento daquilo, chegou em um ponto que falei: gente vocês estão vendo vocês estão falando sobre isso aqui em relação ecológica, onde essa tem prejuízo e essa não tem, ou seja, essa é a harmônica e essa desarmônica, essa entre espécies diferentes e essa é na mesma espécie que a gente fecha esses conceitos de relação. Eu não sei, eu consigo produzir e parece que eles me dão muito mais feedback e me dão muito mais resposta positiva quando eu fico instigando-os para o que eles não conseguem ler, tem que olhar aquilo e falar tá o que esse maldito tá querendo que a gente fale. É um texto querendo ou não né esse por exemplo que vocês que você colocou, é mais cabível de interpretação, mas você precisa ter ali o mínimo de leitura pra se localizar, mas ele é mais direto sim. Porque Darwin colocava que macho era assim e fêmea é assim. Sim dá para se trabalhar tanto os textos quanto as imagens, mas eu particularmente gosto muito de imagem instiga, eu acho que instiga não só o técnico da pessoa essa coisa mais científica de descrição, mas também ela vai para um campo imagético, criativo, até emocional tanto é que eu cuidava com algumas imagens, porque sei lá tem imagem que pode remeter. Ah, desgraça, violência, gatilhos, então eu gosto muito desse poder da imagem.

Tem alguma coisa ainda que você gostaria de acrescentar ou ressaltar?

Lembrei de falar da pira artística, sim eu acho que ela vai soltar o sentido para a gente com tentar colocar minimamente dentro de sala de aula, mesmo pessoas que não tem muito acesso uma simples música que a gente coloque por exemplo em aula enquanto faz exercício ou filmes tá que assim filme é um negócio que já virou utópico,

a gente não tem tempo nem para fazer chamada mais. Mas ok eu vou colocar aqui no campo de Utopia, mas trazer arte para dentro da sala de aula, era uma coisa que eu tava começando a fazer principalmente junto com outras professoras só que veio esse caos aí de pandemia, daí veio essa gestão que tá um caos também, e eu acabei saindo então e não consegui tipo concretizar nesse ponto, mas trazer a arte para dentro de sala de aula é algo que nossa a escola precisa de muito, acredito muito assim sabe no Poder da arte tanto quando eu colocava por exemplo Liniker no final de uma dos slides sobre metodologia científica sobre método científico era muito sobre tá gente essa aqui é uma referência minha que foge totalmente e ela tá cantando. Então trazer arte para dentro sala de aula eu acho que o negócio muito importante. Cara todo mundo carente na verdade todo mundo tem todo muito eu acho aquele medo que talvez nós encontra LGBT a gente tenha, tentar usar isso como força ácida, como força de destruição, como de furacão, não tem muito o que se fazer, é isso tem que se falar, tem que se colocar enquanto pessoas pretas também a gente vai ter que se posicionar, mesmo que seja cansativo, que pelo menos a nossa imagem seja uma imagem de poder é preciso comprar o livro da Aline Buena falar nisso imagens de poder nossa imagem a nossa expressão ela diga muito sobre quem a gente é e o que a gente carrega enquanto pertencente a um grupo e querendo ou não nós enquanto professoras né é uma referência que a gente tem né que a gente tem a gente na verdade é ali para os alunos, então demonstrar que minimamente que tá tudo bem, que ao mesmo tempo não tá, era uma coisa que gostava muito de frisar para os meus alunos também de que tipo gente tá caótico as coisas, sabe não tá bem, não tá legal, para eu estar falando sobre isso, mas a gente pode tentar minimamente mudar, a gente pode pensar em possibilidade de mudança.

Tem algo que talvez seja completamente errado, mas sei lá eu parei de pensar em evoluções macro sabe, mudar o mundo não dá, infelizmente a gente vai ter que seguir eu acho que é Bauman falou isso, sei lá microevolução, microevolução, porque isso no ponto de vista individual né, eu acho que isso ajuda a gente construir enquanto coletivo, porque Nossa a gente vai com uma boca aberta tentando engolir o mundo e fazer tudo a gente se define. Olha o tanto de militante que por exemplo tá aí com depressão, que infelizmente se suicidou, porque tentou abraçar tudo e não deu conta e é foda porque é uma ficha que cai que assim cara Se eu conseguir conquistar um Murilo, se eu conseguir conquistar um menino do sexto B que gostou lá do cientista do cosmos, se eu conseguir conquistar um poema de uma aluna sobre feminismo e ciência sabe ou que uma aluna me veja enquanto um professor muito maravilhoso e que vai ser muito foda a perca, perda por parte deles da minha presença ali cara já tá sendo válido tá sendo válido. Então essas revoluções micro assim eu acho que é importante de se pensar também, porque com a desgraça que a gente tá pesar muito grande só em coletivo muito, muito organizado.

Eu acho que é sobre não perder a Utopia, mas ter o pé no chão

E a gente precisa estar viva!

Eu acho completamente legítima a pira de revolução até revolução armada, mas assim se não for isso não tem como vai ser assim de pouco em pouco e querendo ou não mesmo Aos Trancos e Barrancos e assim com a gente conseguiu sei lá pouquíssimo, mas conseguiu. Estamos numa treva, ainda uma desgraça, mas não dá pra dizer que não teve conquista e essa é uma luta muito louca, é uma luta de Titãs contra nós aí.

APÊNDICE C – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM NATÁLIA (07/11/2023)

Quem é você? O que te move?

Meu nome é Natália. Eu sou professora, é muito difícil a gente se definir, mas eu acho que sou uma pessoa bem esperançosa na verdade, eu acredito bastante nessa palavra da contribuição, então contribuir para uma melhora social, uma melhora na humanidade assim como um todo, e a partir daí eu acredito muito na educação como uma ferramenta, então eu me vejo professora. As vezes não necessariamente só de uma disciplina, mas também no sentido de poder partilhar outros saberes de outras formas também que podem contribuir de algumas coisas que às vezes a gente não aceita o que a gente acha que pode ser diferente eu acho que isso é uma das coisas que mais me movem assim nessa perspectiva, são muitas possibilidades.

Eu sou de Maringá, Noroeste do Paraná. Eu Sou de Lá, Vivi minha vida inteira lá, minha mãe trabalhava no departamento de educação física da UEM e acabou que eu fiz tudo na UEM, creche, depois o Colégio Educação pedagógica estudei muitos anos lá também uns 10 anos da minha vida, o último ano do ensino médio eu fui para o outro colégio Gastão, aí depois voltei para Universidade, um ano na Unicesumar no campus de Maringá, e depois voltei para UEM de novo, boa parte da graduação na UEM. Teve um ano que eu fui para o Ciência sem Fronteiras, fui para fora, fiquei um ano morando na Austrália, voltei aí foi quando eu comecei a ir para a parte mais da educação, comecei a ir mais para esse lado do estágio. Então foi uma trajetória, depois disso depois que eu me formei eu comecei a dar aulas, mas eu sempre gostei muito da parte cultural também então fiz outras coisas junto da profissão professora. Dei aulas de inglês particulares, eu fiz outras coisas assim, também fiz algumas coisas indo para o lado da produção musical, também alguns projetos, escrevi um livro e depois esse ano voltei para educação e lecionar em sala de aula em uma escola aqui em Guaratuba, que é uma escola cívico-militar também e é um contexto completamente diferente para mim, porque acho que só de estar no litoral já é muito uma dinâmica muito diferente do Noroeste Paraná, são alunos que vem de barco para escola, as coisas também estragam muito mais rápido por conta da maresia, então tem tudo isso eu, acho que é Um Desafio muito grande sempre assim e eu acho que eu tô indo bem.

Eu me identifico como uma mulher preta lésbica.

Apresentação do trecho da evolução sexual de Darwin.

Qual sua primeira impressão ao ler esse trecho?

É um texto que causa um conflito na minha na minha cabeça, porque eu entendo as contribuições de Darwin para biologia em vários aspectos, mas quando a gente entra na questão do gênero daí já abrange várias coisas que eu acho que ele não tinha como ele abarcar numa discussão assim. Hoje em dia eu acho que a discussão já avançou muito mais nisso, como eu posso dizer há um determinismo muito forte no texto, nessa ideia. Não faz muito sentido assim hoje em dia, eu entendo o olhar dele mais por uma questão da natureza, no sentido dos animais, mas quando a gente traz isso, para se incluir dentro disso, já é uma coisa muito complexa que não é tão determinista, não é uma coisa que pode ser definida de uma forma tão sucinta, assim tão estranho.

Era isso mesmo, eu não sei é muito complexo, realmente eu entendo que pode ser uma tendência na natureza, os animais, nas plantas, enfim. Mas quando é com a gente eu acho que é tão complexo, também serviu muito pra uma ideia que determinou muita coisa, como um machismo muito forte por conta de uma visão dessas, um cara que tem uma influência imensa Darwin, pra colocar uma coisa tão determinista, então

até hoje a gente precisa pensar coisas desse tipo, porque na cabeça de muitas pessoas ainda é assim.

E durante o colégio e a universidade, o que você recorda de ver sobre esse assunto?

Interessante que eu não lembro de ter tanto no colégio quanto na universidade esse assunto abordado assim dessa forma. Parece que foi comentado muita coisa sobre as contribuições de Darwin e dentro da genética depois também, eu acho que a evolução ela foi para o lado mais da genética na modernidade, mas eu não lembro de a gente ter discutido essas coisas assim na universidade, interessante você trazer esse texto até por conta disso que eu não lembro de ter que falar sobre isso. Eu acho que foi falado mais nas evidências da evolução do focado em uma discussão no gênero mesmo.

Com certeza, lembro que na universidade nos últimos anos da graduação eu fazia parte do PIBID, lembro que a gente fazia muita observação em sala de aula, mas também tivemos a oportunidade de fazer algumas oficinas. Em uma das oficinas junto dos meus colegas de turma, sempre jogam o pessoal da biologia para falar sobre a Sexualidade, sempre aquela coisa de usar camisinha, infecção sexualmente transmissível, todas aquelas coisas que a gente já sabe que é muito marcado e a gente trouxe mais essa discussão de gênero também, porque entende isso como algo importante. Depois teve toda uma discussão visando proibir essas discussões sobre gênero e sexualidade dentro das escolas e até hoje eu acho que ainda é um embate. Mas acho extremamente importante que a gente tenha essas falas, até porque a gente não pode continuar tendo esse pensamento de Darwin assim tão determinista dentro da possibilidade da sexualidade humana e de gênero. Acho que para muitos biólogos, muitos professores de ciências e biologia ainda é uma coisa que vai demorar um tempo para virar uma chave, para trazer e não ficar só nessa da biologia do X do Y, mas acho que já tiveram progressos.

Com certeza, mas acho que é assim, damos dois passos para frente e um pra trás, parece que não, mas a gente tá caminhando, é sempre uma luta.

Então, Natália, você falou em algum momento nesse trecho sobre o machismo, dessa dominação masculina e é possível a gente perceber também um elitismo, até para uma relação social dos animais, como se fosse algo natural e biológico, porque ali nesse trecho fala algo da universalização e também como se todos os animais tivessem esse comportamento.

Sim e eu acho que quando a gente traz para a biologia algum traço Comportamental que depende também de outros aspectos para uma coisa determinada biológica é um problema muito sério, eu vejo muito a questão do Lineu dentro do racismo por exemplo. Quando ele fez toda aquela classificação biológica dele lá e ele colocou que os homens pretos, africanos eram homens preguiçosos, ainda o ermo homem para designar toda a humanidade. Acredito que a Biologia ela tem algumas coisas que elas que tem que ser realizada ou discutida de uma famosa tá esse cara teve essa contribuição, mas ele deixou esse conhecimento que teve consequências graves. Então agora acho que ainda tem esse problema também na forma de ensinar, se Darwin falou isso então tá falado, Lineu falou isso tá falado e a gente até hoje sofre com essas coisas que a Biologia querendo ou não contribuiu para que tivesse na nossa cultura, na nossa forma de agir, determinando muita coisa, porque foi trazido um comportamento ou uma a série de fatores como se fosse uma

coisa biológica e determinada, que não pode ser modificado de forma alguma, assim como tá falando aí no texto, essa questão do elitismo também. É muita coisa para ser repensada, dentro da educação é muito importante que a gente continue discutindo mesmo, porque imagina, isso vai ser propagado.

Apresentação do trecho de Anne Fausto Starling sobre Maria Patiño.

Já conhecia esse relato? Qual foi sua impressão lendo agora?

Eu acho que sim eu acho que já tinha ouvido sim, não lembro certinho o nome e toda história, mas parece familiar esse caso. É tão estranho, mas é aquilo que eu falei na questão né da biologia, quando a gente traz a questão do gênero para usar de um aspecto biológico para determinar, hoje a gente já avançou muito nessas questões da discussão mesmo. Então é um absurdo, acho que em 1988, acho tão absurdo uma coisa dessas na minha cabeça que nem sei o que falar. Eu entendo a questão como que a biologia contribuiu para essas coisas, uma situação extremamente constrangedora, que ela (Patiño) passou e que realmente é muito estranho a gente pensar isso que uma pessoa passou por uma coisa dessas.

Sim porque é um relato ali que ela traz, poxa a vida inteira a pessoa se viu como uma mulher, tinha tudo que fisicamente caracteriza uma mulher e como assim de uma hora para outra eu falo assim não você não é e você não pode competir mais.

É uma coisa assim inimaginável. Eu imagino como isso foi para ela, passar por toda essa situação, constrangimento e, mas é um cuidado que eu acho que a gente tem que ter na sala de aula ao ensinar as coisas também. Não colocar essas questões de gêneros no sentido determinista, então ali é a questão do sexo a questão do gênero é uma coisa não quer dizer é assim não predefine a outra, são coisas diferentes que a gente tem que saber também explicar. Porque eu acho que teve muito desse determinismo na Biologia, por muito tempo, hoje para a gente trabalhar isso é extremamente necessário em sala de aula para que coisas desse não aconteçam de novo.

E a Biologia ela foi também esse instrumento para justificar é isso e pronto. É só isso que existe e a partir disso, o resto é outra coisa eu acho isso também. E durante a sua trajetória escolar e a graduação, porque esse caso que que a gente leu É um caso que não é de intersexualidade. de uma pessoa que é intersexo e comenta aí em algum momento seja da escola ou na graduação teve alguma discussão ou os professores apontaram essa possibilidade, como é que foi?

Dentro da Biologia da Biologia em si não estou me recordando, lembro que lá as disciplinas de educação como estágio eu acho que teve uma breve abertura para essas discussões, principalmente discussão de gênero muito breve, eu acho que ainda ficou muito no âmbito da biologia dura, não misturou um pouco com outras questões que também são importantes. Então acho que ficou muito Palio na minha formação isso daí se eu tivesse ido só pela formação no sentido da graduação de biologia, no currículo da biologia, mas eu tava na universidade então a gente acaba tendo essa troca com outras pessoas de outros discursos e participando também eu participei muito de vários congressos que tinham muito na universidade de gênero, de sexualidade, a questão racial também porque falam de respeito a mim. Talvez se eu se eu não fosse também da nossa comunidade LGBT, acho que não buscaria, eu entendo que talvez outras pessoas não tiveram, hoje em dia eu acho que já é mais amplamente é discutido na TV, mas quando estava na universidade ainda era uma coisa muito restrita, então eu até tive acesso essas informações e discussões a toda

uma outra maneira de enxergar tudo isso, porque eu acho que se dependesse da minha graduação da minha formação eu me formei em 2015, já faz bastante tempo eu acho que eu ainda teria uma grande dificuldade de entender, de sair um pouco dessa marcação da biologia dessa visão tão determinista de tudo que desconsidera outros aspectos a complexidade do ser humano eu acho que dentro da minha formação não tive amparo nesse sentido, mas graças a Deus na universidade tive contato com várias questões que foram extremamente importantes para que até eu conseguisse me entender e também ter um respaldo para discutir essas coisas em sala de aula e eu discuto assim bastante, mas dentro da minha formação eu acho que foi bem falho. Eu não sei agora como tá isso na universidade, se está sendo mais discutido.

Olha, posso dar o relato da minha. Eu me formei em 2021 e também não tive, não sei como que está a caminhando, mas acho que é entender que quem que são os profes, que são os próprios que produzem esse currículo, lá no colegiado e por mais que tá ali no currículo na ementa de uma disciplina forma que esses professores vão abordar é muito importante, então tem várias questões aí que a gente pode analisar do porquê que a gente não tá tendo isso.

Precisa ser trazido com mais frequência, eu acho que a Biologia e os profs. que tão na universidade eles têm muito dessa herança, dessa biologia tão determinista que não dialoga com essas questões que também precisam ser consideradas. Sim é importante mesmo a gente ver essa discussão desde o currículo, pois estamos formando mais profissionais e professores que vão continuar reproduzindo essas coisas, esses absurdos e ainda respaldando como se a Biologia fosse alguma coisa determinada mesmo, mas não é por aí.

Olha eu estudava na UEM, eu passava muito tempo na universidade, então por exemplo o meu curso ele era na parte da noite oficialmente à noite, mas como eu tinha vindo de uma outra Universidade, a minha grade não era certinha, o pessoal vai a noite estudar. Você vai lá só à noite estudar, você assiste as aulas no período da noite e volta para casa e pronto. Como eu tinha vindo da Unicesumar o meu horário de estudo era muito jogado, então eu fazia disciplinas às vezes no primeiro ano, às vezes no terceiro ano, às vezes no quinto tudo ao mesmo tempo e às vezes de manhã, às vezes à noite, a minha graduação realmente foi um caos e depois que eu voltei da Austrália ficou mais caótico ainda, então eu passava literalmente assim o dia inteiro na universidade, chegava de manhã e saía à noite, eu fazia PIBID também, tinha bolsa de pesquisa, fazia os trabalhos lá na universidade. Isso fez com que eu passasse um tempo às vezes numa Cantina ou na biblioteca e alguns colegas que eu tive dentro da universidade e eu comecei a ter contato com essas pessoas que tinha contato com outros professores de outras disciplinas e outros cursos, acabou que eu comecei a me interessar pelo assunto, passar muito tempo com pessoas do mestrado e doutorado que conheci. E aí eu fui conhecendo outras pessoas, comecei a frequentar congresso porque eu queria entender mais, é uma questão que eu considero muito importante de ser discutida, mas também é a forma com que eu me vejo também no mundo a partir dessa perspectiva. Na questão de gênero por que que eu tenho um certo comportamento? Então por eu ser mulher eu tenho que agir de certa forma, tem que andar de certa forma e tudo mais. Então foi mais foi mais uma coisa para mim me entender como sujeito, como que eu sou influenciada por essas questões? como que eu sou socialmente para além da biologia? como que eu sou influenciada no meu comportamento? o que que eu tenho como valores?

Eu acho que a universidade e esses congressos não são os congressos, as conversas com várias pessoas que estudam me ajudaram muito nesse sentido de me entender como mulher negra, como mulher lésbica e como que eu vou trazer isso para sala de aula também como professora, como que eu mudo tudo isso. Como falei no início, a gente vai aos poucos entendendo, porque tudo a gente não consegue ver, como que a gente está sendo influenciado o tempo todo e como que essas coisinhas influenciam. Mas como que a gente vai também contribuir para uma mudança das coisas que a gente não aceita, que a gente não quer que se propague. No meu caso também muitas questões raciais e meu trabalho em educação com meus alunos, eles estão até cansados, falam: de novo? É de novo! Eu acredito que a educação ela tem isso, esse poder de transformar, mas eu também tenho que vir transformado, porque por exemplo se eu chego com a mesma ideia, com a mesma visão lá de Darwin lá do texto que você trouxe, sem ter um aprofundamento nessas discussões, o que eu vou trazer para o meu aluno também? É meio triste para mim você falar que saiu da graduação em 2021 e ainda não tem essas discussões dentro do currículo, porque eu achei que essa altura as coisas fossem diferentes. Por que como esses profissionais estão sendo formados? É um debate que a gente precisa trazer sempre.

Você falando me lembrou da minha, porque comigo também a graduação foi um momento muito chave para entender quem eu era, o que queria, o que eu tava propondo ali naquele espaço, acho que foi um momento muito importante para mim também, porque eu também fazia iniciação nos primeiros anos, depois fiz lá um residência pedagógica que veio depois, enfim participar também de projetos então vivia na universidade, ali era o meu convívio a troca, conheci muita gente do movimento estudantil que também foi algo bem importante para mim, então é ali que a gente troca, conversa. Eu tive muita experiência também com outros cursos da gradação, não foi só biologia conheci muita gente nesse sentido e que pensava as coisas de uma forma totalmente diferente e que às vezes para nós da biologia era assim ó vamos ter aula disso, estudem isso e a prova disso, pronto acabou era esse relacionamento.

Eu acho que a universidade ela propõe isso, eu fico meio chateada, eu tenho relativamente poucos alunos comparado a uns 10 anos atrás que estão pensando em ir para uma universidade, que fizeram uma prova, que estão realmente interessados eu não sei se é uma coisa da internet, de uma ideia de que vai dar certo com o Instagram, por mais que a gente faça um trabalho e incentive, ainda assim eu acho que eles sentem que não é um espaço, não sei explicar. Mas é um lugar que muda muito a gente, eu acho que a universidade é uma experiência, de estar na universidade e mais do que a experiência do EAD, o estar no ambiente é uma coisa que eu acho que todas as pessoas deveriam passar, porque você tem muita troca e várias possibilidades de conhecer muita gente que vai fazer coisas desse tipo, vai fazer com que a gente entenda melhor a gente mesmo e como que a gente tem sido também pensado.

Sim, eu também dou aula para terceiro ano na Biologia vejo eles têm desanimados com essa questão da universidade, também não sei se é da internet seja um Instagram que eles pensam, tem uns streamer, Twitch, Tik Tok, enfim, hoje em dia as profissões elas estão mudando também, a gente tem que reconhecer isso, mas não sei também como que vai ser minhas preocupações também como professora.

Apresentação das Figuras 1 e 2 – ilustrações de Chidiebere Ibe.

Você já tinha visto essa imagem ou algo do ilustrador?

Legal a gente nunca vê imagens assim nos livros. Nossa que legal achei super bacana colocado pessoas negras assim, porque gente eu acho que eu nunca vi, estranho isso eu tô com 31 anos e nunca vi um livro assim.

Achei interessante que tem algum machucado no braço dela ali e eu acho que é um pouco diferente mais difícil de diagnosticar se você coloca ali por exemplo só imagens de pessoas brancas como que é uma doença ou uma síndrome ou qualquer variação anatômica num corpo branco e num corpo Preto, às vezes tem uma diferença ali que é difícil de ser identificada, quando a gente vê tá sei no branco vai aparecer dessa forma, mas às vezes tem essas variações que podem ser diferentes. Achei interessante também essa ilustração nesse sentido, porque às vezes tá uma manchinha vermelha como é que ela aparece em uma pele branca, como ela aparece em uma pele preta, será que é mais arroxeadada, estava observando isso também achei muito legal.

Como que é importante a gente trazer essas coisas também no ensino, tem uns livros eu esqueci agora o nome dessa sabota acho que hoje anatomia que é o que a gente estuda na universidade, mas não tem nenhuma imagem é sempre de pessoas brancas muito bom e bem ilustrado que legal.

Assim é de anatomia da forma com que você me mostrou não, agora tem um livro que eu gosto muito é que telaris é que na verdade como estou dando aula de matemática agora eu vi no de matemática, mas eu acho que no de ciências também é assim. Ele veio com muitas as personagens, até a forma com que ele é escrito, é um livro que realmente achei muito bem pensado, muito bacana, não é uma linguagem maçante, porque eu tenho uma coisa com livro que dá uma raiva, ainda mais para ensino de matemática eu raramente uso os livros, porque não gosto da linguagem, da forma com que vem, não entendem acho péssimo. Mas esse livro ele é pensado já para o eu acho que vai ter o novo ensino médio, mas o que eu tava vendo era do fundamental mesmo e ele vem com vários personagens bem diversos, então você tem por exemplo um personagem lá que tá explicando a um conceito de matemática eu acredito que na ciência e ele por exemplo tem Vitiligo. O outro que ele é cadeirante, tem um outro que é indígena, tem vários personagens assim diferentes e é um livro que eu achei super bacana a linguagem também muito legal. É um livro que na verdade eu até usei algumas fotografias em slide para mostrar algumas coisas para os alunos, mas a maioria não tem isso.

E durante a graduação e na escola, há alguma discussão em relação a essa diversidade de corpos, questões étnico-raciais? Como é que foi?

Na graduação sim e um pouco depois da graduação também, pois que eu saí, mas fiquei por causa dessas discussões, mas no currículo da biologia, igual eu falei para você realmente não olha foi muito falho nesse sentido, mas na universidade eu participei de muita coisa super legal como o colóquio do feminismo negro, eu lembro que foi Djamila Ribeiro, Sthefany Ribeiro, Tião eu lembro dessa galera que ia fazer roda de conversa. Mas com a questão dos corpos, muitas professoras que estudavam corpos também até a questão da performance, então a gente tinha muitas discussões sobre corpos assim, eu lembro que eu tinha colegas que também estudava, não sei se você já ouviu falar muitas discussões diferentes assim em vários sentidos, muita coisa, olha tanta coisa que minha cabeça chega a dar um nó. Mas da diversidade de corpos em um sentido maior para tudo, também da questão de gênero, muita coisa

mesmo, então eu tive, mas foi uma coisa que eu acho que eu busquei mais do que chegou até mim.

Hoje em dia eu acho que como a internet a gente vê algumas coisas na mídia até ficou uma coisa que é novela está abortando alguma coisa nesse sentido, às vezes de uma forma até meio duvidosa, mas eu não sei, eu vejo a minha a minha sobrinha mesmo às vezes vem como as discussões, eu fico: Como é que você sabe de tudo isso? Por isso que eu acredito que as coisas elas vão mudando, apesar de também a gente ter várias coisas vindo na contramão. Mas foi muito uma coisa que eu acho que eu busquei para tentar me entender e navegar no mundo, melhorar muita coisa em mim também, acho que em questão da auto estima, ainda mais estar em vários espaços onde eu não vejo semelhantes, no Colégio que estou dando aula agora de professora preta eu acho que tem eu e mais uma, e quando eu pergunto para os meus estudantes assim quantos professores pretos eles tiveram, o pessoal do ensino médio eles falam: tive 4, tive 2. Eu acho que isso me ajudou muito, se eu não tivesse tido esse Amparo de entender algumas coisas, algumas atitudes e para eu conseguir me desassociar desses preconceitos dessa visão errado até, no sentido de homofobia também, se eu não tivesse um respaldo um entendimento melhor de como isso é socialmente construído talvez eu absorveria muito mais e achava que era um problema para a Biologia e iria encarar de uma outra forma. Eu não conseguiria, seria muito difícil para mim, mas eu acho que isso foi muito essencial para mim me entender e não levar as coisas para o pessoal, entender o que eu tô passando por uma situação que eu me sinto desvalorizada, Por Ser mulher por exemplo, entender que aquilo não é o meu valor, mas como eu tô sendo vista, como que aquilo foi socialmente construído, não internalizar como que eu sou. Então nesse sentido eu acho que essa parte paralela a graduação de ir nos congressos e entender tudo isso foi de um valor imensurável para mim, porque se eu tô aqui, consegui chegar até aqui e eu falo assim, sendo professora na sala de aula mulher preta lésbica cadê as outras? Por que que não tem outras? aonde que elas estão se elas não estão aqui? eu tenho certeza que tinha outras pessoas semelhantes que gostariam de estar onde eu estou. E eu pergunto isso até pra os meus estudantes, cadê pessoal? Onde estão? Eles só olham para os lados e eu gosto de trabalhar isso em sala de aula.

Eu acho que é muito legal a gente fazer essas reflexões e também jogar para eles para as crianças ali pensar também, que é isso né criança, adolescente falo tudo criança, mas eu acho legal jogar assim para eles pensarem, porque às vezes para eles já vem e não um conhecimento muito, pronto, aí beleza até discutem, mas é isso tá pronto ou falta aprofundar esse conhecimento com eles. Putz gente é isso ó vamos pensar quantas professoras pretas vocês têm agora vamos pensar quantas funcionárias né desses serviços gerais pretas nós temos aqui no colégio já muda, a proporção muda por quê? o que acontece?

Acho que também para os alunos preto que eu tenho, não tenho muitos alunos pretos e eu falo isso mesmo cadê galera? e eu vejo também a revolta, Por exemplo eu tenho uma aluna que no começo Ela batia de frente, menina virada, uma aluna preta e aos poucos eu fui conversando com ela, falei cara essa estratégia não vai dar certo, não adianta eu entendo a sua revolta e eu não tô tirando sua razão, mas não vai dar certo, você vai parar na coordenação. Então a gente vai conversando essa questão das estratégias, e é importante essa questão da visibilidade também e até para as alunas que também se identificam com mulheres lésbicas ou bissexuais ah professora olha só que legal, que às vezes não tem uma perspectiva, é interessante, eu converso com elas sobre isso também. Então é interessante, mas ao mesmo tempo é isso que eu falo para você, eu busco contribuir até onde eu consigo, não pego uma

função para mim, mas eu busco contribuir, o que eu posso contribuir né até onde eu consigo e trazendo as discussões, pautando algumas coisas que eu acho que é importante, tentar tirar um pouco do estereótipo e trazer para mais possibilidades para esses estudantes tanto no ensino de ciências, matemática, enfim eu gosto de eventualmente discutir essas coisas.

Você recorda de outros momentos na sua docência que você tenha abordado alguma questão de diversidade? Pode ser gênero, sexualidade, cor, etnia, em Ciências e Biologia... Quais foram os seus medos angústias?

Eu tava dando aula de ciências no começo desse ano para o sexto ano, agora eu lembrei uma coisa aqui teve no começo ali eu tive um aluno trans e algumas professoras não sabiam como lidar, erravam pronome e tudo mais. Lembro que a primeira semana foi bem complicada nesse sentido, a maioria dos professores já sabiam como lidar tudo certinho, mas tinha alguns que olha deu trabalho. As crianças elas já tinham toda informação, o toda a discussão de gênero e tudo, eu fiquei muito feliz com a forma com que ele foi acolhido, com que a comunidade escolar como um todo acolheu, mas tinha umas duas professoras que deram trabalho. Então aí a gente vem naquela de vamos conversar com os outros alunos também para a gente conseguir lidar com tudo isso, porque também tinha questão da chamada, porque a mãe dele não tinha chegado lá para arrumar o nome, então aí nossa deu um problema lá que foi bem complicado com alguns professores e também conversar com as minhas colegas. Vamos entender a situação como é que funciona tudo certinho, vamos tratar com respeito e tudo mais não sei o quê e foi, até que a gente conseguiu tudo certo, mas assim foi um momento que eu que eu precisei ter essa pausa, do meu currículo de ensinar o ciclo da água para trazer essa discussão para a gente conseguir conviver melhor ali. Teve também essa necessidade, porque lá primeira série do fundamental não tem tanto essa questão do conteúdo. Nesses dias eu estava na aula e chegou umas meninas da secretaria de saúde para falar sobre infecções sexualmente transmissíveis. Foi muito engraçado, falaram da vacina contra HPV e falei para elas tomarem, elas olharam para mim tipo a professora a gente tem que tomar mesmo? O que abre também espaço para essas conversas de gênero e sexualidade. Não é uma função só de vocês os meninos também precisam se cuidar e prevenir, trabalhando isso em diversos momentos, é uma coisa que é constante, eu acho que não tá desassociado de gênero da biologia. Na verdade, são coisas que se complementam, coisas que estão ali andando lado a lado.

A questão racial também abordo muito, eu tô trabalhando agora aquele filme “Estrelas além do tempo” que envolve matemática, para lançar um satélite olha o trabalho. E esse filme é interessante porque ele também aborda muitas coisas é um filme excelente para você muitas coisas, a questão das mulheres na ciência, eu faço muitas reflexões, dentro desse filme fala muita coisa do Povo preto também. Eu acho esse filme perfeito para trabalhar várias questões, então eu utilizo dessas artimanhas para trabalhar com eles, eu tenho turmas do sétimo até o terceiro. Então o trabalho com todo mundo isso e vou trabalhando, eu falo também das questões e eles vão entendendo, vão aos poucos assimilando tudo isso na cabeça e vendo como as coisas são, eu acho que é sobre isso. É o que me inspira também, ao mesmo tempo que eu vejo muita coisa, que escuto cada coisa na sala de aula e piadinha e ao mesmo tempo eu tô lá para trazer uma reflexão, contribuir na jornada deles pelo menos com alguma possibilidade de mudança, todos os professores podem estar fazendo isso, mas eu acho que também há um problema de Formação, há um problema uma também, e no

nosso dia a dia a gente tá sempre na correria, para cima e para baixo, pelo menos a base de tudo isso pra saber onde buscar.

Com certeza em tudo isso, é uma profissão muito complexa, ser professora e para mim no meu contexto é bem na verdade, exemplo eu moro duas quadras do mar, se eu andar duas quadras já é o mar, aqui nessa rua, na frente da minha casa tem um aluno meu, do lado tem outro, na outra casa de lá é outro. Aqui é uma Vila de pescadores, todo mundo conhece todo mundo. Aquela coisa de professor de cidade pequena, diferente o contexto de dar aula em Maringá, por exemplo, é uma cidade grande, ninguém sabe onde você mora é totalmente diferente, aqui não, esses dias chegou uma encomenda aqui para mim o meu aluno veio me entregar. As crianças ficam soltas aqui porque todo mundo conhece todo mundo, então elas estão aqui, mas elas são cuidadas por todo mundo, porque a comunidade se conhece. Esses dias eu cheguei era Halloween e veio 30 crianças aqui na frente da minha casa: ah professora de ciência você mora aqui, e eles fantasiados. É um contexto diferente, estou sempre muito observada, em tudo o que eu faço é uma responsabilidade muito grande, ainda mais nesse contexto que é uma cidade pequena e do litoral que tem as coisas da Vila do pescador, que tem essa uma cultura muito diferente de Maringá, é um desafio muito grande ao mesmo tempo um grande aprendizado e eu tento trazer assim o melhor sempre. Mas é interessante tem sido uma vivência muito diferente para mim de tudo.

Como você organiza sua vida na escola e fora da escola?

Mas eu também, eu saio e eu saio com os professores do Colégio também a gente sai a gente vai para praia e vai biquíni, daqui a pouco chega um aluno seu: professora quer alguma coisa tô vendendo aqui. No começo achava estranho, já que vim de Maringá, aquela cidade extremamente elitista, é outro contexto. Aqui não, é um Big Brother, mas não tem como você mandar tipo ah eu não posso fazer isso, eu não posso fazer aquilo, a gente não dá conta. Mas é uma coisa da cultura de você se habituar com isso, por exemplo daqui a pouco vai ter um aluno que vai estar aqui, daqui a pouco chega à namorada dele que também é minha aluna, daqui a pouco eu vou lá tomar um suco aqui perto e vai ter um aluno meu do sexto ano, que tem 11 anos que tá ali trabalhando, que tá correndo atrás, que tem uma cultura diferente e assim por diante. Mas é aos poucos você vai se acostuma, quando eu cheguei aqui eu fiquei muito assustada, andava na rua e já tinha aluno reconhecendo, mas agora já tô bem mais habituado, não como fugir disso, você vai estar sempre interagindo com aluno, mãe de aluno, pai. Eu conheço a família meus alunos também, é uma coisa muito próxima, mas isso não faz eu não ser quem eu sou fora desse contexto, eu me permito ser eu, as outras pessoas e professores também, mas de todos os colégios também, a gente se permite ser quem nós somos. É só uma Forma Diferente de viver uma cultura diferente, comparado com um lugar onde eu vim, que você consegue ter um pouco mais de privacidade, aqui não. É um pouco diferente, mas ao mesmo tempo eu acho que tem muito menos julgamento

Você falou que trabalha no colégio cívico-militar, você já teve algum empecilho ou alguma situação que ficou meio estranha, seja com gestores ou militares por você ter essa visão diferente de querer abordar de maneira mais, como posso dizer, mais equânime, que valoriza essas diversidades?

Eu nunca tive, eles não eles não interferem na parte pedagógica, ficam na disciplina de certas regras que eles têm dentro do colégio, mas na parte pedagógica eles não interferem em nada. Então a gente tem essa liberdade para discutir da forma que achar necessário, mas não interferem em nada. O lado militar do colégio é voltado

a questão da disciplina, mas o que a gente discute em aula eles não tem nem acesso, eles têm uma coisa de hierarquia que é muito característica do militar e eles encaram a gente pelo menos no meu colégio é quase como que se a gente estivesse acima, então é uma coisa que eles não entram em embate com a gente.

Que ótimo, ano passado dei aula em um colégio cívico-militar, em alguns momentos eu me senti observada, os militares ficavam passando sempre na minha sala, porque enfim deixava a porta aberta, ainda mais dias de calor é comum a gente fazer isso, ficavam passando e prestando atenção, eu me senti observada, mas que bom que a gente tem outras experiências que são positivas também e que não há um cerceamento.

Eu sei que tem alguns colégios que tem muitos relatos de problemas nesse sentido, eu não tenho noção, mas ali eu não tenho o que falar, realmente ficam muito focados essa questão da disciplina. Um dos militares ele é mestre, então ele tem noção de sala de aula e ele ajuda muito em recursos de tecnologia essas coisas de escola, mas esse sentido. E os professores também bastante liberdade para seguir uma linha pedagógica

É um colégio que envolve muita inclusão, muitos alunos autistas por exemplo, do espectro autista, têm professor sim PAC e PAEE, contexto litoral, cívico-militar, a gente tem TDAH, TOD e de um grande espectro. Eu acho que a minha a minha formação foi muito falha nesse sentido, eu não sei como que está sendo isso hoje em dia, para inclusão eu acho que a minha formação foi bem falha. Peço sempre ajuda para a psicopedagoga.

Mas eu também sinto essa falta, os currículos ainda não se adequaram totalmente. E a gente não sabe como lidar as vezes, como adaptar um material e a gente vai aprendendo com as psicopedagogas, trocando com algum colega que já tá mais tempo às vezes, mas não tem uma receita.

sempre chega alunos novos, tem uma rotatividade muito grande aqui, tem muita gente que chega em Guaratuba fica 3 meses e sai. Vem aqui tá construindo uma ponte ali de Matinhos Guaratuba, que agora vai ter Caiobá Guaratuba aí vem filho de engenheiro que vai lá fica lá um tempo e depois sai. Então é uma rotatividade muito grande de alunos, às vezes a gente se adaptou a um aí sai daí chega outro.

Você gostou desses materiais que eu utilizei? Você consegue utilizá-los em alguma aula de Ciências ou Biologia?

Com certeza, eu acho que sim com certeza eu acho que é até para trazer a discussão abre para uma discussão muito bacana, eu vejo até assim como pode ser interessante para questões para o vestibular para o Enem que sempre traz, eu vejo um trabalho até de interdisciplinaridades.

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM ISAAC (08/11/2023)

Quem é você? O que te move?

Eu me chamo Isaac, sou do Rio Grande do Norte, eu venho uma família de comerciante e por esse motivo eu tenho formação técnica em Comércio pelo IFRN, mas nada a ver com minha trajetória, isso fala mais sobre os meus pais do que sobre mim. Acho nós, pessoas LGBT, passamos muito por isso, tentar se encaixar no que os nossos pais buscam. Depois que eu passei do Ensino Médio, que eu passei a ter mais autonomia da minha vida eu fui atrás do que eu queria, que era trabalhar com Ensino, mais especificamente com a Biologia que é a minha área de formação. Infelizmente, aqui onde eu moro as oportunidades de emprego são muito nichadas, então para você conseguir seu emprego, você precisa ter contatos e eu sou cem por cento contra isso, eu não acho isso interessante e por esse motivo atualmente eu não estou em sala de aula, com um pesar no coração, mas faz parte da minha jornada, então paciência. Ano passado eu dei aula no interior do Rio Grande do Norte, em Lagoa Salgada, foi meu único ano de experiência de sala de aula, mas foi muito enriquecedor, acho vou contribuir bastante para a nossa conversa, pois apesar de ter sido um ano, foi um ano bem agitado. Por enquanto tô aqui, mas a mente sempre à frente, em busca de crescer e continuar progredindo dentro da nossa área.

Você atuou um ano, atuou com Ciências ou Biologia?

Ciências, Ensino Fundamental II.

São difíceis, foi uma experiência bem agitada.

Como que você se auto identifica, quanto às questões de gênero, sexualidade e raça/etnia também?

Eu sou um homem branco, homem Cis branco, e apenas homossexual.

Apenas essa entidade, quase no topo da sociedade, homem branco, cis e homossexual. Como a sociedade quer que seja.

Eu tenho 26 anos de idade, sou bem novo ainda, me formei recentemente, tô chegando.

Luara: Então é isso, esse primeiro momento é para a gente se conhecer um pouco mais. Eu esqueci de te falar, mas a gente tem um termo de consentimento que após aqui, eu te mando, você não vai estar vendendo sua alma não, tá? É só um consentimento esclarecendo que essa pesquisa não tem fins lucrativos e que essa participação é voluntária e que se você desejar será em anonimato. Aí eu te mando uma cópia, você assina, me devolve, fica uma contigo, outra comigo. Então para nossa conversa, para não ficar um questionário, uma coisa assim. Como que é que eu pensei de a gente fazer: eu trouxe alguns trechos motivadores, tem dois trechos que a gente pode ler e daí depois tem duas imagens para a gente ver e discutir. Vou tentar compartilhar aqui então, me diz se vai estar vendo.

Apresentação do trecho da evolução sexual de Darwin.

Quais são suas primeiras impressões?

Lançando uma perspectiva mais contemporânea, eu acho que é uma verdade bem dura de se encarar, em que as pessoas realmente buscam isso mesmo, um padrão, uma superioridade visual ou política, ou social, então acho que apesar de ser pesado ver dessa forma, é uma coisa que existe na nossa sociedade. Eu entendo que esse texto não se aplica a gente especificamente, mas também contempla de certa forma, somos animais, né?

Durante a escolarização e graduação, você recorda de ter aprendido sobre seleção sexual?

Quando era mais novo, né? Quando eu tava estudando nunca ouvi falar disso.

Sobre Darwin, Teoria da Evolução, isso daí só para no Ensino Médio.

Então só brevemente no Ensino Fundamental porque eu estudava muito fora, confesso que na escola a gente não entrava muito nesse espectro, porque a professora não era muito chegada nesse lado mais histórico do processo de aprendizagem da Biologia e tudo mais. Vi isso mais no Ensino Médio, mas na universidade tive bastante acesso, o que é de se esperar, né? E agora, estudando pra concurso, eu tenho um pouco de ensino fundamental. Percebo que tudo isso que também me perguntou existe, mas não é trabalhado e quando eu dei aula inclusive eu fiz questão de falar bastante sobre esses assuntos.

Na graduação foi algo mais como Teoria da Evolução?

Falamos mais sobre o que ele trabalha no primeiro livro dele. Sinceramente não me recordo de ter visto algo dele sobre o gênero, talvez tenha sido passado nos meus dias de indispliscência.

A gente tinha uma disciplina optativa que era sobre a evolução do aspecto humano, então eu vi sobre isso, sobre a perspectiva de Darwin, sobre vários outros escritores de época, como que eles observavam essa divisão de gênero.

Não me veio nenhum insight específico, o que eu pensava sobre o que tá aqui no texto de que existe padrão e ele se projeta nas escolhas sexuais e mesmo com essa perspectiva dessa outra mulher, é aquela coisa, a gente sabe que é saudável fazer exercício, temos essa ciência e não fazemos. Ela traz essa perspectiva nova muito boa, o que existe é que tem pessoas que são assim e que querem que se exista, mas a gente sabe que não funciona. Por exemplo, eu terminei um relacionamento recentemente e voltei pra aquela vida bandida, e me lembrei o quão é difícil você ser uma pessoa não-padrão nesse meio. Eu não vou deixar de existir porque eu não sou uma pessoa padrão, mas eu entendo que isso me afeta, então a minha linha de raciocínio é mais ou menos essa, as pessoas que não se encaixam no que Darwin descreve como o ideal de um parceiro ou parceira, da busca sexual para criar descendentes mais fortes e que nem sempre se concretiza, diga-se de passagem, ela existe. Então quando a gente cria algo novo e é feliz nesse algo novo e temos potencial para fazer isso, a gente enlouquece.

Olha que associação maravilhosa que você fez, eu tava aqui tentando compreender e realmente faz sentido, faz muito sentido que você falou, mas eu penso: qual será então esse padrão? O que é esse padrão universal? A maioria das pessoas está nesse padrão?

Não, pois é, não existe. Padrão universal não existe.

Não se encaixam.

Apresentação do trecho de Anne Fausto Starling sobre Maria Patiño.

E aí, já tinha visto esse caso?

Já sim, quando você quando você leu o nome dela eu me lembrei. Eu não sabia que era uma doença específica, eu não me aprofundi, eu achava que ela era uma mulher trans, simplesmente, não fui atrás. Então de certa forma é uma mulher trans também.

Então na verdade aqui a gente tá falando de uma pessoa intersexo, que não tem um sexo bem definido, que pode ter os dois ou um pouco mais desenvolvido que o outro. No caso dela, foi por conta que ela tinha a insensibilidade a testosterona então as células dela não processavam a testosterona. Que interessante pensar nisso, né?

O estrogênio estaria presente independente do sexo da pessoa então, um corpo feminino se formou aí dessa mistura louca?

Eu vejo que é muito complexo esse lance porque ele é formado a partir da perspectiva, esse lance que eu me refiro a essa categorização das Olimpíadas, ela é formada pela mesma perspectiva darwinista do sexo, em que existem categorias fixas e definidas, a gente tá descobrindo recentemente pela Psicologia, pela Ciência e pela Biologia também que não é tão simples, a nossa mente tem um forte poder de interferência na nossa percepção e existem também os hormônios como no caso aqui da Patino e eu acho que é preciso reformular não só isso, mas no geral acho que essa binariedade é muito limitante porque existem milhões, bilhões de pessoas que não se encaixam nisso e elas ficam deslocadas, mas isso você sabe de trás para frente mais do que eu.

Interessante, eu acho muito legal porque quebra com um conceito que a gente fala por aí que XY é homem e XX é mulher, para mim esse exemplo quebra totalmente com isso e traz essa nova possibilidade, que não é nova na verdade, já existe, o exemplo da Patiño é um só, mas das pessoas intersexo mesmo e o quanto a gente não fala sobre isso.

Não é conveniente para os grandes, que manda no mundo, para a galera do dinheiro, do capitalismo, isso daí na verdade é mais um novo problema a ser resolvido então eles preferem jogar para baixo do tapete, aí acaba que vai marginalizando.

Por baixo do tapete.

la gerar muito processo pra explicar, uma coisa que é novidade, vamos conhecer, vamos se informar. Não é novidade, mas é pra quem consume esse tipo de conteúdo.

E os colegas tanto na minha época de aprender isso quanto na minha época de ensinar também vinham com aquela conversa: existe homem, mulher, viado e sapatão, como se viado e sapatão fosse...

Algo diferente disso.

Você conhece uma imagem? Acho que você deve conhecer uma imagem que ela pega a mente, a alma e o sexo biológico. Ela mostra a mente pode isso, a alma pode aquilo, e vai montando a identidade de gênero. Eu levei pra sala isso, acharam que eu tava levando uma coisa de outro planeta.

Primeiramente, passei na direção pra não ser crucificado pela cidade quando passasse pelas ruas, a diretora falou assim: talvez isso se torne um problema, mas você tem a minha carta branca para fazer. Aí eu fui e não foi muito bem recebido pelos alunos no primeiro momento, mas eu soube administrar, porque eu sou o tipo do professor que se aproxima muito do aluno. Então acabou a aula, eu fico na sala mais um pouco, eu me entrego, eu me submeto, me afundo na experiência, então querendo ou não, eu desenvolvo um vínculo temporário, eu não acho interessante que esse vínculo ultrapasse as paredes da escola, porque muitas vezes eles confundem e eu não é isso que eu busco, no sentido de interferir na jornada do aluno, porque eu acho que eu tenho uma cabeça muito minha muito e eles não estão prontos para encarar

as questões que eu encaro nesse momento. Então, não acho legal mesmo me aproximar tanto, mas durante o ambiente escolar, eu sempre tô ali, que nem o espírito zombeteiro. Então, eu consegui trabalhar, eu só trabalhei no oitavo e no nono ano, a pedido da diretora, eu queria trabalhar em todos, mas eu só fiquei nessas a pedido dela, e foi massa. Na turma descobri algumas pessoas LGBT que ainda não se descobriram e esse evento canônico eu não posso interferir e foi muito bacana mostrar para eles, porque nunca me mostraram, que eu tive que descobrir sozinho.

Mas sem jogar na fogueira, porque eu sei que nessa fase da vida a gente tá desesperada.

Essa cidade é pequena? Como que é?

É pequena, tem poucos habitantes, super religioso, inclusive a primeira coisa que me causou ansiedade, quando eu comecei a dar aula, não foi chegar na frente dos alunos, foi falar que eu era gay. Eu fiquei o caminho inteiro, da minha casa até lá é 1 hora e pouco, “vou falar, vou falar, vou falar”, cheguei a primeira coisa que eu fiz “Olá, me chamo Isaac, sou homossexual não sei o quê não sei o quê”, foi loucura.

Foi o assunto na cidade, na igreja o povo falava disso, tem um professor viado ali na escola, mas eu tenho o meu jeitinho super carinhoso, super acolhedor e deu tudo certo. Infelizmente, a gente precisa ser extraordinário para a gente ser considerado normal, não que eu acho que seja errado ser extraordinário eu adoro pessoas extraordinárias, mas a gente não deveria precisar fazer isso.

É uma demanda muito grande. De certa forma aquele lance da pressão dos pais que eles colocam na gente muito novo e isso a gente leva para vida inteira.

Tem uns que me chamava de menina, simplesmente porque era gay, aí chamava de professora, as meninas adoraram vinham contam dos namoradinhos, vinham contar de maquiagem, porque enfim, eles têm outra mente do que é isso. E nada me atendia, porque eu não tava lá como pessoa, tava lá como trabalhador, então meio que criava uma persona aí tudo dava certo.

Eu filtrava depois, mas na hora não. Depois que eu tava voltando pra casa, tinha 1 hora de viagem pra pensar, chegava em casa bem leve, às vezes me pegava, às vezes não.

Que interessante, porque esse ano foi assim também comigo, foi um pouco diferente, porque eu cheguei em sala e com o Médio eu tive um tipo de fala, com o fundamental outro. Com fundamental não falei que eu era uma pessoa trans, mas se eles perguntavam eu falava que sim, só me apresentei como a professora, como se não fosse uma questão, porque para mim não é. Mas no Médio eu falei que sim eu sou uma pessoa trans e entendia que erros de pronomes podem acontecer, mas a gente corrigia e já não errava e essa foi minha fala com eles, porque eles são mais adultos.

E é um espaço de aprendizado. A gente tá vivendo um momento da história humana em que isso daí já é normal. Existem resistências como em tudo, tiveram muitas que simplesmente não queriam se vacinar, por seus motivos, vai ter resistência para as novas identidades de gênero, e também vai ter resistência para a inteligência artificial, tudo que for chegando vai ter pessoas resistentes. Eu não tenho local de fala para falar sobre isso, mas acho muito interessante e assumir uma postura de ensinar, quando a gente tá no espaço de ensinar, quando a gente tá no espaço do viver, aí já não sei nem o que falar.

É verdade, satura também, tanto a pessoa que vai receber, quanto a pessoa que está transmitindo.

Tenho outro relato também, quando tava pra finalizar essa minha experiência no interior, eu fui fazer uma entrevista numa escola particular, indicado por um amigo meu, que era professor nessa escola também. E aí, na primeira aula, porque a entrevista é a própria aula, eu tava lá dando minha aula e aí eles começaram a falar sobre festa, dispensaram completamente, viraram de costas alguns para mim, falando da festa e eu entrei no assunto e aí todo mundo virou para mim de novo. Eu cometi o erro de falar, eu não tinha criado nenhum contato com os alunos e fiz a mesma coisa que eu fiz na outra escola, dessa vez eu considerei um erro, porque não era o momento certo, eu não conhecia ninguém, eu tava chegando e as coisas já estavam acontecendo, eu ia assumir na metade do ano, eu falei sobre minha sexualidade e eu percebi que pessoal da escola que tava lá na sala, não gostou, porque são pessoas conservadoras e eu fiquei super mal, porque foi uma oportunidade perdida, mas ao mesmo tempo eu fiquei super bem, porque eu não preciso passar por isso, não preciso estar em um ambiente em que não me cabe. O dinheiro fez falta, mas não era pra ser, foi um livramento de certa forma.

Pesou o clima esse assunto.

Então vou tentar voltar um pouquinho só para o texto para gente discutir um pouquinho mais. Nesse texto, trata-se da intersexualidade, que são pessoas intersexo, são muitas pessoas. Existe uma estimativa, não sei se você sabia, mas a quantidade de pessoas nascidas intersexo é a mesma ou semelhante a de pessoas nascidas ruivas. Então são muitas pessoas, né?

É uma quantidade considerável.

Minha única referência de intersexo era aquele personagem Todo Mundo Odeia o Chris, você já sabe qual é? Não vou lembrar o nome agora, mas anota aí para tu ver depois, tem um personagem de Todo Mundo Odeia o Chris, a série.

E na graduação, vou contar um pouco da minha experiência, como que eu entrei em contato com isso, a partir de patologia, no viés da patologia. Já viu aquela Síndrome de Patau, Síndrome de Klinefelter?

Sim, inclusive eu achava que tinha, quando eu comecei a estudar, como todo bom hipocondríaco.

Eu me lembro especificamente da que se dá na mulher, que ela passa a ter essa característica, mas eu não lembro qual o nome dela, mas eu lembro que o único prejuízo para mulher era simplesmente não engravidar, tem uma espécie de menopausa mais cedo na vida.

Acho que acaba sendo se a gente volta lá no primeiro texto em que o objetivo de tudo é a reprodução, nessa visão do homem é um grande prejuízo não conseguir reproduzir, é uma mulher inútil. Provavelmente por isso é uma doença.

Boa sacada, nunca tinha pensado que poderia ser por isso que categorizaram como doença.

Tem boas chances, na verdade, de ser especificamente por isso. Botei você pra pensar?

Claro, eu tô aqui aprendendo.

Eu também.

Sim, essa da menina, especificamente. E mais uma vez não foi visto em sala de aula e sim, porque eu sempre gostei de Biologia.

Quando eu estudei no IEF, eu fui monitora da disciplina de Biologia, então os alunos vinham me procurar e eu devorava o livro sempre. Eu via tudo lá, a masculina e a feminina, mas eu me interessei mais pela feminina, e quando eu vi a doença eu achei que eu realmente tinha, porque eu era uma criança muito perturbada.

Apresentação das Figuras 1 e 2 – ilustrações de Chidiebere Ibe.

Você já tinha visto você fala essa imagem essa ou alguma outra semelhante?

Eu não conhecia, quando você olha ela lhe dá uma impressão errada, porque parece simplesmente uma arte, sem reduzir o impacto, mas eu jamais olharia para isso. Digamos que eu tô passando aqui de ônibus eu não olharia para isso pensando que era algo sobre medicina, porque a medicina pende para o lado dos brancos.

Exato e ele faz justamente essas ilustrações com corpos negros para visibilizar esses corpos, para estudo, divulgação científica também, porque aqui nessa imagem é da mulher grávida e essa outra aqui é dessa síndrome Que síndrome de crush, só para dar uma falar rapidamente Eu não conhecia essa síndrome quando eu vi essa imagem, como eu gostei da imagem eu fui procurar que que era, a pessoa que tem essa síndrome ela tem uma retenção maior de gordura, não quiser que por exemplo ela pode estar mesmo fazendo atividades físicas, fazendo tudo certinho, cuidando da alimentação ela ainda vai ter essa retenção maior de gordura no corpo, por conta ali uma questão hormonal das glândulas também, achei bem bacana.

Nunca nesse aspecto e eu já consumi muito material de biologia, muito de vários autores diferentes. Inclusive essa semana eu até recebi 3 livros de nível médio da Biologia aqui de um colega meu que é para eu estudar também, ele me emprestou temporariamente, não tem não existe. Nunca vi nem no colégio ou graduação, se tem eu nunca vi nada.

Inclusive agora eu fiquei até curioso se na própria Nigéria os materiais didáticos retratam isso. Por que de certa forma se você pega um país indiano as pessoas indianas têm uma fisionomia específica, porque os livros vão ser eurocêntricos? os livros brasileiros não são tanto de fotografia, mas na parte de ilustrações geralmente é branca, mas nossa população branca não é tão grande assim, apesar de eu ser branco a minha família toda de ser branca, mas eu entendo que não somos maioria, nem perto disso.

A resposta a gente até sabe, volta para o capitalismo, mas é foda perceber que não temos esse poder todo ainda, uma ferramenta de ensino que deveria ser tão vasta é tão simples ao mesmo tempo, sem necessidade e se isso tivesse um livro onde a gente vai observar o rosto de uma pessoa e as características do rosto, um rosto indígena, agora a gente vai observar os seios de uma pessoa e o um corpo de uma pessoa indiana por exemplo. Não porque ser só um tipo de corpo, interessante de ser trabalhado com certeza.

Vamos então falar um pouquinho mais de como que foi esse teu ano que você foi prof.

Na minha mente vem uma formula de bolo que deu errado, o segundo bolo deu errado que foi o caso da escola particular.

Na primeira escola foi ótimo, eles não receberam bem, porque eu sou uma aberração para eles, eu tô chegando no circo, acabei de chegar do circo lá vem a aberração, então é uma coisa que super existe, Com certeza em todos os lugares do planeta que você for você vai encontrar pessoas da nossa comunidade, mas mesmo

assim a gente tá embaixo do tapete, inclusive às vezes quando eu comecei a conhecer novas pessoas que é o caso da minha fase atual a primeira coisa que eu falo é eu não vou viver como um rato, se você está disposto a passar por isso não vai ser comigo, eu corto mesmo, acho que foi a pior fase da minha vida foi quando eu precisava me esconder, eu não jamais quero voltar para isso. Causou muita ansiedade saber que eu iria para o ambiente de sala de aula sabendo que seriam 40 pessoas, apesar de serem crianças que estão em processo de aprender, mas são pessoas já, 40 pessoas em várias salas diferentes, muitas ideias, me deu muita ansiedade, mas eu soube administrar, foi desagradável os primeiros momentos não vou mentir, mas eu soube administrar, como eu lhe falei né anteriormente eu aprendi a ser extraordinário para conseguir uma coisa que uma pessoa ordinária conseguiria facilmente.

Com certeza, eu tenho dois amigos que eu te falei que eu poderia te indicar de cabeça agora não me lembro de 5 e dos cinco só tem um que é que nem eu, que tipo já chegou dizendo que era e pronto e os demais ficaram na deles, estão lá só para trabalhar então não precisa entrar na vida pessoal, eu entendo porque você também acabou de falar é muito custoso, existem olhares desagradáveis, existe comentários desagradáveis, mas acredito ser questão de fase, eu não tô mais nessa fase de precisar me esconder e eu super entendo quem precisa. Quando eu tô em contato com uma pessoa que tá naquela linha entre sou uma pessoa heteronormativo da sociedade inserida e vou me descobrir uma pessoa LGBTQIAP, aquela linha super desagradável que a gente tem que atravessar, o sair do armário, detesto essa expressão, quando vejo uma pessoa nessa situação eu me recolho completamente, não interfiro. Eu sei que é um processo muito foda, só quem passa sabe e as pessoas ficam tentando tirar eu fico pensando: não faz isso, não dificulta o que já não é fácil.

Eram três dias de aula na semana, na minha ideia Inicial era falar na sexta, porque aí eles teriam sábado, domingo, segunda e terça para poderem processar, mas eu disse: não para que isso?! vamos chegar chegando! E foi na quarta mesmo, na quinta-feira a diretora veio me perguntar, mas ela era muito boa, ela não foi me perguntar com acusação, ela só veio dizer que escutou um boato na igreja, por isso que eu falei que chegou na igreja. Eu disse que era verdade, imaginei que você já soubesse então eu não comentei nada, mas na sala como eu vou estar com eles direto e eu sou suspeita, gesticulo muito e minha voz é de viado.

E eu não iria fingir, então já falei logo e foi bem diverso. A diretora comentou, aí a mulher da cantina que era lésbica que se sentia uma aberração de circo, porque querendo ou não quando não existem iguais você se sente uma aberração, por mais que isso não seja verdade, ela ficou super apegada a mim instantaneamente. Eu não comia carne na época ela simplesmente levava alguma coisinha para turbinar a minha comida, olha como ela era bicho.

Eu tive uma experiência muito negativa a única específica com um aluno, ele era bem problemático e eu tenho uma postura muito diferente com esses alunos, geralmente eu tento ficar próximo, tentar ajudar de alguma forma, não mudar ou interferir na realidade dele, mas enfim mostrar aqui na escola ele tá no lugar seguro, ou pelo menos durante a minha aula, porque eu sei que não são todos os professores que se posicionam assim. E esse menino ele teve muita resistência com o meu processo de aproximação com ele, em um momento ele começou a espalhar que eu estava dando em cima dele, eu fiquei chocado, foi o momento mais desagradável que eu vivi nessa escola. Eu abri mão, expliquei para diretora o que tinha acontecido, o que eu estava tentando fazer e como eu já tinha feito isso com outros alunos problemáticos de outras turmas ela entendeu o que realmente não tinha acontecido isso. Eu não queria ter me explicado, mas eu me expliquei, porque eu entendi que

poderia se tornar maior do que tudo e pedofilia é algo muito grave, enfim acho que foi a experiência mais desagradável que eu tive nessa escola. Para a minha sorte os professores eram muito próximos a mim, então eu de certa forma tinha uma proteção.

Você falou que foi falar com a diretora... Como é que foi?

Em primeiro lugar eu sou uma pessoa inexorável quando eu tô na plenitude da minha razão, então não tive receio algum, fui totalmente de coração aberto esperando não ser recebido inclusive, Também esperando que fosse muito bem aceito principalmente, então quando eu levei essa atividade para a diretora primeiramente expliquei para ela, eu disse para ela importância e queria que isso não fosse uma aula, mas uma oficina da escola, porém, como ela achava que era uma coisa muito adulta, eles tem essa mentalidade. Pequena estatística para te passar, esse interior é o que tem maior índice de prostituição infantil, daqui do meu estado, e por esse motivo é que eu quis abordar esse tipo de assunto. A gente ia fazer uma feira de ciências, porem por falta de recurso não rolou, então eu pensei que essa feira de ciências pode ser em horário de aula e pode ser com cartolina e coisas mais simples, fiquei muito tempo idealizado, mas não rolou, não era do interesse deles.

Então levei esse material eu falei para ela que a gente devia trabalhar isso e ela disse que não é interessante falar de sexualização com as crianças, eu pontuei a questão da prostituição infantil do Estado, mas não rolou, tentei várias vezes e não rolou. Mostrei para ela, expliquei como que o processo de formação da identidade de gênero, e ela concordou, porque eu acho até hoje que ela não compreendeu, por isso que deu certo. Levei para o oitavo ano e foi super tranquilo, usei alguns alunos da sala de exemplo que se sentiram à vontade e aproveitei eles, a maioria hetero cis. Levei também para o 9º ano, surpreendentemente eles tinham vergonha de falar sobre isso, na turma tinha um aluno que ele é autista e foi maior desafio, porque quando eu comecei a falar disso ele ficava dizendo que o povo dizia que ele era gay só porque ele nunca tinha namorado. O menino tinha 15 anos, é muito engraçado você ver as crianças com quantas sérias de adulto, no caso nunca tem namorado, é outra mente, é outro planeta eu quando eu paro para pensar nos problemas que a gente tem agora nessa faixa etária eu fico pensando: porra galera queria trocar de lugar.

Sim, eu já desanimo os meus, se vocês têm esses problemas vão ter muito mais depois, não se preocupa sempre dá para piorar.

Na escola tinha um homem trans, não era um homem trans, mas eu tô usando essa expressão porque eu identifico dessa forma, porque nitidamente era. Ele ia para escola vestido de “menino” e ele gostava de ser chamado de Miguel, o nome de registro não importa, mas só eu e ou menina que eu fiquei próximo o chamávamos de Miguel, nem a diretora respeitava porque dizia que era muito burocrático, enfim era essa mentalidade. Ele era do oitavo ano, eu me dei de exemplo sobre a minha construção de gênero e depois eu pedi para Miguel ir e ele não quis, porque ele ficou com vergonha e depois da aula eu conversei com ele, a gente conversou e entrou nesse assunto, dei algumas referências para ele se informar, porem às vezes a gente fica com um pouco de receio da ignorância dos Pais, como: ah meu filho, minha filha começou a achar que é macho por sua causa. Eu não tenho esse pode.

Eu tenho uma experiência aqui também, como a sua professora durante uma reunião que a gente faz quase toda semana no colégio com todos os profs., a diretora falou usou um caso de um aluno trans que queria utilizar seu nome social e falou para todos os professores, e os colegas já utilizavam, mas qual que foi o ponto, os pais não queriam, então não poderia utilizar, não poderia

trocar na chamada e da diretora fez uma fala dizendo não podemos usar, porque se não os pais podem processar a gente por estar incentivando, vai provar que a gente tá incentivando como? Não tem não tem como, mas claro que muitos profs. ficaram com receio, foi uma fala da diretora para coibir a utilização do nome social quando não tem na chamada. É difícil porque a maioria é menor de idade, então realmente eles não podem, mas na real eles já sabem muito sobre e já querem experimentar, já querem ter essa experiência Nossa que bom que eles estão já cedo se entendendo. Eu vejo que o maior problema não é entre eles, no geral eles se dão muito bem, um ao outro que às vezes tem questões, mas quando você vai investigar de onde que vem é da família.

Limita muito também a experiência da pessoa que se entende tão jovem, porque no caso Miguel, tinha 14 /15 anos de idade, eu acho e era bem jovem para já ter essa consciência, porque eu por exemplo não sabia, não tinha nenhuma referência, tive meu primeiro celular quando eu passei no ENEM em 2016 tinha 19 anos, eu não tinha nenhuma referência sexual, não sabia nem o que era, eu sou uma pessoa que foi ter contato com a vida sexual adulto já e não foi um problema para mim. No caso de Miguel bem jovem, tem celular, tem acesso à internet, querendo ou não as redes sociais estão cheias de soft porn e não são lugares de crianças, não é nem para ter perfil, mas eles já sabem mexer no celular mais do que a gente, então é complexo. Eu acho que eu não diria que meu processo de amadurecimento sexual foi o mais saudável, porque existem milhares que podem ter sido mais do que o meu, mas eu acho que eu fui muito feliz sendo assim, estando com a cabeça preparada para lidar com isso e não simplesmente: Ah eu tinha uma revista pornô aqui no chão do meu pai e agora eu gosto disso.

Depois que nosso querido bolsonaro entrou no poder ele quis implementar aquele lance de diretrizes e bases, não ele, mas enfim durante o desgoverno dele. Participava de reuniões com o município e o primeiro semestre do oitavo ano ensinamos sobre reprodução, quando foi para o segundo eles queriam falar sobre energias eu falei gente de jeito nenhum que a gente vai passar sem falar de reprodução humana, na cidade que tem maior índice de prostituição infantil é impossível a gente passar em branco esse assunto, eu acho que é muita falta de noção de vocês. Consultei os materiais do ano anterior e do ano da pandemia, não ensinaram, foi reprodução e energia, não passou por esse assunto, já não tem informação de qualidade sobre isso, a informação que tem é literalmente o próprio sexo em si, a gente não tem olho de raio X para ver que a vida está cheia de vírus, cheio de doença entre outros riscos, um erro gravíssimo.

Durante o tempo que você lecionou, falou sobre isso? Utilizou algum material interessante?

Eu inclusive eu baguncei aquela escola completamente para o nono também, porque com certeza eles não tiveram acesso a esse tipo de educação. Fiz uma oficina semanal em que eles participavam da aula e aí o professor pegava o meu horário junto com eles, cortei o semestre do nono ano do assunto que era para ser, que se eu não me engano era genética, também importante, mas tinha essa demanda local, achei que foi mais significativo para eles. Baixei várias imagens para levar e passar em um projetor. Ao lado do colégio tinha uma UBS, onde fui e conversei para fazer uma ação educativa com as crianças e ensinar as questões de saúde desde o uso de preservativo.

E quando foi na hora de ensinar a botar a camisinha foi aquela risada, ficaram naquela euforia. Mas quando teve reunião dos pais eu fui questionado, como sou uma pessoa muito bem preparada consegui lidar com a situação.

Olha eu sinceramente não guardei os questionamentos, a maioria era: porque eu precisava falar disso se a criança não praticava? tem gente que dizia que não cabia a escola falar sobre isso. Só comprovava que era uma cidade em que sexo ele simplesmente chegava na vida das Crianças, muitas provavelmente eram estupradas, pois era uma cultura da cidade. A reunião era uma grande sala em que todo mundo conversava, mas enfim era o que tinha, uma mãe me fez a pergunta e várias perguntas vieram, porque elas não conheciam e eu tive que dar uma aula durante a reunião dos pais, mas eu estava preparado, então foi tranquilo a outra professora de ciências também me ajudou bastante e ela fez parte desse processo, nós movimentamos a escola com esse assunto.

Eu passei todos os obstáculos possíveis, minha meiga quem tem sangue de Lampião não tem obstáculo não. O primeiro maior obstáculo que eu considero foi interno, eu me senti à vontade de falar sobre isso, porque é um assunto que para mim falar sobre sexo é natural não tem problema nenhum e comigo educação sexual também. Mas era um ambiente que eu estava chegando eu não tinha nome, sou professor de primeira viagem naquele ano, acho que o segundo obstáculo também foi a falta de interesse do pessoal da UBS, foram antipáticas, então eu percebi que elas não estavam afim de assumir essa função. Outro obstáculo também que eu encontrei foi o financeiro durante todo o ano letivo, tivemos problemas com alimentação algumas vezes. Acho que outro obstáculo também foi a falta de material para aula expositiva, então precisei levar o meu tablet e infelizmente onde eu moro aqui na capital de Natal tem grandes criminalidade e o colégio fica em Lagoa Salgada no interior, eu ia de ônibus que dava uma hora e meia de viagem, então teve esse risco de levar meus equipamentos até o interior, porque eu voltava super tarde. Mas foram obstáculos que nunca me paralisaram.

E depois ainda teve o obstáculo dos pais.

Sim, mas esse eu considerei só um feedback, eu não vou mentir para você, para mim a pressão ela se resume aos alunos e mais nada, tinha uma equipe pedagógica bem ruim na escola, tirando a diretora que ela era super apoiadora, os professores eram uma equipe muito boa, mas tinham as maçãs podres. Dar aula para mim é só eu e os alunos e pronto, nada mais me abala, não vejo o ambiente escolar como um todo, porque eu não o vejo funcionando, quando funcionar com certeza eu vou me integrar, porque eu também não sou besta, mas não levo muito em consideração quem interfere negativamente.

Eu acho que eu consigo resumir essa experiência com a metáfora do circo, a gente tem um lugar em que existe uma normalidade, que nós pessoas LGBT estamos chegando nesse ambiente como uma atração de um circo, então tudo que a gente faz é muito novo, o jeito como nos comportamos, como falamos, porque o exemplo do menino que achou que eu estava interessado nele foi fruto desse lidar diferente que nós temos, nós pessoas extremamente sofridas, extremamente marginalizadas entendemos a dor de estar nessa posição, que era a posição dele, quando trazemos uma forma diferente de lidar em casos problemáticos. Pois a tendência dos outros professores e das pessoas no geral na sua vida é de isolar, a partir do momento em que uma pessoa lida diferente com esse comportamento, quebra sua mente, distorce tudo. É como se fosse uma grande atração de circo chegando na Cidade Nova para fazer meu grande show.

Vai ter Professor viado sim!

Quando eu saí os alunos achavam que eu tinha saído por causa por causa da sexualidade, correu um burburinho na cidade que rolou algum tipo de homofobia comigo, na verdade eu só fui maltratado entre aspas por esse aluno em específico, mais ninguém.

Desses materiais que a gente viu, você consegue visualizá-los em uma aula de Ciências ou Biologia?

Com certeza, inclusive na hora que você mostrou a imagem do das pessoas negras como ilustração científica eu pensei na hora tem que ter em alguma aula minha, não só como um elemento de explicação como também de identificação. A gente isola o estudo em caixas para facilitar o entendimento, mas não existe esse isolamento na vida real, então trazer essa visibilidade é muito importante. E sobre os textos especificamente eu já vejo lugares específicos para se encaixar, acho que talvez para a realidade de uma criança que é extremamente dispersa ele seja muito denso, mas é super válido pegar citações desses textos.

ANEXO A – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: DESOBEDIÊNCIA NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA:
NARRATIVAS AUTOBIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS DISSIDENTES DO ENSINO
BÁSICO

Pesquisador: LUARA ARTHUR FEOLA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 74112223.7.0000.0105

Instituição Proponente: Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.420.620

Apresentação do Projeto:

Esta pesquisa busca investigar e discutir o espaço que corpos dissidentes de gênero e sexualidade, cores e etnias não-hegemônicas ocupam no ensino de Ciências e Biologia na educação básica. As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivos da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2204125, de 11/09/2023.

Objetivo da Pesquisa:

Partilhar narrativas autobiográficas de docentes de Ciências e Biologia, em relação ao espaço que pessoas dissidentes de gênero, sexualidade, cores e etnias não hegemônicas ocupam no ensino dessas disciplinas.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos: Apesar do risco ser pequeno, pode ocorrer cansaço ou aborrecimento ao participar da entrevista;

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22

Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900

UF: PR **Município:** PONTA GROSSA

Telefone: (42)3220-3282

E-mail: propespsecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 8.420.620

constrangimento ao se expor durante a realização da entrevista; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento durante gravações de áudio; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre sexualidade e gênero; medo da quebra do anonimato Benefícios: É uma pesquisa inovadora, que visa mostrar outros olhares para o ensino de Ciências e Biologia, com a perspectiva de professoras do ensino básico que se entendem enquanto pessoas dissidentes de gênero, sexualidade, cores e etnias não hegemônicas. Possibilitará criação de narrativas que ainda não foram ouvidas, com intuito de valorização dessa experiência docente e possibilidades de criação de novas orientações para o ensino dessas disciplinas

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa de mestrado, qualitativa, com entrevistas junto a 3 professoras. Período de coleta: outubro a dezembro.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatório estão corretamente preenchidos e anexados na Plataforma. Em anexo e de acordo com as resoluções 466/2012 e 510/2016

Recomendações:

Enviar o relatório final ao término do projeto de pesquisa por Notificação via Plataforma Brasil para evitar pendências.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Projeto foi aprovado sem restrições, após avaliação documental. O projeto se encontra dentro dos princípios éticos e metodológicos, de acordo com o Conselho Nacional de Saúde, Resolução

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE
PONTA GROSSA - UEPG



Continuação do Parecer: 8.420.620

466/2012 e 510/2016.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2204125.pdf	03/10/2023 00:21:12		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	03/10/2023 00:18:24	LUARA ARTHUR FEOLA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_Luara.pdf	11/09/2023 09:08:54	LUARA ARTHUR FEOLA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Luara.docx	10/09/2023 22:19:55	LUARA ARTHUR FEOLA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PONTA GROSSA, 10 de Outubro de 2023

Assinado por:
ULISSES COELHO
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Gen. Carlos Cavalcanti, nº 4748, UEPG, Campus Uvaranas, Bloco da Reitoria, sala 22
Bairro: Uvaranas **CEP:** 84.030-900
UF: PR **Município:** PONTA GROSSA
Telefone: (42)3220-3282 **E-mail:** propespsecretaria@uepg.br